ARQUIVO HISTÓRICO DA MADEIRA

VOLUME

I

4136
Nº 4
S.3; E 10; P 4

PÁGINA EM BRANCO

PÁGINA EM BRANCO

PÀGINA EM BRANCO

Arquivo Histórico

da

Madeira

SUMÁRIO

Arquivo Histórico do Município do Funchal . . Pág. 1
O Imposto de S. Tiago e a procissão do voto, segundo os manuscritos do tombo municipal 4
Cousas de ontem e de todos os tempos . . 12
Posturas q fizerão os officiaes do anno de oiteta & sete 15
António de Abreu, descobridor das Ilhas de Maluco, não é António de Abreu, natural da Madeira e capitão duma nau das Índias em 1523 21
Testamento de D. Francisco Soares de Cisneiros 29
Criação e funcionamento da Aula de Desenho e Pintura do Funchal 36
De Rebus Pluribus 48

Vol. I N.º 1

PÁGINA EM BRANCO

Arquivo Histórico da Madeira

DIRECTOR

João Cabral do Nascimento

Editado pela Câmara Municipal do Funchal

MCMXXXI

PÁGINA EM BRANCO

Foto de Melim

Grav. de Marques Abreu

Arquivo Histórico do Município do Funchal

Fólha 1.ª do 1.º tomo do Registo Geral

PÁGINA EM BRANCO

Arquivo Histórico da Madeira

REVISTA TRIMESTRAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO (da Associação dos Arqueólogos Portugueses)
Secretário: ÁLVARO MANSO

Composto e Impresso
Tip. Casa Pathé
Rua da Carreira, 24

MARÇO DE 1931
Vol. I — N.º 1

Redacção e Administração
Paços do Concelho
FUNCHAL. ILHA DA MADEIRA

Arquivo Histórico do Município do Funchal

A pág. 341 e 342 do 1.º vol. do *Elucidário Madeirense* encontram-se as seguintes judiciosas considerações, no artigo *Elementos para a História Madeirense:*

«O mais importante e copioso repositório de informações e notícias que interessam á história dêste arquipélago encontra-se no arquivo da Câmara Municipal do Funchal, que contém muitos e valiosíssimos documentos, sobretudo dos séculos XV, XVI e XVII, sendo bastante para sentir que se conservem inéditos na sua quási totalidade, com excepção dos que o Dr. Álvaro Rodrigues de Azevedo publicou nas suas eruditas anotações ás *Saudades da Terra*. Este distinto professor e advogado, referindo-se a êste arquivo, diz, no artigo *Madeira* do *Dicionário Universal Português Ilustrado*, o seguinte:

«O mais rico é o da Câmara Municipal do Funchal, que «tem um bem elaborado reportório, em dois grandes tomos de fó-«lio, com o título *Indice Alphabetico dos Tombos do Senado do «Funchal*, obra de António José de Jesus Lamedo, porteiro e guar-«da-livros da mesma Câmara, e que chega até 1794; êste reportó-«rio é fundamental para o estudo da história insulana, não só ma-«deirense senão tambem açoreana e cabo-verdeana, e ainda da his-«tória ultramarina em geral: muitas vezes o obscuro autor dêste «artigo solicitou inùtilmente da aludida Câmara a publicação dêste «precioso e desconhecido manuscrito, e agora aproveita a ocasião «para reiterar o pedido á mesma e fazê-lo ao govêrno, á Acade-

«mia Real das Sciências de Lisboa e á benemérita Sociedade de «Geografia.»

«A publicação do índice organizado por Lamedo seria sem dúvida um apreciável serviço prestado aos estudiosos e aos investigadores da história madeirense, mas as corporações administrativas dêste arquipélago deviam realizar obra mais completa, procedendo á publicação integral dos tomos mais antigos do arquivo da Câmara do Funchal, de muitos documentos que se encontram em outros arquivos e diversos manuscritos existentes nas mãos de vários particulares, a alguns dos quais nos referimos neste artigo. A exemplo do que fizeram os açoreanos, há muito que entre nós se devera ter pensado na publicação duma revista de carácter essencialmente regional, em que fôssem arquivados todos os documentos que se pudessem carrear como materiais indispensáveis para a história do nosso arquipélago.»

. . . . . .

Esta velha aspiração de alguns dos nossos conterrâneos, de possuirmos uma revista em que sejam transcritos documentos inéditos de valor histórico (e onde também se publicariam artigos de carácter arqueológico e artístico) começa finalmente a realizar-se. A Comissão Administrativa da Câmara Municipal dêste concelho, em sua sessão de 10 de Março último, assim inteligentemente o deliberou. Antes, porém, de iniciarmos a reprodução de o que de mais notável houver não só no tombo municipal, mas também em outros cartórios públicos ou particulares do distrito, necessário se torna informar os leitores sôbre o que são e o que valem os livros manuscritos do Arquivo Histórico do Município do Funchal,—que assim designamos para o distinguir da parte mais moderna da mesma repartição, de secundário interêsse para a índole dêste boletim.

1.º O REGISTO GERAL

Começaremos pelo chamado *Registo Geral*, 19 volumes encadernados, que principiam em 1469 e vão até 1841. Dos seus primeiros 13 livros organizou no fim do séc. XVIII António José de Jesus Lamedo um repertório alfabético, com óptima caligrafia e em dois grossos tomos de carneira.

Mais tarde, foram feitos índices dos volumes 14°, 15° e 16° em cadernos soltos e ùltimamente cartonados com um índice de *Escrituras* e outro de *Contas Correntes*. Quanto aos dos três derradeiros livros do *Registo Geral*, acham-se já noutros tantos cadernos avulsos, devendo com todos estes elementos, comparados e corrigidos, organizar-se um catálogo definitivo, que esperamos poder começar a imprimir num dos futuros números dêste boletim.

O tomo 1.° do *Registo* é de letra gótica até á fôlha 345, que alcança o ano de 1485, sendo o restante, até á fôlha 420 v.°, no cursivo das respectivas épocas,—pois se lhe aproveitaram as fôlhas em branco, já depois de escritos outros tomos.

A fôlha 1.ª e a 3.ª são iluminadas, predominando naquela (que reproduzimos neste fascículo) o azul, côr de rosa, verde e ouro; e na outra, o sangue de drago e violeta.

A letra inicial de cada registo é artisticamente desenhada.

Pertence ainda a esta colecção o *Tombo Velho*, miscelânea de documentos autênticos que não fôram transcritos na devida altura, ou de que, tendo-o sido, se conservou no entanto o original. Esperamos concluir e publicar brevemente um índice alfabético dêste tombo.

2.° O LIVRO DAS POSTURAS

Assim denominaram êste códice, que principia reünindo as posturas feitas em vereação nos fins do século XVI e continua com as *Tomadas de Contas* aos tesoureiros da Câmara, de 1640 a 1641.

A parte das posturas tem iniciais iluminadas. Aí se encontram títulos acêrca dos *Guados e toda outra Res & Criação; daninhos; Ribejras e Testados; Reguateiras, Padeiras, pescadeiras, vendedeiras; Moleiros; Examinações, fianças, juramentos; Pezos, Medidas, Couados, varas; baga de louro; mercadorias; macanicos.*

Na página 56 estão as *Posturas acrescentadas no Ano de Mil & Qinhentos & setenta & dois*, das quais transladamos algumas neste número, ficando ainda para outra ocasião as que versam sôbre *Engenhos, Tanoeiros, Titulo do Biscoito e Titulo dos Navios q vão pera o Brazil, etc.*

(Continua)

O Imposto de S. Tiago e a procissão do voto segundo os manuscritos do tombo municipal

No livro 2.º das *Saudades da Terra* escreveu Gaspar Frutuoso (1):

«No anno de 1521, quando El-Rey D. Manoel faleceo, havia no Funchal grande mortandade de peste, de que Deos nos livre; e porque havia annos que ella andava na cidade, o Capitam Simão Gonçalves e a Camara elegeram por sortes por Padroeiro da mesma cidade ao Apostolo Santiago Menor, (2) no cabo da qual lhe fizeram huma boa casa, onde foram em procissão. E porque, sem embargo disso, a peste não cessava, no anno do Senhor de 1538 inspirou Deos em todos, como em hum coração e vontade, que não houvesse Guardas Mores, nem Menores; e na mesma procissão, que se fez por seu dia o primeiro de Mayo, lançaram pregão que todos os feridos deste mal, e os sãos fossem juntamente misturados a sua casa, onde lhe offereceram no altar as varas dos Guardas, as quaes ainda hoje ahi estão por memoria; e quando tornaram, vieram os feridos todos sãos: e daquelle dia até hoje, pelos merecimentos do Bemaventurado Santiago, não houve mais peste na Ilha da Madeira, bemdito seja o senhor! Pelo que, se faz em lembrança desta mercê muita festa a este Sancto por seu dia, como que fora do Corpo de Deus.»

(1) Pág. 194 da edição de 1873.

(2) Os outros Santos que entraram no sorteio foram: os doze Apóstolos, S. João Baptista, e ainda Cristo e Nossa Senhora.

Dêsse ano em diante, ficou a Câmara com o encargo do culto a S. Tiago Menor, zelando pelo brilhantismo das festas que se lhe faziam e procurando obter receita para ajuda dessas despesas. Como era de obrigação nas procissões reais entrarem os oficiais mecânicos com danças burlescas, que em pouco tempo se tornaram indecentes, revolveram os vereadores, já no séc. XVIII, pôr côbro a isso, em cumprimento de ordens régias, fazendo então com que o gasto delas se aplicasse ao culto do mesmo santo.

No livro manuscrito *Provimento dos Corregedores*, onde pormenorizadamente se relata a correição que, no ano de 1768, veio fazer a esta Ilha o Dezembargador Francisco Moreira de Matos, encontra-se explicado o facto. Entre as preguntas feitas ao Senado por êste magistrado, uma incidiu sôbre quais eram e quanto deixavam as rendas da Câmara. A fl. 6 está esta resposta:

«Pertense mais á Camara a pequena renda chamada de San Tiago, Padroeiro desta Ilha, e a sua totalidade se applica annualmente para culto e ornato do mesmo Santo Padroeiro; e tem sua origem de que antigamente custumavão os Taberneiros e Fanqueiros Breieiros (1) da Cidade e Campo, padejadores de pão, os medidores de pão, os arrumadores de Navios os mariollas (2) da Alfandega, os almocreves, que acarretão vinhos, e os da lenha, os moleiros dos moinhos desta cidade, e Santa Luzia, armar suas danças e figuras nas procissoens Reaes, e para se destarrar esta abuziva profanidade, em execução das ordens de Sua Magestade convierão os ditos em darem huma pequena contribuição applicada ao culto do Santo Padroeiro, e esta se arrematou no Anno passado de sete centos e sessenta e sete pella soma de cincoenta e hum mil reis, e no presente pella de setenta e cinco mil e cem reis.»

A arrematação a que se refere o livro dos Corregedores, está registada noutro, *Inventario e Rendas da Igreja de S. Tiago* Vamos transcrever a adjudicação do referido imposto feita no ano

(1) (O)breiros: ajudantes; ou (o)breieiros, que fazem ou vendem obreias.
(2) Carregadores.

de 1734, por ser o primeiro em que ela se verificou. Vem a fl. 31, 31 v.º e 32 do mencionado *Inventário:*

> «Auto de arramatasam da renda das danças que hiam nas prosissois q. se mandaram poruhibir por indesentes e o gasto delas se aplicou p.' o senhor San Tiago noso Padroeiro a qual arramatou Manoel da Trindade de vas.ºs goarda da Camara por vinte sinco mil reis.

Anno do Nascimento de noso Senhor Jesus Christo de mil sete centos e trinta e coatro. Em os treze dias do mez de Janeiro do dito anno nesta cidade do Funchal da Ilha da Madeira nas casas do senado da Camara dela ahonde estavam prezentes em auto de vereasam que estavam fazendo o Doutor Juiz de fora Sebastiam Mendez de Carvalho e os vereadores Jorge Correa Betencurtt: digo correa de vas.ºs Joam de Freitas da Silva Diogo de Ornellas de Vasconsellos e o Procorador do Conselho Pedro de Betencurtt Henriquez e os procoradores dos misteres Antonio de Souza Tanoeiro Domingos de Cairos alfaiate e sendo asim todos juntos como dito he mandaram ao Porteiro do Conselho Francisco de Gois Pinto trosese a pregam a dita renda das pessoas que dansavam dansas burlescas nas prosissois riais como heram Taverneiros, fanqueiros, oleiros desta cidade e campo, padejadores, medidores, arumadores de navios, mariolas da alfandega, Borriqueiros q. trazem vinho, e leinha, e moleiros para a ramatar hoje para o produto dela ser para o aumento do altar e Ijreja do Senhor San Tiago noso Padroeiro o qual porteiro com hum ramo verde que na mão trazia trose a pregam a dita renda e o maior lanse que ouve foi maior lansou Manoel da Trindade de vas.ºs goarda da Camara de vinte sinco mil reis com o qual lanse andou o dito porteiro nas ditas casas da Camara pasiando de fora para dentro e de dentro para fora dizendo que vinte sinco mil reis lhe davam pela renda do Senhor San Tiago que quem mais quizesse lansar se viese a ele e que lhe reseberia seu lanse e

que afronta fazia e mais nam achava e que lhe dava huma duas e duas e meia e huma mais pequeninha em sima e isto afrontando a todos que na dita Camara estavam e que na rua pasavam e por nam aver q.m mais quisesse lansar da sobredita quantia mandaram os ditos vereadores que se a ramatase e logo o dito porteiro meteu o ramo verde que na mão trazia na mão do dito lansador Manoel da Trindade de vas.os e lhe ouve a dita renda por a ramatada por este anno somente pela dita quantia de vinte sinco mil reis e logo pelo a ramatado foi dito que para cabal satisfasam desta renda dava para seu pagam.to treze mil reis do ordenado do seu ouficio de goarda da Camara e asim mais coatro mil reis que se lhe dam todos os annos p.a as novas e coatro mil outo centos reis de procorador das cauzas deste Senado que tudo he pertensente a este anno de mil sete sentos e trinta e coatro que se vense no ultimo de Dezembro do dito anno o que por sua pesoa e bens se oubrigou a pagar o mais resto que fica devendo e he de tres mil e duzentos reis como tambem toda a dita quantia porque tinha a ramatado a renda sendo cazo que nam chegue a venser o sobredito dinheiro asima declarado e para tudo aprezentou por seu fiador e prinsipal pagador a Manoel Batista de Oliveira e por ele foi dito que por sua pesoa e bens se oubrigava a pagar a dita contia de vinte sinco mil reis no cazo que o dito a ramatador Manoel da Trindade os nam pague na forma sobre dita sem que a iso ponha duvida alguma nem posa alegar em norансia (1) nem couza que o releve da sobre dita oubrigasam o que em tudo se sugeitava as leis dos fiadores e parasim o dizer fiz escrever mo digo fiz este auto de a ramatasam q. mandaram fazer os ditos vereadores que asignaram com o dito a ramatador fiador e porteiro do Conseilho eu Gaspar p.a de vasc.os o escrevi.»

Existe ainda no Arquivo da Câmara o livro ms. *Reedificação da Igreja de S. Tiago Menor*, com descriminação da receita e despesa havida com essa obra, que foi deliberada em vereação de 30 de Janeiro de 1754.

(1) Ignorância

*

O *auto do voto* feito pelo Senado e Capitão do Funchal em 1523 vem transcrito a pag. 726-727 das *Saudades da Terra* (notas de Azevedo). É copiado duma miscelânea manuscrita, desconhecendo êste autor onde estava o original. Nesse auto faz-se referência à deliberação da Câmara, dizendo-se ter sido em 11 de Junho de 1521, o que é êrro, pois foi no dia 8 do mesmo mês e ano, conforme se lê no *Livro das Vereações de 1520-1522* (fol. inumerada).

*

Acêrca das *figuras* a que se referem os documentos transcritos, encontramos no *Livro das Vereações de 1632*, a seguinte deliberação, a fl. 27 (15 de Maio):

«Na dita vereação se assentou q os mariolas em todas as festas q se fazem na cidade de obrigação, e procições, e assim os pretos e mais peçoas q ganhão dn.ro á mariola, concertassem os gigantes e os levassem á sua custa nas dittas procissões o q farão daqui em diante p.o sempre, levando o pai dos gigantes, cõ mais o seu tamb'oril; e assim os negros de ganho, todos o fizessem de que fiz este assento q assinarão. André Homem de Gouvea o escrevi o q cumprirão com penna de dois mil rs pagos da cadea p.o acusador e cõselho, dito o escrevi.»

E ainda esta, a fl. 30:

«Em os vinte e sete de Maio de mil seiscentos e trinta e dous annos, nas cazas da cam.ra estando em meza os s.rs off.es da camara juiz e vereadores ahi veio a cam.ra diogo Frz o bicudo mariola a quem eu escrivão li o assento atras folhas vinte sete, e os ditos senhores o elegerão por mordomo e juiz dos gigantes, p.o os mandar concertar e levar nas procissões de todo o anno de obrigação o que se fará daqui em diante p.o sempre, e lhe derão juram.to q elle aceitou e prometeo fazer seo offiçio; e lhe derão por companheiro pascoal cordoeiro mariola. E assinou o dito mordomo diogo frz. André Homem de Gouvea o escrevi.»

Estes «gigantes» estavam em 1665 na casa do preto capataz dos mariolas, como se vê no *Livro das Vereações* do respectivo ano, a fl. 32 (29 de Maio):

«E na dita vreação pareceu nela o Preto capatas dos mariolas P.° Cabral requerendo q os bojejros lhe levavão muitas cajxas de asuquar por toda esta Cidade emq lhe tiravão muito ganho e pedião aos senhores vreadores q. elles querião tomar á sua conta os jigantes desta Cam.ª e tellos em suas cazas e sustentalos e mandalos hir a todas as pursiçoes a q são obrigados a hir os ditos jigantes p.° o q se obriguavão e loguo pellos dittos vreadores lhes foi dito q levando elles os jigantes e obriguandosse na forma dita q elles lhe fazião m. de lhe conseder visto elles levarem os ditos jigantes q. asentavão e ordenavão q nenhu Bouejro deoje por diante levace maes nehuãs cajxas de asucar por esta cidade salvo elle dito capatas lhe dar a dita licença visto os ditos prettos se obriguarem a levarem a sua custa os dittos jigantes em todas as prociçoes e denunciado algu dos ditos Bojejros paguavão Des tostois p.° o Comselho por coanto vão maes seguras as ditas cajxas de asucar nos mariolas e nos Bojejros corresem Risquo sem p.° isso os dittos prettos mariolas altararem em levar as dittas cajxas de asucar o presso senão q sempre foj uzo e custume sob pena de mil rs p.° o dito Comselho e serão obriguados a hirem todas as pessoas q os chamarem p.° o q. se deitara pregão nesta cidade p.° q. venha as noticias aos dittos Bojejros todos.»

Em sessão de 2 de Maio de 1696 (fl. 22 v.° do livro respectivo) resolveram aplicar várias multas aos indivíduos que não haviam comparecido na procissão de Santiago, faltando com as figuras e danças de obrigação. Assim, condenaram aos juízes do ofício de sapateiro em 2 mil réis cada um, por não levarem a sua insígnia, que era o Drago; aos juízes do ofício de alfaiate, com a mesma pena, por faltarem com a Serpe na procissão; aos do ofício de moleiro, também com igual multa, por não levarem o Anjo nesse cortejo religioso.

O mordomo dos hortelões foi condenado por não ter ido com o carro; os dos boeiros, por não levarem a dança das espadas; os

arrieiros por faltarem com a metade dos «cavalinhos fresquos»; os carniceiros e taverneiros em 5 tostões por não terem feito a dança costumada; e ainda os «pescadeiros e pescadeiras», medidores e arrumadores por não comparecerem com as «peleas» (1); os padeiros, carreteiros, tripeiros e as «pessoas que amasão p.ª a prassa» também por faltarem com a dança «a que são obrigados»; os lavrandeiros na mesma forma, e igualmente os «maginarios», pintores, calafates e cordoeiros, assim com os juízes do ofício de oleiro; e o barbeiro Diogo Pereira, por não levar a vara de S. Jorge. E finalmente condenaram em 4 mil réis o «rendeiro brabo Domingos Ferr.ª por não fazer sua obrigasão em vigiar as ditas faltas e avesar em Camara aos oficiais».

Na reünião seguinte foram, porém, quási todos absolvidos, alegando cada qual suas desculpas: os arrieiros não tinham mais que dois cavalos; o alfaiate Francisco Nunes, porque não lhe tocava nesse ano ir com a bandeira; os oleiros, por não terem espartos com que se fizessem os vestidos; os calafates por «não estarem em custume botar dansas alguas»; e outras escusas, que parece infiuíram na benevolência dos vereadores.

Nesta mesma data foi resolvido eleger Maria da Cunha, mulher de Inácio de Paiva, para juntamente com Maria da Conceição, mulher de Matias de Freitas, «botarem a dansa dos molhachinos (2) por D.ª da Trindade ser fanqueira e não vender vinho.»

*

A trasladação do Padroeiro São Tiago Menor para a sua «casa nova» fêz-se, possivelmente, em 25 de Maio de 1789, como se infere do exarado a fls. 55 do L.º de «Correspondencia do Senado com os snrs. Generais, de 1771 a 1805» e cujo teor é o seguinte:

(1) *Pélas:* raparigas que bailavam postas nos ombros dos dançarinos.
(2) *Molachinos ou moçocos:* meninos do côro. Viterbo, *Eluc.*

«Ill.mo e Ex.mo Snr.

Temos concordado fazer a Trasladasam da milagroza emagem do Snr S. Tiago Menor Padroeiro desta Ilha da Santa Sé a sua propria Igreja na manham do dya 25 de Maio proximo futuro com solene prosisam que ade proseder hum Triduo na mezma Santa Sé principiado a 22 do referido mez e no fim delle 24 de tarde huma prosesam que ade dar a volta da Sinza, e porque, em semilhantes funçoins foy sempre estillo desparar a arthelaria das fortalezas dezta cidade na noite da vespora do Triduo nos tres dias delle ao levantar a D.ª, e ao meio dia e Asave Marias e ao pasar da primeira prosesam a Fortaleza do pico a do polourinho e a da Alfandega e na da tresladasam o mesmo do pilourinho e a da Alfandega e o do forte novo e de San Tiago o bloquaremçe as Ruas por onde pasam ambas as prosisoins com soldados da ordenança. Para que nesta asam não faltem estes devidos obzequios Rogamos a V.ª Ex.ª se digne mandar pasar as ordens nesesarias p.ª que se efctuem cujas merses esperamos de V.ª Ex.ª porque igualmente sabe reconhecer e rathaficar os beneficios que de deos temos recibido pellas Intersisoins do mesmo nosso glorioso Padroeiro.

D.ª g.de a V.ª Ex.ª por m.tos an.os Camara 21 de Março de 1789 Antonio Roiz vellozo de oliveira. Franc.º Correia Bettancur. Jacinto Joaq.m de Freitas da Silva Lomelino. Diogo de ornellas frazam».

Cousas de ontem, e de todos os tempos

O PERIGO DA VELOCIDADE NO SÉCULO XVIII ...

«D.ºr Juiz de Fora Vereadores Procurador do Concelho por S. Magestade Fedelissima e os dos Misterers do Senado da Camara desta cidade do Funchal da Ilha da Madeira &. Fazemoz saber q̇ constando noz por muitas Informaçoins e ainda por requerimentoz os repetidoz e prejudeçiaes acazoz q̇ nas ruas desta cidade tem acontecido ás pessoas q̇ por elias tranzitão perigozoz á saude, contrarioz ao Suçego, e origem de continuoz Sustoz a todas as dittas pessoas procedidos da dezordenada velocid.ª com que pellas mesmas ruas andão os mossoz e escravoz, nas bestas e os Arrieiros, ou borriqueiroz asim do campo como da Cidade a cavallo, ou a pé com a carga ou sem ella fazendo nas mesmas ruas desnecessarias e desfiladas carreiras como se focem campinas, o que tambem fazem os Boieiroz, huns e outros atorpelando assim não só aoz Segos, aos coixos, as crianças mas tambem a todas as mais pessoas que no voltar de huãs para outras ruas achão aquelles rapidoz incontroz nos quaes ficão huas pizadas, outras descompostas e todas no risco de vida, com o susto e com o incomado. Para q̇ sejão evitadoz todoz os referidoz acazoz e prejuizoz. Mandamos a todas as Pessoas, e mossoz ou Escravoz q̇ pellas ruas desta cidade se Conduzirem a cavallo, o não fação com dezordenadas carreiras, mas sim no natural Passo das bestas, dos Arrieiroz ou borriqueiroz da m.ma fr.ª o pratiquem, e que levando mais q̇ hua besta as levem amarradas humas ou vão com carga ou sem ella, aos Boieiroz que levem os bois no m.º na-

tural passo delles sob pena de quinhentoz reis p.ª o denunciante pagoz da Cadeya a arbitrio alem de pagarem o damno aq̇ p.ª contravenção derem cauza, acujas prizoins procederão logo no ato em q̇ forem achadoz quaesq.' off.ªs de Vara Portr.ºs braboz ou juradoz tomando duas Testemunhas. Este será publicado na fr.ª do Estillo de q̇ se paçará certidão. Dado no Fa.' em Camara sob nossoz signais e sello aos 5 de Abril de 1785».

(Do L.º 2.º dos *Editais da Câmara, de 1778 a 1810*, fl. 33 v.º)

TODOS PARENTES EM 1599

«Auto do que requererão o Juis Martim Glz de andrada e o Vereador o L.ºº Alvaro vaaz de Corte.

Á margem: O q.ª se ezcusava de servir de ver.ºr pr ser parente do outro no 4º grao e sem emb.º diso toi md.º q. servise e q. daria c.ª a S. Mag.de porq. nesta cid.ª todos herão parentes.

Anno do nascimento de nosso snor Jesuchristo de mil e quinhentos noventa e nove annos em o primeiro do mez de janeiro do dito anno na cidade do Funchal da jlha da madr. nas casas da camara per o desembargador o Doctor Andree Lobo foi mandado ao L.de Alv.º Vaaz de corte q̇ aceitasse o juramento q̇. lhe dava para servir o carreguo de vereador este anno como saira per pillouro e pello dito L.de foi respondido que elle era parente dentro no quarto grao de Henrique de Betancor de vasconcellos e tambem saira por vereador pello que conforme a ordenação não podia servir q̇ pedia e requeria a sua merce o escusasse o que visto pello ditto desembarguador tomada informação de pessoas velhas achou que não era

possivel desencontraremse tanto os parentescos antre os homes da governança desta cidade que se podessem escuzar pello q. lhe mandava que elle servisse o dito carreguo. E que escrevia sobreisso a sua M.ª e pello Juiz Martim Glz dandrada q. tambem sajo no dito pillouro foi dito que elle era parente mujto cheguado de manoel de vasconcellos que tambem saio per juiz no mesmo pillouro e de Henrique de betancor vereador q. pedia a sua merce o escuzasse pois comforme a ordenação não podia servir com os ditos seus parentes. E per o dito desembarguador foi mandado que elle acejtasse o dito carreguo e juramento pellas razõis asima ditas e que escreveria a sua M.ª e lhe daria conta de como não podia dejxar de se encontrar o parentesco dos homes da guovernança porquanto todos erão parentes, e que elle os obriguava e constrangia a servire e lhes mandava tomar o dito juram.to e mandou q. eu escrivão fizesse este escrito em q. assinou. Dioguo paez da Cunha escrivão da camara o escrevi.»

(*Do «Livro das Vereações»* do ano de 1599, fl. 3)

Posturas q̃ fizerão os offiçiaes do anno de oitẽta & sete (1587)

« SAPATEIROS

« TAUXA

Huas botas de doze pontos de munto boa pelle quinhentos e cinquoenta rs e dando a pelle cento e quorenta rs huns rostos de duas sollas cento e sesenta rs e de huã solla cento e vinte rs. huas sollas dobradas nuventa rs. huã solla sesenta rs.

Huas botas de outo nove atee dez pontos de hua Pelle muyto boa quoatrocentos e sincoenta rs. huns rostos de duas sollas dobradas oitenta rs. huas singellas sesenta rs.

Huas botas pera moços de cinquo seis sete pontos trezentos rs. huns rostos de duas sollas cento e dez rs, huns Rostos de huã solla noventa rs. huãs sollas cincoenta rs.

Huãs cervilhas (1) corenta rs.

Botas de meninos de dois tres quatro pontos Pretas de duas sollas duzentos rs. Rostos com sollas dobradas oitenta rs. Rostos com sollas singellas setenta rs. sollas dobradas sesenta rs. sollas singellas corenta rs.

Botinhas Vermelhas de meninos de atee sete outo anos cem rs.

Sapatos de duas sollas abrochados (2) de dez onze pontos atee doze pontos cento oitenta rs.

(1) Sapatinhos de couro fino.

(2) Abotoados.

Sapatos de oito nove pontos da mesma maneira cento quorenta rs.

Sapatos de cinquo seis pontos do mesmo cento e vinte rs.

Sapatos de tres quatro pontos de moços do mesmo cem rs. de huã solla setenta rs.

Botinas de molheres de cinquo até sete pontos vermelhas boas cento e sesenta rs. cabeças do mesmo setenta rs.

Botinas de molheres de tres quatro pontos da mesma maneira cento e vinte rs. cabeças sesenta rs.

Botinas de meninas atee sete annos setenta rs, e cabeças cinquoenta rs.

Chapins de hum couto de molher duzentos e quorenta rs. e de quatro dedos cento e setenta rs, e de tres dedos cento e quorenta rs. e de dous dedos cento e vinte rs.

Pantufos de molher de tres quatro dedos cento e quarenta rs.

Chapins de meninas atee sete annos setenta rs.

» ALFAYATES

Huã Ropeta de gorgorão ou bocachim (1) ou de qualquer ceda ou pano fino forrada ou de baeta ou canjante (2) cham sem passamanes (3) duzentos rs. de feitio.

Huã Roupeta de qualquer pano cham com sua bainha se forro hum tostão de feitio e sendo debruada oito vintens.

Huns calções franceses de ceda ou gorgorão ou Raxa (4) forrados de linho e lona duzentos rs. de feitio e sendo de panno de qualquer sorte com hu soo forro seis vinteis de feitio.

Hum gibão singello com hu soo forro de çeda ou panno ou olanda cento e sincoenta rs. de feitio.

(1) Ou bocaxim, tela encerada para entretelar vestidos.
(2) Canjante (do it. cangiare, mudar)-Cambiante, furta-côres.
(3) Fita ou cordão de fio de ouro, prata ou seda.
(4) Raixa, serja ordinária de lã.

Hum gibam de olanda crua com seus dous forros picados e mangas darmar muyto bem acabado duzentos e quareta rs. de feitio.

Huã Ropeta de baeta singella hũ tostam de feitio.

Huã capa de baeta com bainha ou sem ella hũ tostam de feitio.

Hum farrigoilo (1) de quoalquer pano cento e sincoenta rs de feitio.

Huã capa agoadeira de capello duzentos rs. de feitio.

Huãs fronhas trezentos rs. de feitio.

Huã monteyra (2) de ceda ou de panno debruáda forrada hum tostão de feitio.

E quanto aos moços de quinze annos pera baixo se teraa nisso Respeito conforme as idades dahi pera baixo.

Hum sahio pera molher de çeda ou Raxa ou panno fino a hum ou a dous dibruns ou barras de ceda muito bem acabado trezentos rs. de feitio e de baeta ou sarja ou outro quoalquer panno com seu debrum duzentos rs.

Huã Vasquinha (3) de ceda ou panno fino com hũ debrum ou barra duzentos e sincoenta rs. e sendo de panno com seu debrum do mesmo panno oitenta rs.

Hum manto de burato (4) ou ceda forrado pella borda com seu froquo duzentos e quorenta rs. e sendo de sarge hum tostão.

Hum gibão de molher de çeda Picado a dous debruns cento e sincoenta rs. e de olanda ou panno da India hum tostam.

Hum capuz com sua carapuça cento e sincoenta sendo forrado de çeda.

» BOIEIROS

Todo o boieiro não levara mais por geira ou dia q̃ sete vinteis e de comer.

(1) Ou ferragoulo=gabão de mangas curtas com cabeção e capuz.
(2) Carapuça.
(3) Saia curta com muitas pregas em volta da cintura.
(4) Espécie de sendal preto.

Todo o trabalhador de enxada não levara mais por dia que dous vinteis e de comer.

Hum mançebo pera todoserviço de canas ou vinhas nam levara mais por anno que quoatro mil e quinhentos rs. e de comer.

O almocreve q̇ anda com asnos não levara mais por anno q̇ tres mil e quinhentos rs. e de comer.

Hum almocreve que anda com bestas muares não levara mais por ano q̇ seis mil rs. e de comer.

Hum moço de soldada atee quinze annos alimentado e vestido pera serviço da serra de moinho e de ffonte por hum anno mil e duzentos rs.

Huã moça de moinho fonte Ribeira de quinze até vinte annos alimentada e vestida não levara mais por anno que mil rs.

Hum cazeiro pera hum lugar de vinhas não levara mais por anno q̇ sinquo mil rs. de soldada e de comer.

Hum Pedreiro e carpintr.° sendo examinado não levara a mais por dia sem comer q̇ cento e sincoenta rs. de jornal.

Obreyros de Pedreyros ou carpintr.° nam levaram mais por dia de jornal seco que hum tostão.

Hum servidor de Pedreiro não levara mais por dia sequo oitenta rs.

» FERREIROS

Hum Prego de meo telhado não Valera mais que hum Real.

Hum Prego de telhado nam Valera mais que dous rs.

Pregos caixaes não Valerão mais q̇ o cento a quoatro vinteis fejtos na terra.

Os Pregos contaes não Valerão mais q̇ a seys rs.

Os Pregos Palmares nam valerão mais q̇ a quinze rs.

Enxadas de soqua não valerão mais q̇ a sete vinteis e de Regos hum tostam e de çearas cento e cinquoenta rs.

Podões de podar hum tostão e de mateiros cento e vinte rs. e de almocreves hum tostão.

Machados de fraguear hum cruzado e de carpintr.ºs qujnhentos rs.

» FERRADORES

Huã duzia de ferragem pera cavalos com seu cravo duzentos e quorenta rs. e Pera bestas muares duzentos rs. e pera asnos sete vintejs.

Nenhum ferrador botara ferradura a cavalo sendo sua com seu cravo por mais q̃ trinta rs. e a besta muar o mesmo preço de trinta rs. e aos asnos a vinte rs.

E sendo caso q̃ seus donos dem a ferragem levarão de feitio de suas mãos por ferradura de cavallo ou muu outo rs. e asno seis rs. o q̃ se entendera de aterracar e lavrar o casquo.

» OLEIROS

Hum alguidar Pequeno vinte rs.

Hum alguidar daveiro quorenta rs.

Hum barril de barro de duas canadas trinta rs.

Hum barril de quatro canadas sesenta rs.

Hum azado de seis canadas oitenta rs.

Hum azado de doze canadas cento e sesenta rs.

Huã panella de tres canadas vinte rs. e sendo de quattro canadas quorenta rs. E de huã canada dez rs.

Huã panelinha cinquo rs.

Huã tigella de fogo de duas canadas vinte rs. huã mais pequena dez rs. E outra de tres canadas corenta rs.

Huã de quoatro orelhas grande oitenta rs. outra pequena cinq.ª rs.

Huã frigideira meam dez rs. sendo grande vinte rs.

As tigellas de comer tres rs.

Huã quarta de hum almude corenta rs. e huã de seys canadas trinta rs. e outra de tres pera quoatro canadas vinte rs.

Pucaros pequenos de aza tres rs. e de duas azas de huã canada vinte rs.

Fugareiro grande oitenta rs. meão quorenta rs.

Hum servidor (1) grande corenta rs. hum piqueno vinte rs.

Almotalia de canada vinte rs. e de m.ª canada vinte rs. digo dez rs.

» BARBEIROS

Nenhum Barbeiro levara mais por sangria dentro na cidade q̇ trinta rs.

E por barbear dous vinteis e sendo moço sem barba hum vintem e menino meyo vintem.

» CARNEÇEIROS

Todo carneçeiro não levara mais q̇ cincoenta rs. por cada Rez q̇ esfolar sendo grande e sendo pequena quorenta rs, e por cada aroba de carne q̇ cortar dez rs.

Por cada porco q̇ matar trinta rs. e cada aroba q̇ cortar dez rs. e chibarros e carneiros de esfolar e cortar quorenta rs.

(1) Vaso para os excrementos.

António de Abreu, descobridor das Ilhas de Maluco, não é António de Abreu, natural da Madeira e capitão duma nau das Índias em 1523

Em livros de história, nos dicionários biográficos e nas memórias genealógicas, aparece sempre o nome de António de Abreu (herói de Malaca e descobridor das ilhas ao norte da Austrália) como filho de João Fernandes de Andrade ou do Arco e de sua mulher Beatriz de Abreu, povoadores da Madeira e aqui estabelecidos desde o século XV. Assim podemos ver, entre outros, em o nobiliário manuscrito de Henrique Henriques de Noronha, académico provincial do século XVIII, no *Dicionário Popular* de Pinheiro Chagas, no *Dicionário Universal Ilustrado*, no *Elucidário Madeirense* e nos *Alicerces para a História Militar da Madeira*, do sr. A. A. Sarmento.

Em tôdas estas obras se relatam os feitos guerreiros e as viagens dum António de Abreu, o seu regresso ao reino e por fim a sua volta ao Oriente como comandante duma nau, já então despachado capitão-mor do mar de Malaca. Divergindo quanto a algumas datas e a um ou outro pormenor, todos porém, unânimemente, o fazem filho de João Fernandes do Arco. Apenas Henrique Henriques observa que João de Barros, «com más informações» o dá, em certo lugar da *Ásia*, por filho de Garcia de Abreu, um fidalgo morador em Avis, contradizendo a filiação apresentada noutro passo da mesma obra.

Persuadidos de que havia êrro em João de Barros, os historiadores subseqüentes aceitaram a emenda e completaram desta forma a biografia de António de Abreu: natural da Madeira e filho de João Fernandes, passou a Marrocos, onde deu grandes mostras de valentia. Foi em 1511 à Índia e acompanhou Afonso de Albuquerque no Mar Roxo e na conquista de Malaca. Aí pronunciou, quando ferido nos queixos, uma frase qne ficou célebre, e vem geralmente transcrita. Enviado por Albuquerque a explorar os arquipélagos da Insulíndia, por lá se demorou, descobrindo as ilhas de Maluco e talvez a Austrália (R. H. Major, *The Life of Prince Henry of Portugal...* pág. 450).

Tornando ao reino, a dar conta dos descobrimentos que fizera, obteria em 1522 (Henrique Henriques) ou 1526 (Chagas e outros) a capitania mor do mar de Malaca, embarcando para lá neste último ano, numa armada de oito velas, duma das quais foi capitão. Eis, a largos traços, a vida do famoso herói tal como a relatam quási todos os livros que dêle se têm ocupado.

A fonte principal dêstes informes é a *Ásia* de João de Barros, na 2.ª e 3.ª década. E, se bem que neste assunto o dêem por mal informado, a sua lição do facto é a única lógica e verdadeira, não passando as narrações posteriores — principalmente a do articulista anónimo do *Dicionário Popular* — de uma série de progressivas confusões, a ponto de se incarnar num mesmo indivíduo, duas personagens diferentes, embora comtemporâneas e homónimas.

Vejamos primeiro atentamente o que diz o historiador quinhentista:

Década 2ª, livro 6º, cap. V: «Vindo as aguas com a Lua nova, que Affonso d'Alboquerque desejava per este effeito de tomar a ponte com o junco que pera isso ordenava, mandou nelle Antonio d'Abreu, filho de Garcia d'Abreu hum Fidalgo morador em Avis, com todolos mantimentos...» (pag. 72-73 da edição de 1777). Isto foi a 23 de Julho de 1511.

Década 3ª, liv. 5º. cap. VI. Título: *Das cousas que sucederam a Antonio Dabreu & Frãcisco Serram que Afonso Dalboquerque na tomáda de Maláca mandou descobrir as Ilhas de Maluco*

& *Banda*. Texto «...Afonso Dalboquerque tomáda a cidade Maláca no anno de onze (segundo a tras escrevemos) como ella era hua feira de oriente e ponente.... determinou pelo muito que importava ha conservação della, mandar per aquellas partes orientaes noteficar que todos viessem sem receo algum.... Sobre a qual cousa pera a mais favorecer, mandou Antonio de Mirãda Dazevedo a Siam, a Pegú Ruy da Cunha e a Jaoa & a Maluco Antonio Dabreu.»

.....

«Partido este Antonio Dabreu com os tres navios que dissemos, fez sua viagem caminho da Jaoa: levando alem de pilotos Portugueses, alguns Malayos & Jaos que andavã naquella navegaçã. & o primeiro porto q. tomou foy da cidade Agacim q. é na Jaoa. E dahy foy ter á ilha de Amboino q. é já do senhorio de Maluco, que será della obra de sessenta légoas....»

«Antonio Dabreu depois que nesta ilha Bãda pos padrões de seu descobrimento.... comprou um junco de térra pera vir nelle Francisco Serram. E por o tempo servir pera Maláca, ouve por mais serviço del Rey tomarse com nóva do que tinha descoberto, & mais vindo tam carragado, q. ir a diãte a Maluco pera onde lhe nã servia.» (*Serrão, devido a um temporal, afasta-se do companheiro*). «Com tudo elle Antonio Dabreu chegou a Maláca: & depois vindo em companhia de Fernã Perez a este Reyno pera dar côta do que descobrira naquella viagem, *faleceo no caminho.*» (*A seguir relata o que sucedeu a Francisco Serrão*). Fôlha 136 v. e seguintes da edição de 1563.

Vemos portanto que António de Abreu, natural de Avis, se acha na conquista de Malaca, em 1511, e em seguida a ela é enviado por Albuquerque à exploração das ilhas de Maluco e Banda. Regressa mais tarde a Malaca; e por fim, vindo para o reino, morre no caminho. E aqui termina a sua biografia.

O segundo Abreu, que se tem pretendido identificar com o primeiro, aparece na *Década 3ª, liv. 7º, cap. 9º*. Trata aí o autor da chegada a Ormuz do governador D. Duarte de Meneses, já depois do falecimento do rei D. Manuel (em 1521). D. Duarte e seu irmão D. Luís de Meneses seguiram então para Goa, onde «acháram oito

vellas que este anno deste Reyno partiram pera a India, duas somente pera trazer carga de especearia, Capitães Heitor da Silva, filho de Francisco da Silveira Coudel mór deste Reyno e Antonio d'Abreu filho de João Fernandes do Arco da Ilha da Madeira, que partiram de Lisboa a tres de Maio.» (pág. 211 da edição de 1777).

Tudo isto é muito claro. Vimos como Barros descreve a morte, no mar, de António de Abreu, filho de Garcia de Abreu, quando voltava ao reino na companhia de Fernão Peres. Devia ser por 1518, pois êste Peres chegara a Malaca nesse ano, de volta da China. Vimos depois como o mesmo historiador narra a partida, de Lisboa, das oito velas, a 3 de Maio (de 1523, como se provará adiante com a *Crónica* de Francisco de Andrada). Ia por capitão duma delas ontro António de Abreu: tanto é outro, que Barros diz a filiação, como faz quando apresenta, pela primeira vez, os seus heróis; e lógicamente outro, sabido como está que o primeiro morrera na viagem, quatro anos antes!

Agora, portanto, é que entra em scena o da Madeira, o filho de Beatriz de Abreu. Diz Henrique Henriques que êle ia despachado capitão-mor do mar de Malaca, cargo obtido em 1522; todavia, por esta altura, desempenhava esta função um Manuel de Sousa. O seu nome no entanto aparece mais tarde como juiz no pleito suscitado em Goa entre os governadores Pedro Mascarenhas e Lopo Vaz de Sampaio. Couto não o menciona na 4.ª década da *Á'sia*, mas vem referido em Andrada, *Crónica de D. João III* (pag. 133, parte II).

*

Como já observámos, o genealógico Henrique Henriques de Noronha (seguido por todos os autores já mencionados) relata a estada em A'frica dum António de Abreu, que teria passado depois à India, viajado por Maluco, e emfim regressado ao reino e anos depois voltado outra vez ao Oriente. Mostrámos como, nesta sucessão de factos, se alternavam como protagonistas dois indivíduos homónimos, confundidos no mesma pessoa pelos citados escritores.

E' precisamente da narrativa de Henrique Henriques que se podem tirar as proposições que destroem a sua versão, as quais juntas às provas reünidas adiante, por completo demonstram o êrro tão insistentemente propalado. Diz êle no seu *Nobiliário Genealógico...* (Andrades, § 5.°) que A. de A. assistiu à conquista de Safim (1508) e acompanhou o duque de Bragança D. Jaime na *tomada de Azamor; donde passou á India...* e foi mandado por Albuquerque, etc. Ora o duque de Bragança saíu com a sua armada de Lisboa, em 1513, rendendo-se a praça de Azamor a 3 de Setembro dêsse ano. Em 1513, A. de A., o filho de João Fernandes do Arco, estava portanto em África. Se passou depois à India, não seria para acompanhar Afonso de Albuquerque na conquista de Goa (que foi em 1510) nem na de Malaca (que foi em 1511); não podia igualmente ser encarregado da exploração de Maluco, porque o Abreu que se desempenhou dessa missão partiu de Malaca logo após a tomada desta cidade e andou pelos arquipélagos da Malásia até talvez 1518. Quanto a ter seguido ao mesmo Albuquerque na expedição do Mar Roxo, parece-nos que nem um nem outro Abreu o podiam humanamente ter feito, contra o que pretendem os biógrafos modernos.

Basta saber-se que a dita expedição se verificou em 1513 (Adém foi acometida a 26 de Março) qnando o Abreu do Arco estava no norte de África e o das Molucas navegava por essas ilhas! Efectivamente, no *Arquivo Histórico Português* de António Leite Machado Bastos, publicado em 1891, mencionam-se dezassete capitães que entraram no Mar Roxo, mas não aparece nessa lista nenhum Abreu (pág. 73).

De maneira que, separado o filho de João Fernandes do seu homónimo navegador, fica ainda assim com honrosa biografia: combateu em África (pelo menos em Safim e Azamor) onde estiverem também seus irmãos Jerónimo e Francisco e seu primo Fernão Dias, como se depreende das estofes 69ª e 70ª do livro 6.° da *Insulana* de Tomás. Em 1523 partiu de Lisboa para Goa, sendo capitão duma nau, e pelo Oriente se demorou rodeado de prestígio, como o prova a escolha que os fidalgos dêle fizeram para ser um

dos juízes num conflito entre dois governadores.

As outras circunstâncias atribuídas à sua vida, como o ferimento no queixo quando do desembarque em Malaca e o descobrimento das ilhas ao norte da Austrália, essas pertencem ao outro A. de A., filho de Garcia de Abreu, que foi um fidalgo do Alentejo. E' a êle com certeza que Francisco de Sá de Meneses, na *Malaca Conquistada* (Livro XI) chama èpicamente *forte Abreu*.

Provámos, com o próprio texto de João de Barros, que havia dois Antónios de Abreu. Como Henrique Henriques de Noronha, relatando as supostas façanhas do Abreu do Arco, declara que todos os «historiadores daquêle tempo o testificam», convém folhear êsses historiadores para mostrarmos como se iludiu o genealógico setecentista.

Brás de Albuquerque, nos *Comentários*.... edição de 1774, a pág. 115 e a pág. 182 (Parte 3.ª) nomeia António de Abreu, respectivamente, entre os fidalgos que se acharam na tomada de Malaca e como capitão-mor da armada de exploração às Molucas. Em nenhum dêstes passos nos dá a filiação.

Damião de Góis, na sua *Chronica do... Rei D. Manuel*, edição de 1790, pág. 96 (3.ª Parte) indica também António de Abreu como tendo estado na conquista de Malaca, mas é igualmente omisso quanto ao nome do pai e terra da naturalidade. São, pois, testemunhos que não depõem a favor da tese *um só Abreu* mas que entretanto não invalidam a hipótese *dois Abreus*.

Ainda poderemos citar o livro *Estrangeiros no Lima* (tomo II, pág. 344) publicado mais tarde, em 1791, por Manuel Gomes de Lima Bezerra. Aí se diz (ao tratar da estirpe dos Abreus de Portugal) que, entre os varões ilustres dêste apelido, «basta recordar o valor com que pelejou na expugnação de Malaca Antonio de Abreu, filho de Garcia de Abreu». A seguir fá-lo capitão-mor daquela possessão. E' um exagêro ao envés: o autor confere ao primeiro Abreu uma mercê que seria depois concedida ao filho de João Fernandes do Arco. Há, porém, um documento decisivo neste assunto, e que expressamente guardámos para o fim. E' o depoimento do capitão-

-mor Diogo Lopes de Sequeira, prestado em 1523, quando se mandou tirar uma inquirição «acêrca do que se tem passado em Maluco, desde que Afonso de Albuquerque canquistou Malaca». Vem nos documentos elucidativos que seguem às *Cartas de Afonso de Albuquerque*, publicadas pela Academia das Sciências, em 1910. Diz assim a pág. 149:

«Item — preguntado pello quarto apontamento, disse que he verdade que antonio dabreu foy a maluco, como tem dito, e caregou de cravo e macas, e tornou a malaca, e dally, jndia, donde veo camjnho de purtugall; e, as ylhas dos açores, moreo.»

Depois dum depoimento tão autorizado como êste, é inútil continuar a discussão. António de Abreu, o herói de Malaca e descobridor da Austrália, era filho de Garcia de Abreu, natural de Avis, e morreu antes de 1523, no seu regresso ao reino, pelas alturas dos Açores. O outro António de Abreu, filho de João Fernandes de Andrade, do Arco da Calheta, ainda não estava então no Oriente. Partiu para a India só em 1523, reinando D. João III e governando a Índia D. Duarte de Meneses, que serviu no triénio 1522-24. A saída de Lisboa tem sido apresentada, já vimos, como um regresso de Abreu às partes orientais, em galardão dos serviços prestados em Malaca. E dizem todos que ela se efectuou em 1526.

Ora nós já sabemos que êste Abreu é outro, o da Madeira. E a data em que êle embarcou não é essa, mas sim 1523, já porque chegou à Índia no govêrno ainda de D. Duarte de Meneses, que não foi além de 1524, já porque o diz explícitamente Francisco de Andrada, na *Chronica do... D. João o III deste nome*, pág. 165 (Parte I) da edição de 1796. E' a abertura do capítulo XXXXVI: «Este anno de 1523 partirão para a India sete naus, de que foy capitão mór Diogo da silveira, e das outras erão capitães dom Antonio dalmeida, Eytor da silveira, Manuel de macedo, Pero da fonseca na loba de Jorge lopez bixorda, Antonio dabreu, e Aires da cunha...» Diverge de Barros apenas quanto ao número de velas, pois neste são oito e em Andrada, sete.

Há ainda um terceiro António de Abreu na scena militar portuguesa do século XVI. Foi amigo de Camões, com quem privou na Índia e era filho de Duarte de Abreu Castelo Branco. Por ser já da segunda métade do século e não ter sido confundido com os dois primeiros, deixá-lo hemos em paz.

Testamento de D. Francisco Soares de Cisneiros.

« Em nome da Sanctissima Trindade, Padre, Filho, Spirito Sancto, tres pessoas, só hũ Deos Verdadeiro. » Saibam quantos este instromento virem, como no anno do nascimento de nosso Senhor JESU Christo de mil, e seis centos e noventa e nove annos, ao primeiro dia do mez de junho nesta cidade do Funchal da Ilha da Madeira nas minhas casas da Rua da Carreira, em q. vivo, Eu Dom Francisco Soares de Cisneiros, estando em meo perfeito juizo, e entendimento, q. o Senhor foi servido darme, temendome da morte e dezejando por minha alma no caminho da salvação, faço este meo testam.to na forma seguinte. » Primeiram.te encomendo minha alma á Sanctissima Trindade, q. a creou, e rogo ao Padre Eterno pellos meressim.tos do seo Unigenito Filho a queira receber; & a meo Senhor JESU Christo peço, q. na vida q. esperamos me dê o pr[emio] de seos meressimentos. Rogo á gloriosa Virgem M[aria] nossa Senhora May de Deos, e a todos os Sanctos, particularmente ao meu Anjo da guarda, e a São Francisco, e aos mais, a quem tenho devação queiram por mim interceder, e rogar agora, e na hora da minha morte, porq. como verdadeiro christão protesto de viver e morrer em a sancta Fee catholica, e crer o q. cre a sancta Madre Igreja de Roma, e nesta Fee espero .... minha alma, não por meos meressi-

mentos, mas pellos da sanctissima paixão do Unigenito filho de Deos. » Rogo a minha molher a Senhora Dona Antonia Tavares, e a o Senhor Gaspar Mendes da Vasconcellos, e a meo genro o Senhor Alvaro Dornellas de Vasconcellos q. por serviço de Deos, e por me fazerem merce queiram ser meos testamenteiros. » Meo corpo será sepultado no convento de São Francisco na sepultura de minha mulher, em o habito dos mesmos Religiosos, q. me acompanharão, e o mais clero, e confrarias, assim as de q. sou Irmão, como as q. costumam, o q. fica á disposição de meos testamenteiros. Pesso ao senhor Provedor, e Irmãos da Mesa da Sancta casa da Misericordia acompanhar meo corpo, como de Irmão, q. sou. » Por minha alma deixo quinhentas Missas de esmolla de cem rs: a saber duzentas, e sincoenta no altar de JESU da See, e as outras duzentas e sincoenta a honde meos testamenteiros quizerem. E ao mais breve, q. poder ser se me fará hũ officio na sobredicta Igreja de São Francisco, e outro de Freguez na minha Parochia, com a solemnidade, e esmolla costumada. » Declaro q. tenho herdeiros necessarios, q. são minhas duas filhas a saber soror Doña Isabel da Encarnação freira professa no Mosteiro de Sancta Clara de nossa senhora da Conceição desta Cidade, e Doña Caterina Fee de Cisneiros mulher do Cappitão Alvaro Dornellas e Vasconcellos. » Declaro q. foi meo cazamento por carta de ametade: & assim se partirá entre mim e minha mulher todo o monte na forma, q. as Leis o dispoem. E porq. no q. me cabe as duas partes são das dictas minhas filhas herdeiras necessarias na forma, q. a Lei o determina: e só a terça [he minha] disponho della pello modo seguinte. » Declaro no[meio] e instituo por herdeira universal da dicta minha terça a minha mulher Doña Antonia Tavares, e por sua morte a minha filha soror Isabel da Encarnação por esmolla para suas necessidades, e por sua morte a minha neta Soror Antonia do Amor Divino com pe[n]ção de repartir com suas irmãs que forem Freiras no dito Mosteiro a ametade da dicta minha terça. E quero q. por morte da ditta minha netta Antonia do Amor Divino fique a ditta terça para todas minhas nettas Freiras socorrerem suas necessidades; e

por morte [da] ultima ficará a ditta minha terça ao meo descendente da minha linha, e sexo, e nesta forma de successão andará athe o fim do mundo sem se poder dividir, nem alhear, seguindo-se em tudo a Ley do Reyno na materia dos Morgados, e isto com penção de tres Missas a nossa Senhora da Encarnação em cade hũ anno para sempre: com declaração q. não só dispois q. esta minha terça entrar na sucessão te[nha] para sempre a dita penção, mas tambem a terá em quanto durar a vida as pessoas de minha mulher, de minha filha Freira, e de minhas netas Freiras na forma sobreditta. Declaro q. querendo o Mosteiro entender na ditta minha terça logo passará aos pobres do Hospital desta Cidade, para q. comam a ametade do seo rendimento, fazendo cumprir a penção das dittas tres Missas e a outra metade do rendimento a darão á ditta minha filha, ou nettas, q. freira professa for, e isto em quanto durar a vida da filha, [ou nettas] Freiras professas: porq. por sua morte seguirseha a ordem, q. fica declarada, q. he em perpetua successão, como assima digo dispois da morte de minha mulher, Filha, e nettas Freiras. Declaro, q. faltando descendencia de minha filha Doña Caterina Fee de Cisneiros para haver de succeder na minha terça, a deixo em tal cazo a Confraria do Sanctissimo Sacramento da Igreja de São Pedro desta Cidade, para q. se conserve inalienavel, e do rendimento della me mandarão dizer metade em Missas pella minha alma, e pella alma de minha mulher, em cujo numero entrarão as tres á nossa senhora da Encarnação, e tudo em quanto o mundo durar. Declaro, q. tomo esta minha terça em trinta mil rs. q. em cada hũ anno tenho de foros nesta cidade, Villa da Calheta, e fajaa da Ovelha, e no mais, q. a contesser para enchimento della. » Declaro q. ha annos Eu, e minha mulher forramos, e demos Carta de Alforria a o nosso Escravo baço por nome Felipe; & assi não he iusto se lhe ponha duvida a sua liberdade, porq. lha demos em vida. » Na melhor forma q. posso nomeio os serviços, q. meos filhos Dom Francisco Soares de Herrera, e de Dom Joseph Soares de Cisneiros fizeram a Sua Magestade, e os q. lhes tocavam em merce, q. o dito senhor fez a meo filho Dom Francisco Soares de Herrera na pessoa de

meo netto Aires Dornellas e na falta deste em hũ de seos irmãos, o mais velho, q. vivo for, para q. o possa [re]querer e [pro]var. » Declaro q. no lugar da terça q. possuo, instituida pella senhora Doña Isabel de Valdeveço minha sogra, gastei mais de seiscentos mil rs. em milhoramentos e bemfeitorias, todas feitas com os bens do cazal, pello q. o successor da ditta terça pagará o q. justo for. » Declaro q. eu, e minha mulher fizemos hũa Escriptura de Dote a nosso genro o Cappitão Alvaro Dornellas e Vasconcellos antes de se receber com a ditta nossa filha Doña Caterina Fee de Cisneiros; E ao dispois de cazados lhes fizemos outra por nossa quietação e socego, porem declaro por descargo de minha consciencia, q. se não faz menção de mil cruzados, q. mais lhe demos em pessas de ouro, e prata, e hũ preto por nome Antonio q. comprei a Manuel Valente por settenta mil rs. e em outras couzas. & com esta declaração desencarrego minha conciencia. » Declaro q. eu, e minha mulher, dêmos por nossa vontade ao ditto nosso genro hũ Escravo creoullo chamado Alberto, q. o ditto vendeo para a Calheta por sincoenta mil reis, o qual preto dêmos [por] no[ssa von]tade, assi como por nossa vontade forramos o Escravo baço Felippe. » Declaro q. quero e he minha vontade q. se dê credito a hũ Rol, q. fizer de minha letra e signal; e no cazo q. não seja de minha letra sendo assignado por mim, e pellas pessoas q. mo escrever: no qual pertendo declarar alguns bens q. tenho, e alguas dividas, q. se me devem, e no cazo q. eu deva algũas, e o mais q. achar ser conveniente [para cla]reza e descargo de minha consciencia. » Derrogo qualquer outro testamento ou codicilho, q. antes deste tenha feito, ainda q. seja entre f[i]lh[os] por mais clausulas, q. tenha, tacitas, ou expressas derrogatorias deste: & so este quero q. valha, tenha força, e vigor, em juizo, e fora delle.

» Para dispor meo enterro na forma, q. lhe parecer, alem do q. aqui neste meo testamento declaro e ordeno; torno a pedir a todos os meos nomeados testamenteiros, e a cada hũ em solido q. por serviço de Deos, e por me fazerem merce, queiram asseitar este trabalho, aos quaes, e a cada hũ em solido dou todo o poder, q. em Direito posso, e necessario for. » E por quanto esta he a minha

ultima vontade, do modo q. dito tenho me assignei do meo signal costumado com Pedro Alvares Usel clerigo secular, q. de meo mandado, vontade, e rogo escreveo este meo testamento hoje no Funchal da Ilha da Madeira nas minhas casas em q. vivo na Rua da Carreira ao primeiro dia do Mez de Junho do Anno do Senhor de mil, e seis centos, e noventa, e nove. D. Frc.ª suares de cisneros. P.º Alv.ª vsel. »

(Arq.º da C. M. F. *Testamentos avulsos*. Maço 2.º N.º 657.)

Criação e funcionamento da Aula de Desenho e Pintura do Funchal.

Foto de Vicente. Grav. de Marques Abreu

J. J. Nascimento **"O Instinto magnetiza almas illustres".**

Em 1809, estando na Madeira o pintor português Joaquim Leonardo da Rocha, que saíra do continente por causa da guerra com a França, representaram as pessoas principais desta Ilha ao governador Pedro Fagundes Bacelar de Antas e Meneses no sentido de ser aproveitada a oportunidade e criada no Funchal uma cadeira de desenho e pintura. Assinaram a representação Fernando Correa Henriques de Noronha, Jacinto de Freitas da Silva, Agostinho José de Ornelas, António Caetano de Freitas e Aragão, António Caetano de Freitas, Nuno de Freitas Lomelino, António Alberto de Andrade Perdigão, Nuno de Freitas da Silva, João Francisco da Câmara

Leme, João Marques Caldeira de Campos, João de Freitas Albuquerque, Nicolau Telo Homem e Meneses, António José Monteiro, Pedro Júlio da Câmara Leme e José Caetano César de Freitas. Nesse documento pediam os signatários que a regência da aula ficasse a cargo do pintor Leonardo da Rocha.

Pedro Fagundes Bacelar achou a ideia excelente e quási que a fêz sua, pelos esforços que desenvolveu em favor da realização. Lamentando que não estivesse dentro das suas atribuïções o deferir êle próprio tão justa solicitação, informou-a em ofício de 24 de Abril de 1809, dirigido ao Visconde de Anadia. Alvitrava aí que essa cadeira poderia ser paga com o saldo do subsídio literário, destinado, como se sabe, a custear as despesas com o ensino das primeiras letras, e da filosofia, gramática, latinidade e retórica(1).

Os poderes superiores parece que não puseram obstáculos ao desejo dos madeirenses, e por carta régia de 7 de Julho de 1809 era efectivamente criada nesta cidade a Aula de Desenho e Pintura e nela provido, como professor, o indicado pintor Leonardo da Rocha. Em cumprimento destas ordens, Pedro Fagundes comunicou para Lisboa (4 de Abril de 1810) a instalação do novo curso, salientando o seu «lisonjeiro funcionamento.» Dois dias depois, em 6 de Abril, mandou o governador expedir a carta de nomeação de Rocha, a qual ficou registada no Tomo 14, a fl. 12, do *Registo Geral* da Câmara. É como segue:

«Pedro Fagundes Bacellar d' Antas e Menezes, do Conselho do Principe Regente Nosso Senhor, Comendador na Ordem de Cristo, Alcaide Mór de Pinhel, Governador e Cappitão General das Ilhas da Madeira e Porto Santo, Alcaide Mor de suas Fortalezas, Superintendente em suas Capitanias de Gerra, Presidente das Juntas da Real Fazenda e Criminal, e Regedor das Justiças neste Estado, etc.

Faço saber a os que a presente Carta virem, que havendo Sua Alteza Real, o Principe Regente Nosso Senhor, por Carta Regia de sete de Julho do ano proximo passado de mil oito centos e nove, mandado criar nesta Capital hua Aula de Desenho, e Pintura, no-

Foto de Vicente Grav. de Marques Abreu

J. L. Rocha. **Retrato do 1.º Conde de Carvalhal**

meando a para servir a Joaquim Leonardo da Rocha, por se reconhecer nelle as qualidades necessarias para o bom desempenho deste Emprego, com o Ordenado annoal das Cadeiras das Primeiras Letras (²): usando eu da faculdade concedida por Ordens Regias: Hei Por bem que o mencionado Joaquim Leandro digo Leonardo Rocha exercite a referida Cadeira de Desenho, e Pintura o qual, nos dias, e horas, que se achão destinadas nas Instrucções, que com esta lhe serão dadas, ensinará aos seus Alunnos como hé obrigado; e haverá o sobredito Ordenado de cado hum anno pagos a quarteis adiantados pelo Cofre do Subsídio Literário, com Certidão annoal da Secretaria deste Governo para que conste ter satisfeito os seus deveres; valendo esta por trez annos conforme a pratica das mais Cadeiras aqui estabelecidas a qual será cumprida pelas Pessoas a quem o conhecimento della pertencer, alem de registada nos Logares a onde competir. Dada no Funchal sob meu Signal e Sello de minhas Armas a os quatorze de Abril de mil oito centos e des. João Nepomuceno Corrêa Drummond, a fez. João Marques Caldeira de Campos, Secretario do Governo a fez escrever. Gratis.

Secretario. Pedro Fagundes Bacellar de Antas e Menezes. Logar do Sello. Carta que Vossa Excelencia mandou passar por trez annos a Joaquim Leonardo Rocha, Professor de Desenho, e Pintura nesta cidade, como a cima se declara. Por Despacho de Sua Excelencia de seis de Abril de mil oito centos e des. Registada no Livro primeiro a folhas cento e doze verso. João Nepomuceno Correa Drummond. Hé quanto se contem na propria Carta, que aqui fiz registar. João Agostinho Pereira de Agrella e Camara, Escrivão da Camara o fes registar. João Agostinho Pereira de Agrella e C.ª»

INSTRUÇÕES PARA O SEU FUNCIONAMENTO

Com data de 10 de Abril dêsse ano de 1810 expedira o Governador Capitão General umas instruções para o funcionamento da nova aula feitas de acôrdo com a carta régia que a instituíra. Essas iustruções, emanadas do Palacio de S. Lourenço, existem hoje em duplicado (porque houve duas vias) no Arquivo da Marinha e Ultramar (Biblioteca Nacional de Lisboa) na Caixa IX, doc. 2255. Como se não acha vestígio delas nas repartições públicas do Funchal, mais interessante se torna a sua reprodução aqui:

«Art.º 1.º—Haverão nesta Aula duas qualidades de Descipulos, huns effectivos, que serão matriculados, e obrigados a sempre frequentarem; outros chamados extraordinarios, que só hirão quando poderem; não tendo por isso direito para concorrerem nas opposiçoens annoaes: aquelles primeiros quando faltem por legitimo impedimento, o farão saber ao Profeçor.

«Art.º 2.º—Para haverem de entrar na referida Aula, requererão ao Governador e Capp.ºm General que ouvindo o respectivo Profeçor, mandará que sejão matriculados, escrevendo-se em hum Livro o seu nome, o do Pai, Patria e idade, e o dia, mêz e anno da sua admição.

«Art.º 3.º—Todo aquelle Descipulo que na Aula não tiver comportamento honesto e decente, o Profeçor o admoestará pela primeira vêz; pela segunda o reprehenderá asperamente; e pela terceira, dará conta ao Governador, e Capp.ºm General para ser castigado e

despedido da mesma Aula; pelo contrario, todo aquelle que fôr applicado, de boas maneiras, e mostrar adiantamento, o Profeçor louvando-o, lhe facilitará hum Atestado, se lhe fôr pedido, requerendo primeiro para isso ao mesmo Governador e Capp.ᵐ General.

«Art.° 4.°—Os Dias das Liçoens serão Terças e Quintas, e Sabados, desde o meio dia até ás duas horas; e a os Concorrentes se dará para seu estudo, na mesma Aula, o preciso Papel, Lapis, Estampas, e Gêços.

«Art.° 5.°—Sendo a emulação hum dos principaes, e mais fortes estimulos para se fazerem progreços em quais quer Artes, e Sciencias; para excitar a esta, entre os Descipulos effectivos, haverá em cada hum anno, no fim de Agosto, hum concurso para se adjudicarem Premios a os que mais se distinguirem.

«Art.° 6.°—Serão trez os premios, o primeiro de 30$—; o segundo de 20$—; e o terceiro de 10$— destribuindo-se estes segundo o merecimento dos Desenhos que se observar no fim do concurso (para o que o Profeçor prescreverá tempo certo, e determinado) durante o qual haverão todas as precauçoens e vegilancia para que nos dittos Desenhos não entre alguma mão mais habil que os retoque, e que por esse motivo venham a conferir-se os taes Premios a quem os não mereça, tirando-se a os que delles se fizeram acredores. Os Sujeitos que se houverem de copiar deverão, o primeiro conter varias figuras; o segundo, menos figuras; o terceiro, huma só figura.

«Art.° 7.°—Depois que o Profeçor tiver aprovado os Desenhos com o nome dos Premiados nelles escrito, os remetterá ao Governador e Capp.ᵐ General, o qual não tendo duvida na approvação, lhe determinará o dia para hirem receber os Premios, depois do que ficarão os m.ᵐᵒˢ Desenhos expostos na Aula até o fim do anno seguinte.

«Art.° 8.°—E como a Aula necessite de quem cuide não só no asseio, mas tambem de quem haja de abrila, e fexala nas competentes horas, o Porteiro das outras Aulas satisfará a esta obrigação, assistindo ali todo o tempo do estudo, e executando quanto lhe fôr

mandado, conducente á economia da mesma Aula.

«Estas se remetterão ao Profeçor respectivo para sua inteligencia, que registando-as, serão depois colucadas na mesma Aula, p.ª assim se fazer publico.

«Palacio de S. Lourenço 10 de Abril de 1810. Pedro Fagundes Bacellar d'Antas e Menezes.»

O zêlo de Pedro Fagundes por esta Aula explica-o o mesmo Rocha no prefácio do folheto (a que adiante nos referiremos) quando fala do Governador: «...os largos, e fundos conhecimentos que de Desenho, e Pintura tem...»

ONDE TERIA FUNCIONADO A AULA?

Não encontrámos menção clara do sítio em que funcionou esta Aula. Em ofício do Governador para o Visconde de Anadia, com data de 4 de Abril de 1810, diz aquêle ter destinado para tal efeito as casas que encontrou «com as necessarias proporçõe e demais comodo aluguel, visto o lugar que serve para as outras Aulas não offerecer tudo quanto demanda huma de tal natureza.» Fica

Foto de Melim

J. L. Rocha. **Retrato de D. Matilde Augusta de Medina e Costa**

assim destruída a hipótese de que a Aula de Desenho houvesse «feito parte do grupo de cadeiras que constituem as chamadas Aulas do Páteo» formulada no *Elucidário Madeirense* (artigo *Escola Industrial*, publicado anos antes em fôlha volante). Não deve, no entanto, ter sido muito longe das outras, para que o porteiro delas a pudesse abrir e fechar e assistir a «todo o tempo do estudo.»

No referido ofício do Governador diz-se também haver já bastantes discípulos admitidos, «sem que para isto intervenha a menor diligência.»

Em 7 de Maio de 1811 oficiou Pedro Fagundes ao Conde das Galveias sôbre a execução da carta régia. E o mesmo Governador, em 7 de Março do ano seguinte, informou favoràvelmente um requerimento em que o professor Rocha pedia aumento de ordenado.

Até 1819 o funcionamento da Aula decorreu sem novidade. Nesse ano, em 31 de Maio, Sebastião Xavier Botelho, então Governador e Capitão General da Madeira, apresentou ao govêrno um curioso relatório. Nêle apreciava o estado da capitania, com observações perspicazes e notas assaz elucidativas. Referia-se, em primeiro lugar, aos habitantes «naturalmente habeis para as artes e para as sciencias» mas que «faltos de estimulos, vivem alguns delles na ociosidade e daqui vem as desharmonias da familia, os ditos vagos, as palavras indecentes e certas liberdades que são susceptiveis de remedio, applicando-se os meios.» Falava a seguir da agricultura, da administração, arrecadação de receitas e finalmente das artes e sciências: «... *ha no Funchal uma Aula de Desenho com bom mestre e bons discipulos, cujos trabalhos visitei pessoalmente.*» Aludia a seguir às aulas de latim, retórica e filosofia moral e racional para lamentar que elas estivessem desertas e abandonadas, porque «não ha interesse que convide os estudantes a frequentarem-nas.» Por êste último motivo lembrava que, para tais aulas, se instituísse um prémio à imitação dos da aula de desenho, o qual poderia ser pago pelo subsídio literário *(Arq.° da Mar.ª e Ultramar)*.

JOAQUIM LEONARDO DA ROCHA

Nasceu em 1756. Em 81, portanto com 25 anos de idade, matriculou-se na aula de desenho regida em Lisboa por seu pai, Joaquim Manuel da Rocha (3). Êste Joaquim Manuel gozou de certa nomeada no seu tempo. Cirilo Volkmar Machado e o Conde Atanásio de Raczynski (4) fazem-lhe referência nos seus livros. Do filho pouco ou nada se tem escrito, excepção aberta para o sr. Luís Xavier da Costa, que dêle fala, como gravador, na 2.ª edição do seu *Francisco Vieira Lusitano, poeta e abridor de Águas Fortes* (pág. 113 e seg.ª).

Joaquim Leonardo saíu para Pequim, em 8 de Abril de 1783, ao serviço da Rainha de Portugal (3). Veio para a Madeira em 1807, fugido às tropas invasoras e aqui deve ter morrido por 1825, ano em que sabemos ter deixado de reger a sua Aula. Durante o tempo que esteve na Madeira pintou várias telas, conhecendo-se hoje as seguintes:

Um retrato do 1.º Conde de Carvalhal. Dimensões 86 x 69 cm. Assinatura: *Rocha fecit 1818* no fundo da tela, à esquerda. Pertence ao sr. dr. Rui da Câmara.

Um retrato de El-Rei D. João VI. No verso do tela a seguinte inscrição: «*Joaq.m Leonardo da Rocha Professor Regio de Desenho e Pintura fecit; na Ilha da Madeira, em 1824.*» 77 x 64 cm. Pertence ao sr. Rui Silva.

Um retrato do Capitão Jacinto Feliciano de Oliveira, pintado em 1825. 65 x 53 cm. Assinatura *J. L. Rocha*, no fundo, à direita. Pertence ao autor dêste artigo.

Um retrato de D. Matilde Augusta de Medina e Costa, mulher do antecedente, pintado no mesmo ano. 65x53 cm. Idem. Idem.

Um retrato do Brigadeiro Jorge Frederico Lecor (5) feito em 1817. Assinatura à esquerda, muito legível. 88x75 cm. Pertence à Ex.ma Sr.ª D. Laura de Castro Soares.

Escreveu um folheto didático para uso dos seus alunos. Espécie bibliográfica raríssima. Existe um exemplar na Escola Industrial

Foto de Melim — Grav. de Marques Abreu

J. J. do Nascimento. **Retrato do Dr. António Rodrigues Garcez?**

do Funchal, oferecido pelo antigo professor Rev.º P.º Fernando da Silva. Intitula-se:

Medidas Gerais / Do / Corpo Humano, / Arranjadas em Dialogo, / E / Methodo Facil, / Para Uso / Da / Real Aula / De Desenho, e Pintura / Da / Ilha da Madeira / Em 1810. / Lisboa: / Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, / Impressor do Conselho de Guerra. / Anno de M. D. C. C. C. XIII. Com licença da Meza do Desembargo do Paço. /

OS SUCESSORES DE ROCHA

No dia 4 de Junho de 1825, expediu o Governador D. Manuel de Portugal e Castro um ofício para o reino, informando um requerimento em que João José do Nascimento pedia o lugar de substituto da Cadeira de Desenho e Pintura.

Qem é êste João José? Debalde se buscará qualquer referência ao seu nome em livros de história local. Conseguimos, porém, achar os traços principais da sua biografia. Foi natural de Ma-

chico, tendo nascido em 1784. Seus pais chamavam-se Estêvão José de Nascimento e D. Ana Joaquina de Sousa. Aos 41 anos concorreu ao lugar de professor substituto da Aula de Desenho. Mais tarde, com 64 anos, casou na Sé (17 de Maio de 1848—*L.º de Casados*, fl. 147 v.º) com D. Joana Vicência de Castro, de 38 anos, natural de S. Gonçalo e filha de José de Castro e de sua mulher Vicência Nunes.

O contraente deu a profissão de «retratista». Moravam, a êsse tempo, na rua das Pretas, e declararam haver um filho de nome João, de 9 anos de idade, baptizado em S. Pedro. Devemos agora ao sr. Ernesto Soares, distinto investigador e arqueólogo, esta informação: que Nascimento se matriculou em 14 de Dezembro de 1802 na aula de Eleutério Manuel de Barros (um dos discípulos de Bartolozzi) em Lisboa.

Se êle obteve, nesse ano de 1825, a regência interina, que impetrara, da cadeira de desenho, não se sabe. Nada consta no arquivo municipal. O certo é que, no ano seguinte, tinha um competidor na pessoa de Felipe Cardoso da Costa e Melo. O requerimento dêste último é de 1826; não distingue se é o lugar de professor substituto, se o de efectivo, que deseja, mas solicita o mesmo vencimento que percebia o falecido Joaquim Leonardo da Rocha, a cuja viúva promete oferecer metade do referido ordenado, enquanto ela viver.

Felipe Cardoso era filho de Francisco Januário Cardoso de Melo, que foi provedor do Conselho do Funchal em 1834. Seu pai o legitimara, juntamente com uma irmã, D. Emília, em 1818, tendo sido a legitimação aprovada por D. João VI, em 12 de Outubro dêsse ano (*Arq.º da C.ª, Reg. Geral*, T.º 14, fl. 221 v.º).

É provável que não tivesse sido nomeado professor, pois em 18 de Março de 1828 o então governador José Lúcio Travassos Valdez comunicou para Lisboa que João José do Nascimento e Felipe Cardoso da Costa e Melo, com novos requerimentos, pediam a cadeira de Desenho e Pintura, estabelecida no Funchal (*Arq.º da Mar.ª e Ultramar*).

Nesta data de 28, portanto, nem Cardoso nem Nascimento haviam conseguido ainda a nomeação. O primeiro por certo a não obteve nunca, pois nesse ano era praticante da Alfândega e a 6 de Setembro preso, com outros, na cadeia da cidade, por motivos de ordem pública filiados nas desavenças entre legitimistas e liberais.

Do segundo, porém, ficou memória de algumas obras. No *Defensor*, n.º 329, de 18 de Abril de 1846, encontrámos a seu respeito esta local:

«Avisos. João José do Nascimento, conhecendo quanto superabunda em muitos Madeirenses e em todos os filhos da generosa Nação Britanica o gosto pelas Bellas Artes e o genio que as protege, toma a distincta honra de os convidar para a exhibição de varios paineis, producção sua e de suas Discipulas, a qual ha de começar no dia 20 do Corrente ás 11 horas da manhã na casa n.º 11 da Praça da Constituição.

«Ele previne a S. S.ª que os quadros de sua producção estão longe da cathegoria dessas sublimes Pinturas, tanto antigas como modernas, que S. S.ª tem visto nas soberbas galerias que

Foto de Vicente — Grav. de Marques Abreu

J. L. Rocha. **Retrato do Capitão Jacinto Feliciano de Oliveira**

tem visitado.

«Cinco dos mencionados paineis representam o seguinte:

«O 1.º—No Funchal, a Rua da Carreira brilhantemente adornada com differentes personagens de um e outro sexo.

«O 2.º—Os dois meninos cavalleiros.

«O 3.º—O arrojo de cinco Patriotas, que no glorioso Dia **Cinco de Junho** de 1834 ás 9 horas e um quarto da manhã se dirigiram á Fortaleza de S. Lourenço, deram vivas à Carta Constitucional, á Senhora D. Maria II, e ao Senhor Duque de Bragança. Atterrarção (sic) a D. Alvaro e á guarnição, fizeram despontar precoce o astro da Liberdade sobre o horizonte da Madeira.

«4.º—A solemne acclamação da Carta Constitucional, que teve lugar ás 11 horas e 3 quartos da manhã do mesmo glorioso Dia **Cinco de Junho,** para a qual muito concorreram duas notabilidades Britanicas —uma residente nesta Ilha —outra o sr. Bertrand, que dirigiu as redeas do Governo até á chegada do Ex.mo Sr. Mousinho de Albuquerque.

«5.º—Finalmente, é um painel com o titulo —O instincto magnetiza almas illustres—nelle aparecem as maiores notabilidades que no seculo passado honraram esta Ilha.» (6) Este último quadro pertence hoje aos herdeiros de Francisco João de Vasconcelos Couto Cardoso.

Além dos trabalhos anunciados no *Defensor,* conhecemos de João José do Nascimento mais dois quadros a óleo:

Uma cópia do suposto retrato de João Gonçalves Zarco, do Palácio de S. Lourenço, e um retrato que presumo seja do Dr. Rodrigues Garcez (67 x 86 cm.) Pertencem ao sr. dr. Rui da Câmara. E ainda um desenho a lápis, feito num exemplar da *Galatée* de Florian (ed. de 1775) que evidentemente lhe pertenceu, pois tem a sua assinatura aposta em mais dum lugar, e a data de 1847. Deve tratar-se dum estudo para um retrato.

O DESTINO DA AULA DE DESENHO

Qual teria sido o destino desta Aula? Na *Historia dos Estabelecimentos Scientificos, Litterarios e Artisticos de Portugal,* de-

zóito tomos publicados de 1871 a 93, não inclui José Silvestre Ribeiro o nome desta escola, se bem que se refira a outras suas congéneres.

Em 1837 foi fundado o Liceu, que não supriu a necessidade duma cadeira de desenho no Funchal. Por isso, em 1 de Outubro de 1877, resolveu a Câmara Municipal criar, a expensas suas, um curso de desenho, que durou até 1892. Em 1889 fôra instalada, nesta cidade, a Escola Industrial de Josefa de Óbidos, hoje transformada em Escola Industrial e Comercial de António Augusto de Aguiar. Emídio Navarro, fundando, com êsses decretos de 89, várias escolas industriais, mandou encorporar nelas as Aulas de Desenho então ainda existentes. Porém o decreto que criou a do Funchal (10 de Janeiro dêsse ano) foi omisso quanto a êsse ponto, donde se deve inferir que a Aula instituída para Joaquim Leonardo da Rocha, com êle também desapareceu, não valendo a pena contar-lhe os poucos anos, que haja tido, de sobrevivência obscura e inglória. Essa sobrevivência nem chegou até 1834, pois neste ano

Foto de Melim. Grav. de Marques Abreu

J. L. Rocha. **Retrato do Brigadeiro Jorge Frederico Lecor**

o governador (que então se chamava prefeito) Luís da Silva Mousinho de Albuquerque fez um projecto de reorganização do ensino público na província da Madeira. Dividia-o em primário e superior, e, neste, incluía as aulas de Gramática Portuguesa e Latina, Lógica e Retórica; Língua Francesa e Inglesa; Elementos de geografia, História, Cronologia e Direito Natural e Constitucional do Reino; Elementos de Mecânica, Princípios de Física e Química; e Elementos de Botânica e Agricultura, como consta do mapa anexo à proposta, de que ficou uma cópia, em documento avulso, no Arquivo da Câmara. Vê-se, portanto, que já nessa data deixara de existir a Real Aula de Desenho e Pintura.

(1) O subsídio literário foi criado pelo Marquês de Pombal, por alvará de 10 de Novembro de 1772, destinando-se às despesas da instrução pública. Consistia, no reino e ilhas, em um real sôbre cada canada de vinho, 4 réis em cada de aguardente e 160 em pipa de vinagre. Foi extinto, nas ilhas, por carta de lei de 11 de Setembro de 1861.

(2) Um professor de primeiras letras ganhava 300$000 réis quando efectivo e metade dessa quantia sendo substituto.

(3) Informação do sr. Ernesto Soares.

(4) «... l' école royale de dessin, où Joachim Manuel da Rocha enseignait le dessin du corps humain...» Raczynski, *Dictionnaire Historico-Artistique du Portugal*, pág. 40.

(5) Jorge Frederico Lecor «seguiu como seu irmão (o Barão da Laguna) a profissão das armas, fez a campanha do Roussilhão em 2. Tenente do Regimento de Artelharia de Faro; em 1809 foi promovido a Major Ajudante de Ordens do Conde de Serzedas, Governador e Capitão General da Índia, pelo qual, em 1810, foi nomeado governador de Damão. Voltou em 1813 ao Rio de Janeiro, no posto de Coronel, e em 1815 foi promovido a Brigadeiro Comandante do Corpo de Artelharia da Ilha da Madeira, onde faleceu em 22 de Setembro de 1822.» *Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal*, 2.º vol., pag. 74.

(6) Essas «maiores notabilidades» são, conforme está inscrito na própria tela, e da esquerda para a direita: o comendador João Francisco de Oliveira; o Morgado Pedro Nicolau (de Bettencourt e Freitas); (Patrício) Malheiro de Melo; João Eustáquio (de ?); Dr. (João Francisco) Lopes (Rocha); Paulo Jorge Monteiro; Dr. (António João Rodrigues) Garcez; Dr. (João António) Monteiro; Dr. Lúcio Lopes; Dr. Anastácio (Moniz de Bettencourt); Vicente Júlio Fernandes; Dr. João Pedro (de Freitas Pereira Drumond); Morgado Júlio da Câmara Leme; e Dr. Luís António (Jardim).

O dr. Rodrigues Garcez foi eleito deputado em 1821 e faleceu nesse mesmo ano. O retrato, que presumimos seja o seu e de que falámos no texto, foi pintado em 1822. A semelhança é flagrante, e a circunstância de ter sido deputado explica talvez o fundo do quadro, com a salva do estilo...

DE REBUS PLURIBUS

FOLIAS NAS PROCISSÕES

Em aditamento ao art.º *O Imposto de S. Tiago e a Procissão do Voto*, trasladamos a seguir algumas referências ás danças que se faziam nas procissões, donde se conlui que na Madeira também bailavam a *folia*, a *mourisca* e a *judenga*, além da *gitana* (em que entravam as *pélas*, citadas a pág. 10). Vêm nos livros de receitas e despesas municipais, dos fins do século XVI, alguns dêles descobertos por nós e já em estado de adiantada avaria, num cubículo do arquivo da Câmara.

No *Liuro da Recepta e despeza da Camara* do ano de 1591:

«Em vynte e outo dias do mes dabrill de mil e quinhentos e nouenta e u anos mãdarão pasar mãdado sobre o dito resebedor de doz mil e qujnhentos rs. q. tanto mãdaram dar a manoel a.º por a damsa da mourisqua e mais duas dansas que faz dia de santiaguo.»

«Em sinco dias do mes de Janeiro de mjll qujnhentos e nouenta e u anos mãdarão os snrs. oficiaes pasar mãdado sobre o dito resebedor a frc.º gez. de dous mil rs. que tanto mãdarão dar a ant.º roiz para ele e seus companheiros da damsa da judemgua q. amde fazer dia de san sabastiam....»

No de 1595:

«Em os noue dias do mes de Janejro de mill qujnhentos e nouenta cimquo ã mãdarão os snrs officiais pasar mãdado de seis mill rs. a pero da costa mestre das damsas pella mourisqua q. faz dia de san sabastiam....»

«E no mesmo dia (6 de Maio) mandarão pasar mãdado sobre o dito recebedor de seis sentos rs. a João memdez pella emvemsão q. fez na prossissam de dia de mayo e assinarão aquj.»

No de 1597:

«Em o mesmo dia (11 de Janeiro) mãdarão os snrs. oficiais pasar mãdado de quatro mil rs. que tanto mãdarão dar a p.º amtão por ua dãsa e ua folia que faz na porsisam de Sam Sabastiam.»

Sôbre êste assunto cf. o que diz Herculano nos *Opúsculos* VI. 55-57, cit. pelo sr. Fortunato de Almeida *in* Hist.ª de Portugal, tomo III, pag. 297 e 298.

ESCLARECIMENTO

O *Arquivo Histórico da Madeira* não se destina apenas aos eruditos, senão também a todas as pessoas a quem interessar o conhecimento da história dêste arquipélago.

Os mais cultos perdoar-nos hão por isso as notas elucidativas com que por vezes fazemos acompanhar o texto e as quais, sem esta explicação, poderiam talvez parecer impertinentes.

O DESENHO DA CAPA

As armas da cidade que reproduzimos na capa, foram estrezidas duma salva de prata que serve de descanso a uma campainha do mesmo metal e está na sala nobre dos Paços do Concelho. Uma e outra são objectos antigos e já estiveram, no século XVII, *postos no prego* — desculpem-nos o plebeísmo. Assim concluímos do *Livro das Vereações* ds 1647, a fl. 13 v.º:

«Na mesma vereação (15 de Abril) entregou Ant.º do Valle a salua e a campainha de prata q. lhe tinhão enpenhado o anno pasado pera acudir aos engeitados e lazaros. Manoel gou.º da fon.ª o escreui.»

EX-LIBRIS

Algumas revistas da especialidade, como a *Revista de Ex-Libris Portugueses* e o *Arquivo Nacional de Ex-Libris* têm publicado marcas de posse de bibliófilos madeirenses, ou residentes na Madeira.

Há, porém, ainda muitas espécies inéditas, antigas e modernas. Propomo-nos, em futuros números, reproduzir as mais notáveis.

ERRATA

A nota de pág. 4 deve ler-se *Os Santos que entraram no sorteio* em vez de *Os outros Santos, etc.* Na pág. 13, linhas 14, *é foi* em lugar de *foi*.

Assinatura (série de 4 números) 25$00

Número avulso 7$50

Arquivo Histórico da Madeira

VOL. I N.º 2

SUMÁRIO

Arquivo Histórico do Município do Funchal (continuação)—Um poeta madeirense na "Fénis Renascida": Francisco de Vasconcelos Coutinho —O "verdadeiro retrato" de Nossa Senhora do Monte—Cousas de ontem e de todos os tempos—A propósito da Aula de Desenho e Pintura: As catorze figuras duma tela *(P.e Fernando da Silva)* e Três Cartas *(Drs. Carlos de Carvalho e Rocha Madahil e Cap. Jorge de Sampaio)*—Posturas q̇ fizerão os officiaes do anno de oitẽta e sete (continuação)—Relação dos Capitães da Infantaria, conforme o Livro 1.º dos "Juramentos e Menagens" (1627-1684)—Ex-Libris relacionados com a Madeira —Capelas em Santa Cruz *(C.e F. M. V.)*—De Rebus Pluribus.

PÁGINA EM BRANCO

Arquivo Histórico da Madeira

REVISTA TRIMESTRAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO (da Associação dos Arqueólogos Portugueses)
Secretário: ÁLVARO MANSO

Composto e Impresso
Tip. Casa Pathé
Rua da Carreira, 24

JUNHO DE 1931

Vol. I — N.º 2

Redacção e Administração
Paços do Concelho
FUNCHAL. ILHA DA MADEIRA

Arquivo Histórico do Município do Funchal

3.º OS LIVROS DAS VEREAÇÕES

Compõe-se esta colecção de 120 volumes encadernados, desde 1470 a 1814, além de outros mais recentes que chegam até à actualidade, porém desprovidos já do interêsse que justificaria a sua inclusão no Arquivo Histórico municipal. Êsses mais antigos distribuem-se da seguinte maneira: 1470-71; 1481-82; 1485-86; 1488-89; 1491; 1495-96; 1508-09; 1518; 1520-22; 1527; 1531; 1532; 1546; 1547; 1550-51; 1574; 1589; 1597; 1599; 1600; 1603; 1605; 1606; 1607; 1608; 1610; 1611; 1613; 1616; 1617; 1619; 1620; 1623; 1625; 1626; 1627; 1629; 1631; 1632; 1634; 1635; 1637; 1638; 1639; 1640; 1641; 1642; 1644; 1645; 1647; 1648; 1649; 1650; 1651; 1653; 1654; 1655; 1656; 1657; 1658; 1660; 1661; 1662; 1663; 1664; 1665; 1666; 1667; 1668; 1669; 1671; 1674; 1675; 1676; 1677; 1678; 1679; 1680; 1681; 1683; 1684; 1685; 1686; 1687; 1688; 4689; 1690; 1691; 1692; 1693;1694; 1695; 1696; 1697-98-99; 1700-02; 1702-03; 1706-13; 1713-18; 1720-24; 1725-27; 1728-30; 1731-33; 1734-36; 1737-38-39; 1740-45; 1746-48; 1749-52; 1753-55; 1756-57; 1758-61; 1762-65; 1766-68; 1769-72; 1773-79; 1780-83; 1784-89; 1790-93; 1794-1800; 1800-08; 1808-14.

Como se vê, faltam alguns livros, mas a explicação dá-no-la em forma pitoresca o de 1632, em cujas fôl. 44 (28 de Agôsto) se lê o seguinte: «Na ditta vreasão mandarão se tirassem hus livros e papeis muito velhos q estavão em hua arca na caza de dentro por estar

m.to velha e esburacada e entravão os ratos nella e o tampo quebrado por onde lhe chovia e se metessem em outra e do aro velho se fizesse hũa arquinha p.a os pilouros por quanto a que avia estava com hũs pilouros de hũa eleisão do ovidor e os pilouros desta q̃ serve andão em hũa arca m.to grande. Manoel Teixeira escrivão o escrevi, o fundo da ditta caixa todo estava podre, e assinarão.»

4.º OS LIVROS DAS ARREMATAÇÕES

São 8 livros encadernados aonde se exararam os autos de arrematação das rendas pertencentes à Câmara. Vão do ano de 1683 ao de 1864.

De 1683 até cêrca de 1830 repetem-se monótonamente as arrematações da "Renda do Verde", a da "Imposição da Carne" e a da" Imposição do Vinho".

De 1731 até 1779 a renda do verde era também intitulada "Renda do Brabo" e desta data em diante se designou por "Renda do Ver".

A fôlhas 11, 16, 21 e 27 do primeiro livro, referente aos anos de 1684 a 1687, lavraram-se 4 autos da "Renda das Afilações desta cidade e seu termo".

Á volta de 1820 aparecem autos de arrematação de impostos e rendas novas: "Imposto da Aguardente", "Imposto pequeno de São Tiago Menor", arrematação de lojas, baldios e telheiros, e arrendamentos "do sollo das Barracas no Mercado publico" da cidade.

5.º TESTAMENTOS

Em 1768, quando veio à Madeira o corregedor Francisco Moreira de Matos, êste "foy informado do grande descuido, e prejudicial omissão no cumprimento das ultimas vontades dos testadores de que rezulta hum consideravel prejuizo ás Almas, e consideraveis encargos de consciencia dos testamenteiros". Por isso, provendo «nesta importante materia pello modo que lhe he permittido em quanto Sua Magestade não toma a resolução de criar hum Escrivão privativo de Registo de Testamentos... ordenou que todo o testamento que se houver de abrir por morte do Testador se apresente às Jus-

tiças ordinr.", e que estas nos seus respectivos Districtos os abrão mandando fazer hum Termo de Abertura pello seu Escrivão, e depois de prezente ao Parocho para este saber as disposiçoens pias e executadas quanto á pompa funeral, fique logo obrigado o Testamenteiro a apresentar o Testamento ao Escrivão da Camara... para o lançar em hum Livro de Registo que para isso terá destinado e rubricado por elle Dezembargador...» (*Provim.tos dos Corregedores*, fl. 16.)

Esta ordem cumpriu-se, e o primeiro livro abre com um registo de 27 de Maio de 1768. São 33 volumes, tendo o último têrmo a data de 6 de Abril de 1836.

6.º TESTAMENTOS AVULSOS

Segundo um índice guardado no Arquivo, existiam 12469 testamentos avulsos, desde o princípio da povoação até meados do século XVIII. Infelizmente, êsses papéis foram arrumados nas estantes dum cubículo onde os bichos e a humidade se encarregaram de os destruir. Estavam separados por 25 maços, que compreendiam Homens e Mulheres da Cidade, do Caniço, Santa Cruz, Machico, S. Vicente, Ponta do Sol, Calheta, Ribeira Brava e Câmara de Lôbos. Conseguimos ainda assim salvar, por enquanto, algumas centenas dêles, que a pouco e pouco vão sendo identificados e outra vez catalogados.

7.º JURAMENTOS E MENAGENS

São três volumes encadernados e destinavam-se a registar as *menagens que os capitans daynfanteria dão a os senhores capitães geraes*. O 1.º livro abrange os anos de 1627 a 1684; o 2.º vai de 1686 a 1749; e o 3.º de 1751 a 1828. Nenhum dêles tem índice, mas do 1.º fizemos já uma relação alfabética verbetada, que publicamos neste fascículo. No fim de cada têrmo está a assinatura do governador, a do capitão empossado e de algumas testemunhas.

(Continua)

Um Poeta madeirense na "Fénis Renascida"

FRANCISCO DE VASCONCELOS COUTINHO

Não foi lembrado no *Elogio* de Jacinto Cordeiro, nem figura no *Laurel de Apolo* de Lope de Vega, nem o louvou Durão no seu *Laurae Parnasseae*, e nem sequer lhe registaram o nome o *Enthusiasmus Poeticus* ou o *Hospital das Letras* (1)

Além do *Dicionário Popular* de Chagas e da *Enciclopédia* de Lemos, que aludem a Francisco de Vasconcelos em meia dúzia de linhas, *ipsis verbis*, os livros que lhe fazem referência são, por ordem cronológica, o *Dicionário Bibliográfico* de Inocêncio (vol. 3.º pág. 77), as *Saudades da Terra (Notas* de Álvaro de Azevedo, pág. 789) e o *Elucidário Madeirense* (vol. 1.º pág 294) que transcreve a anotação de Azevedo e acrescenta os nomes do pai e da mãi do poeta. Nenhum dêstes autores, porém, indica a data do nascimento de Francisco de Vasconcelos Coutinho. Azevedo conjectura que fôsse no "declinar do século XVII", por causa dos versos que êle fêz à morte de D. Pedro II.

Não foi no declinar, mas sim nos meados do século, que o colaborador da *Fénis Renascida* viu a luz do dia. Encontrámos o têrmo do seu baptizado, na igreja de S. Pedro do Funchal, e por aí se vê que nasceu em 1665 (Doc. B.) Aos 21 anos matriculou-se na Universidade de Coimbra (10 de Dezembro de 1686) com certi-

(1) Melo, no *Hospital*, menciona um Francisco de Vasconcelos. Trata-se de Francisco Luiz de Vasconcelos, editor e comentador das obras de D Francisco de Portugal, publicadas em 1642.

dão de latim, como consta do livro de *Matrículas*, vol. XXII, cad.º 1.º fl. 188. No ano seguinte, em 1 de Outubro, inscreveu-se em direito civil e canónico e o mesmo fêz regularmente no período que decorreu de 1687 a 1692. Em 93 não aparece o seu nome; acaso teria vindo à Madeira. Mas em 20 de Dezembro de 94 abre matrícula em cânones, prosseguindo assim o curso e forma-se bacharel, finalmente, em 1696, com a idade, portanto, de 31 anos (Doc. C.) João de Deus, com o seu tão falado decénio, fôra, como se vê, precedido por um seu confrade nos musas. No *Livro das Informações Gerais* da Universidade, de 1686-87 a 1712-13, encontra-se, no ano lectivo de 95-96, o nome de *Fran.co de Vas.los Coutt.º da Ilha da Madeira*, com esta observação à margem, dos mestres: *estudante suficiente.*

Durante a época em que esteve por Coimbra casou com uma senhora "que estava recolhida", D. Francisca Antónia Jacinta de Sousa. Quanto ao grau de licenciado, parece que não chegou a tirar, pois disso não ha notícia nos livros universitários. Teria ficado simples bacharel formado, sendo por ampliação enfática que o designam de *licenciado* no registo da carta e documentos que o nomeiam ouvidor, e lhe chamam *doutor* na certidão do seu óbito. Estes casos são bastante freqüentes em nossos dias.

Um ano depois da formatura, isto é, em 1697, era Francisco de Vasconcelos nomeado ouvidor da Capitania do Funchal (Doc. D.) Os ouvidores eram juízes designados pelos capitãis donatários e faziam, às vezes, de seus lugares-tenentes. Suas funções duravam três anos, findos os quais podiam ser prorrogadas por mais seis meses, mediante provisão do rei. Em 1640, com a criação do primeiro Governador e Capitão General para o arquipélago (como já no govêrno da casa de Áustria com os Governadores Gerais) o papel dos donatários passou a ser muito restrito quanto aos negócios públicos, mas continuaram todavia a usufruir os rendimentos das suas terras e a ter o direito de nomear novos ouvidores.

Em 1697 era donatário do Funchal (ao tempo em que era Governador Pantaleão de Sá e Melo) o 3.º Conde de Castelo Melhor,

Luiz de Vasconcelos Sousa e Câmara, por sucessão a sua mãi D. Mariana de Alencastre e Câmara, irmã e herdeira do 8.º donatário João Gonçalves da Câmara, e mulher de seu primo o 2.º conde de Castelo Melhor João Rodrigues de Vasconcelos. Foi, pois, êsse 3.º conde quem nomeou, no referido ano de 1697, a Francisco de Vasconcelos Coutinho para o cargo de ouvidor da sua capitania,— cargo que devia expirar em 1700 e renderia, em cada ano, oitenta mil reis.

O rei D. Pedro II, em provisão de 27 de Janeiro dêsse ano, permitiu que êle pudesse servir por mais seis meses. Êste documento está registado também no arquivo da Câmara do Funchal *(R. G., t. 7º a fl. 242)*. Em 26 de Janeiro de 1702 o mesmo Conde de Castelo Melhor nomeou outra vez Francisco de Vasconcelos seu ouvidor, e, expiradas as funções em 1705, prorrogou-lhas a regente de Portugal D. Catarina, rainha viúva de Inglaterra e irmã de D. Pedro II, então ausente do reino. Tem êste documento a data de 22 de Fevereiro, e acham-se, um e outro, assentados no mesmo tomo (7.º a fl. 246 e 261, respectivamente).

Outra vez em 15 de Março de 1706, ainda o mesmo donatário fêz passar ao bacharel Vasconcelos carta para êste servir, por mais três anos, como ouvidor da sua donataria (registada no mencionado tomo, a fl. 269).

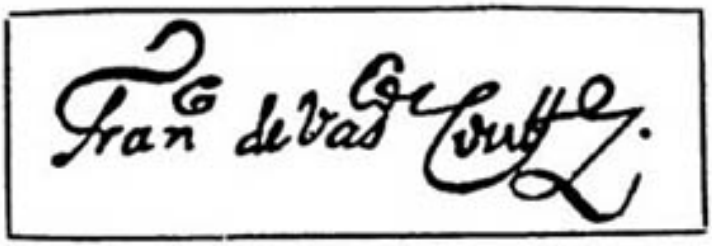
Parece que em 1718 continuaria residindo na Madeira, pois nesse ano escreveu um elogio dramático para ser representado pelas freiras de Santa Clara, na despedida do governador João de Saldanha da Gama. Sôbre a época da sua morte, Azevedo emitira a opinião de que ela tivesse ocorrido depois de 1729, data em que foram publicadas duas das suas obras. Pela inscrição de óbito (Doc. E.) que está num livro da igreja de S. Pedro, se vê que Vasconcelos faleceu antes dessa data, a 22 de Abril de 1723, com 58 anos incompletos, sendo, portanto, póstumos o *Feudo* do *Parnaso* e *Hecatombe métrico*.

Da leitura do testamento, cuja transcrição de narrativa se encontra no registo mortuário (Doc. E.) poderão surgir dúvidas

quanto ao lugar da sua sepultura, isto é, se se trata da já referida capela de S. Francisco (de Xavier) no Colégio, onde está o jazigo da família, se da igreja de S. Francisco, hoje demolida, a qual ficava na parte sul do actual Jardim Municipal e foi durante muitos anos o panteão das famílias nobres da Madeira. Esta segunda hipótese é mais admissível, já porque no documento se não fala em capela, já porque ao nome do santo não acrescenta Xavier. O final do testamento, que poderia esclarecer o caso, permanece todavia obscuro: pois a expresão «*desta igreja* e da Sé», parecendo referir-se à igreja anteriormente mencionada (e que seria a de S. Francisco) tem probabilidades de querer aludir à igreja de S. Pedro, paroquiada por quem assinou o têrmo e que era o vigário Mondim.

*

É a seguinte a sua bibliografia: composições líricas, em castelhano e português, no 1.º e 3.º tomo da *Fénis Renascida*, 1717-28; *Residência do Governador e Capitão General da Ilha da Madeira João de Saldanha da Gama*, 1718; *Feudo do Parnaso*, dedicado a D. João V e *Hecatombe métrico*, poemeto religioso em cem sonetos, dedicados à Virgem, — estas duas obras impressas a primeira vez em Lisboa em 1729 e reeditadas (juntamente com a *Residência*, *Efeitos de um arrependimento*, em tercetos, e alguns sonetos de circunstância) em Lisboa, em 1773 (Doc. F.)



Assinatura de Francisco de Vasconcelos, extraída dos livros de matrícula da Universidade de Coimbra.

Raros são os juízos críticos sôbre as obras dêste autor. Inocêncio da Silva limita-se a dizer: «não me parece que os versos dêste Poeta sejam de todo destituídos de mérito», — o que, partindo do autor do *Dicionário Bibliográfico*, não constitue uma sentença definitiva (1). O anotador das *Saudades*, a propósito de Francisco de

(1) Cf. *Jornal do Comércio*, 26-7-1865, artigo de Augusto Soromenho.

Vasconcelos, acha que lhe são aplicáveis as referências críticas que fêz a um autor anteriormente tratado, Troilo de Vasconcelos da Cunha, e as quais não deixam de ser em certo modo lisonjeiras.

Sabido que o século gongórico, notável como foi em Portugal, não produziu infelizmente, na poesia, nada que se assemelhasse ao esplendor da prosa e da oratória, pouco admira que Francisco de Vasconcelos Coutinho permanecesse um poeta menor, eivado muita vez dos defeitos comuns aos seus contemporâneos, e a que não fugiram os espíritos mais brilhantes. Escreveu ora em português, ora em castelhano, e os assuntos dos seus versos, nas peças de menor fôlego, acusam já pelo títulos a mácula do cultismo: *Desengañando a uma hermosura; Pedindole tabaco; A F. que olhando para o Sol desmayou; A hum loureyro que nasceo nas ruinas de huma Torre;* etc. Das suas composições, escolhemos, para amostra, um soneto sôbre a *Fragilidade da Vida Humana*, extraído da *Fénis Renascida*. Vai actualizado na ortografia.

Êste baixel nas praias derrotado,
Foi nas ondas Narciso presumido;
Êsse farol nos céus escurecido,
Foi do monte libré, gala do prado;

Êsse nácar em cinzas desatado,
Foi vistoso pavão de abril florido;
Êsse estio em Vesúvios encendido,
Foi Zéfiro suave em doce agrado:

Se a Nau, o Sol, a Rosa, a Primavera,
Estrago, eclipse, cinza, amor cruel,
Sentem nos auges de um alento vago;

Olha, cego mortal, e considera
Que és Rosa, Primavera, Sol, Baixel,
Para ser cinza, eclipse, incêndio, estrago.

E estoutro, à morte de D. Pedro II, inserto no volume póstumo *Feudo do Parnaso* e estruturalmente gongórico:

Contempla nesta pedra, ó caminhante,
Urna breve de Pedro Rei Segundo,
Que não bastando à majestade um mundo,
Para morrer um Rei basta um instante.

O ser mais régio, o sábio mais brilhante,
O maior ceptro, o culto mais fecundo,
É efémera breve, horror profundo,
Frágil cristal, relâmpago inconstante.

Ó breve duração das divindades!
A quem um sôpro, um golpe, uma hora, um dia,
Leva o ceptro, a coroa, o culto, a medra.

Esconda amor na pedra as majestades,
Para que com perpétua idolatria,
Quando lhe falta Pedro, adore a pedra.

*

Francisco de Vasconcelos pertencia à família Matos Coutinho. O primeiro dela que passou à Madeira, cêrca de 1580, chamava-se Luís Fernandes de Matos, foi comerciante e casou com Guiomar Antunes. Descendia êste Luís Fernandes dos reis de Oviedo e Leão, que são tronco da família Matos, de Portugal. Era filho de António Vaz de Matos, que em 1510 foi capitão duma nau de guerra da Índia e se achou na tomada de Goa com Afonso de Albuquerque. Era neto de Pedro Vasques de Matos, bisneto de Vasco Esteves de Matos, trineto de Estevão de Matos, tetraneto de Fernão Lourenço de Matos, que era filho de Lourenço Peres de Matos, êste de Pedro Pais, êste de Paio Hermigues, êste de Hermígio Pais e

êste de D. Paio Viegas, a quem foram doadas as terras de Matos, no concelho de Aregos, junto a Lamego. Têm por armas, em campo vermelho, um pinheiro verde com raízes de prata, entre dois leões de ouro batalhantes, armados de azul; timbre, meio leão de ouro com um ramo de pinheiro nas garras.

Luiz Fernandes de Matos, que no século XVI, como dissemos, se estabeleceu na Madeira, teve dois filhos, dos quais um foi o licenciado Bento de Matos Coutinho, auditor do presídio castelhano. Casou êste em 1625 com D. Felipa de Vasconcelos e instituíu e dotou a capela de S. Francisco de Xavier na igreja do Colégio. Aí existe uma sepultura e nela uma pedra com um escudo partido, tendo na primeira pala as armas dos Matos e na segunda as dos Vasconcelos. Diz o epitáfio: *Sepultura do Licenciado Bento de Matos Coutinho e de sua mulher Filipa de Vasconcellos e de Lourenço de Matos Coutinho, seu irmão, e herdeiros.*

De Bento de Matos nasceram António Teixeira de Vasconcelos, filho segundo, e Lourenço de Matos Coutinho (homónimo de seu tio paterno) chamado o *Cavaleiro.* Casou êste na igreja de S. Pedro, em 13 de Julho de 1660 com sua prima D. Mariana de Vasconcelos Abreu, a quem outros chamam D. Mariana de Ornelas e Vasconcelos (Doc. A). Lourenço de Matos e sua mulher instituíram a capela de Nossa Senhora da Quietação, na freguesia de Santo António do Funchal, em 1670. A capela, hoje destruída, ficava no sítio dos Alecrins, em terreno comprado por Bento de Matos e vinculado pelo filho em 1677.

Lourenço de Matos e D. Mariana de Vasconcelos houveram dois filhos e uma filha. Os filhos foram Bartolomeu de Vasconcelos Coutinho, primogénito e Francisco de Vaconcelos Coutinho, o poeta da *Fénis Renascida.* Êste ultimo, casado em Coimbra com D. Francisca Antónia de Sousa, não teve geração. Bartolomeu de Vasconcelos desposou D. Inácia de Noronha da Câmara, filha de João Gonçalves da Câmara, que era filho de Manuel Luiz Maciel e de D. Inácia de Noronha.

Do casamento de Bartolomeu de Vasconcelos com D. Inácia

de Noronha da Câmara, nasceu Lourenço Manuel da Câmara e Vasconcelos, editor das obras póstumas de seu tio. Foi pai de Luiz António da Câmara e Vasconcelos, e avô paterno de Tristão Joaquim da Câmara Bettencourt. Êste último consorciou-se, em 1806, com D. Rita Genoveva Acciaiuoli Escórcio, de quem houve larga descendência, sendo hoje a família Matos representada pelo sr. dr. Rui da Câmara.

DOCUMENTOS

A

Reg. a fl. 37 do Livro 4.º de Casados de S. Pedro.

« Em os treze dias do mes de Julho de 1660. De Licença do m.to Rev.do D.or Deão. Eu M.el Pr.a da Sylva Conigo na See desta Ilha, Receby ao Licençiado Lourenço de Mattos Coutinho, filho do L.do Lourenço *(por lapso esceveram Lourenço em vez de Bento)* de Matos, e de sua molher Dona Felipa de Vasconçellos, com Dona Mariana de Vasconçellos, filha de M.el de Vasconçellos e de Dona Catarina de V.os sua molher forão testemunhas o D.or Fran.co de Castro R.do Vig.ro de Sam P.º e M.el de Vasconçellos e outras pessoas que aqui assinarão, dia, mes e anno ut supra. O capp.am M.el de Vas.llos O cura M.el Guomes do Valle. O Conego M.el Pereira da Sylva. O Vigr.a Fran.co de Castro, D.or na sagrada Theologia.»

B

Registo a fl. 120 do Livro 5.º dos Baptizados de S. Pedro.

« Em os dezasete dias do mes de mayo de 1665, presente eu o cura desta Ig.a de São P.º Bautisou o m.to Rev.do Conego Ant.º de Vas.los a Fran.co f.º do L.do Lourenço de Mattos Coutinho e de Dona Mariana de Vas.los Foi seu pad.º João dafonseca de Vas.los que comigo aqui assinarão. Dia, mes e anno ut supra. O Bautisante e padrinho estão assinados na volta. O cura M.el Gomes do Valle. O C.º Ant.º de Vas.los fidalgo capelão da Casa de Sua Mag.de João da Fonseca de Vas.los *(Estes dois ultimos a fl. 120 verso)*.

C

Carta de formatura do Licenciado Francisco de Vasconcellos Coutinho, a fl. 227 verso do tomo 7.º do R. G. (Arquivo da Câmara).

«In Dei Nomine Amen. Nuno Da silva Telles, do Conçelho de Sua Majestade, seu sumilher da Cortina, Deputado da Meza da Consciençia e ordens, e do

santo officio, Conego na See de Evora e Reytor da universidade de Coimbra, etc. Faço saber que Francisco de Vasconcellos Coutinho, natural da cidade do Funchal, Ilha da Madeira, tem cursado nesta universidade em direito canonico e civil outo cursos de outo mezes cada hum, dos quais seis lhe forão necessarios para se fazer Bacharel, como mostrará por sua Carta e os dous mais ouvindo as Liçoens de sua obrigação conforme aos estatutos desta universidade, como me constou por certidão dos Livros que foi para assinar desta; em fim do outavo anno fez sua formatura por Lição de ponto de XXIV horas aos XX de Julho de MDCLXXXXVI, no qual acto o examinarão os Doutores seus mestres, e acabado o exame votarão por pontos sobre a penitencia e despois por A. A. e R. R. para ver se aprovarião e regulados os votos não foi penitenciado e foi por todos aprovado Nemine Discrepante, e porq. com os ditos cursos, e actos feitos, conforme a Lei do Reyno e estatutos desta universidade, pode usar de suas Letras livrem.te em qualquer parte, lhe mandei passar a presente por mim assinada e sellada com o sello desta universidade. Dada em Coimbra aos vinte de Julho de mil e seis centos e noventa e seis anos. Diogo Gomes de Carvalho, que sirvo de Secretario da Universidade, a sobrescrevi, Nuno Da silva Telles. Na Officina de Antonio Dias da And.ª Ao sello quarenta rs.»

D

Registo da Carta de ouvidor de L.co Franc.o de Vasconcellos Bettencourt digo Coutinho, a fl. 228 do tomo 7.º do R. G. (Arquivo da Câmara).

« Luiz de Vasconcellos Souza e Camara, Conde de Castel Melhor, do Concelho do Estado de El Rey Nosso Senhor e seu reposteiro mor, comendador das comendas de Pombal, Redinha, Facha, Salvaterra do extremo e Caselha, Alcayde mor dos Castellos das Villas de Pombal, Redinha, Pennamacor e Casela, senhor das Villas de Castel Melhor, Almendra e Vilhelhas e das Ilhas de Santa Maria e do Sal, Governador das Justiças e fazenda e comvedor de ella, na cidade do Funchal, e sua cappitania na Ilha da Mad.ª e Porto Santo, Senhor das Ilhas Desertas, etc. Faço saber a quantos esta minha carta virem que confiando eu da pessoa e Letras do Bacharel Fran.co de Vasconcellos Coutinho, o faço meu ouvidor da cidade do Funchal, e mais villas e lugares da minha jurisdição, pello que mando as justiças desta cidade, villas e lugares o hajam e conheção por ouvidor da dita Ilha e o deixem servir o dito cargo e levar dos proes e precalços que direitamente lhe pertençerem e primeiro que sirva lhe será dado juramento dos Santos evangelhos na Camara da dita cidade do F.al, que bem e verdadeiramente sirva o dito cargo, guardando em tudo o serviço de Deus e de El Rey e o meu, e partes seu direito, de que se fará auto no Livro da Camara assinado pello dito ouvidor e haverá de ordenado em cada hum anno de minhas rendas outenta mil rs; e por certeza mandei passar a presente por mim assinada e sellada com o sello de minhas armas. Joam

de Sousa a fez em Lisboa aos dez dias do mez de Setembro de mil seis centos noventa e sete annos. O Conde de Castel Melhor. Lugar do sello. Carta pela q.al V. S.ª faz m.ª ao Licenciado Fran.co de Vasconcellos Coutinho de o fazer seu Ouvidor na cidade do Funchal da Ilha da Madr.ª. na forma assima por tempo de trez annos. P.ª V.S.ª ver. A fl. 19 vs. do L. N. Dos novos direitos ficam carregados ao thisoureiro delles Joseph de Seixas trinta e dous mil e quinhentos reis q. pagou o Supp.te por tempo de trez annos na forma do Regim.to e Livro das avaliações. F.al novembro vinte e seis de mil seis centos noventa e sete annos. Viçente Ferreira Gomes. Fica registado no Livro do Registo a fl. 1 F.al vinte e sete de novembro de mil e seis centos e noventa e sete annos. Pita. Cumpraçe e registeçe. F.al em Camara vinte e sete de novembro de mil e seis centos noventa e sete annos. Souza Henriques, Betencourt, Henriques. E não diz mais a d.ª carta a q. me reporto que tornou a ficar em poder do Licenssiado Fran.co de Vas.cos que aqui assina de como lhe ficava. F.al catorze de dezembro de mil e seis centos noventa e sete annos.»

E

Inscrição do Livro 6.º de Defuntos de S. Pedro.

« Em os 22 dias do mes de Abril de 1723 falleceu o D.or Fran.co Vas.los Coutinho com todos os sacram.tos, o qual fez seo solemne testam.to aprovado por D.os de Abreo Florença tabalião, com o qual dispoem o seguinte: que seria sepultado na portaria de S. Fran.co juncto ao altar do S.to Christo, amortalhado em o mais vil habito de borel. Manda se lhe digam as tres missas da paixão no dia do seu fallecim.to e senão, no dia seguinte. Manda se lhe digam as cem missas, vinte no altar de Jesus na See, vinte no altar de Jesus de Sam Fran.co e trinta em coalquer altar por tenção por as dever de varias promessas, q. fes; e as mais por sua alma, que huas e otras fasam a quantia de cem com a brevid.ª possivel ditas, e acompanhariam os P. P.es desta lgr.ª e da See. E não contem mais o tal tt.º, que entreguei ao dito tabalião de que fiz este termo, era ut s.ra. O vigario Manuel Frz Mondim, Domingos de Abreo ffor.co»

F

Um volume de 119 páginas in-8.º

Rosto: Feudo do Parnaso,/e/ victima numerosa,/que ás aras da soberana Majestade/ do muito alto, e poderoso rei / D. João V. / consagrava Francisco de Vasconcellos Coutinho / Bacharel formado no faculdade / dos sagrados canones / pela universidade de Coimbra, / natural da cidade do Funchal / da Ilha da Madeira; / com varias obras posthumas, do mesmo author, / offerecidas / a sua majestade, / por ordem sua dadas a luz / por Lourenço Manoel da Camara / e Vasconcellos, / sobrinhos do author. / Segunda vez / impressas, e novamente accrescentadas com outras / Na Regia officina typografica. / Anno MDCCLXXIII. / Com licença da Real Me-

za Censoria./

Da pág. 39 a 88: Hecatombe/metrico consagrado ás aras/da Cruz Sacratissima,/e á pureza immaculada da sempre/Virgem Maria/nossa senhora./ *Pág. 89:* Do mesmo author. *Pág. 91:* Á generosa liberalidade,/com que/sua majestade/dispende dos erarios/com o/culto divino./(*Soneto*) *Pág. 92:* Á volta de elrei D. Pedro II./(*8 sonetos numerados de I a VIII.*) *Pág. 97:* Ao conde de Villaflor,/sendo seu tio/D. Manoel de Vilhena/grão mestre de Malta./(*soneto*) *Pág. 98:* Ao mesmo assumpto./(*soneto*). *Pág. 99:* A D. Rodrigo da Costa,/vice rei da India,/Tendo chegado a noticia que tinha/falecido./(*soneto*). *Pag. 100:* A Vasco Fernandes/Cesar e Menezes,/Vice Rei da India./*Pág. 101:* Effeitos/de hum/arrependimento proprio,/e desengano geral./*Pág. 111:* Residencia/do governador,/e Capitão geral/da Ilha da Madeira/João de Saldanha da Gama,/representada/pelas freiras de Santa Clara/na sua despedida./

Encontra-se êste volume na Biblioteca Nacional de Lisboa, onde também existe uma colectânea de várias obras do século *XVIII*, entre as quais figuram o *Feudo* e *Hecatombe* nas edições de 1729, oficina de Pedro Ferreira, Lisboa Ocidental.

O "verdadeiro retrato" de Nossa Senhora do Monte

Assim se intitula um quadrinho a óleo (45×36,5 cm) pintado por Nicolau João aí nos meados do séc. XVIII, na Madeira. É, de-certo, o mais antigo documento iconográfico da Senhora do Monte. Também tinha cabeleira empoada a da gravura de Queiroz - Francisco Gregório de Assis e Queiroz — mais ou menos conhecida e que devia ter sido feita à volta de 1790. Mas a pintura, agora reproduzida pela primeira vez, mostra-nos uma Virgem mais estilizada, sendo notável o desenho da face e da mão. Recobre o manto uma grande riqueza de ouro, que ainda hoje conserva extraordinário brilho. O quadro pertence à Ex.ma Sr.a D. Maria Vitória do Nascimento Gonçalves, sendo tradição na sua família que o autor era um seu antepassado. Da inscrição, que abaixo repetimos, se vê que êle se chamava Nicolau João, provàvelmente nome incompleto. Recomendamos a investigação à perícia dos nossos leitores, que talvez sejam mais felizes do que nós fomos nas pesquisas. Diz assim o letreiro:

Foto de Vicente — Grav. de M. Abreu

Este he
O uardeiro Ret
rato da Sr.a do m.te
Feito Por Nico
lao Ioão.

Cousas de ontem e de todos os tempos

REPRESSÃO DA MENDICIDADE EM 1738

«Titulo dos pobres q̃ andem pedir esmolla.

«Pella m.ta quantidade de Gente q̃ anda nesta cidade pedindo esmolla pellas portas tanto homens como mulheres e m.tos o fazem por calasaria e preguissa Sendo Capazes de Ganhar o sustento com o seu trabalho e m.tas raparigas donzellas que por ouffício e costume se poem a pedir pello amor de Deos sem necessidade de que rezulta pella sua má Criassam virem dezonestarse em ofenssa de Deos ao que se deve Ivitar com todo o cuidado não se premetindo que andem pellas ruaz, e com recolhemento e onestidade podem recolherense pellas cazas Alheyas en ellas com o seu trabalho ganharem o sustento a soldada, e os homens e rapazes que nam forem aleyjados nem veilhos o poderem com o seu trabalho tambem ganharem o seu sustento e não andarem tirando as ezmollas dos pobres necessitados que nam podem por outros meyos sustentaremsse por cujo motivo mandamos que nenhuma pessoa asim homens como molheres rapazes e raparigas nam pessam ezmolla por esta cidade e sua Jurisdiçam nem tampouco nenhuma pessoa de qualquer qualidade e Condissão que seja lhe dee a dita ezmolla por asim

ser maiz serviço de Deos senam na forma e maneyra seguinte.

«Todo o pobre que quizer pedir esmolla pellas ruas e Jurisdiçam desta cidade ou seja homem ou molher virão ao Senado para ser admetido sendo daquelles que por sua infermidade ou velhisse não podem sustentarse com o seu trabalho e nestes que o Senado vir se deve admitirse lhe porâ por diviza hua taboleta no pescosso com a marca da Cidade para por ella se ver e conhecer he merecedor da dita esmola e outro nenhum mais a poderâ pedir de porta em porta senam aquelles que troucesem a dita tabolleta e sendo achado ou constar que pedem sem ella sará prezo ao arbitrio do Senado.

«E todo o oufficial de Sirieyro que costuma dar sêra aos pobres para acompanharem os enterros o não faram senão aquelles que troucerem as ditas tabolletas, e não a outro nenhum sob penna de cem reis por cada hum dos pobres que se achar ou constar levarem cera nos ditos emterros a qual penna sarâ ametade p.' quem o acuzar.

(Do *Livro das Posturas*, fl. 282 e seg.')

UM ORADOR A QUEM SOBROU ELOQÜÊNCIA

«R.mo S.r P.e R.or da Comp.'
de JEZUZ.

«As preces, que este Senado suplicou, se fizecem na Cathedral, honde se acha o milagrozo Padroeyro da terra, para que D. nos acuda com o bem da chuva, que há m.to falta; se detreminão consumar no dia 15 do corr.te, com Porcição de tarde com o s.to, havendo sermão, dipois desta se recolher, na m.a Sé; e como para este se careçe de hu talento cheyo de zello, de Lettras, e de Virtudes, recorremos ao favor de V. R.ma para que dessa S.a Comonid.' nos queyra dar hu Pregador, para aquela acção.

«E posto que para encher os requezitos della, por superior manr.', basta qualquer sugeyto, que V. R.ma for serv.' nomear desse

real Colegio, porque todos avultão e se fazem especialm.te destintos, e benemeritos para a publica veneração, e resp.to: comtudo, por que o R.do P.e José de Figueyr.o, do que sobrou e do que não uzou a sua vastissima erudição no anno passado, quando pregou depois do terremoto (1) com o mesmo Padroeyro, poderá compor e ordenar, outros m.tos, e o presente sermão, com suma brevid.e: pedimos a V. R.ma nos queyra conceder este bem acceyto orador, para edificação publica. Esperamos dever a V. R.ma este favor, que lhe suplicamos cheyos de attenção, e que nas suas oraçons, e dessa S.ª Religiam, se rogue pello bem publico a Deos, q. g.de a V. R.ma m.tos a.os.

«F.al em Camr.ª 8 de Fv.º de 1749. Miguel de Arriaga Brum da Sylvr.ª Antonio José Espinola. Pedro de Bettencourt Henriques. Diogo de Bettencourt e Sá.»

(*Correspondência do Senado com S. Maj.de etc.*, 1732 a 1784, fl. 70)

(1) Vid. êste sermão em *Documentos para a história das Capitanias da Madeira*, Lisboa, 1930, pág. 37 e 38.

A-propósito-da "Aula de Desenho e Pintura"

AS CATORZE FIGURAS DUMA TELA

Como documentação gráfica do excelente artigo, publicado no primeiro número do *Arquivo Histórico da Madeira*, acêrca da antiga Aula de Pintura do Funchal, depara-se com uma curiosa gravura, que é a reprodução fotográfica duma antiga tela a óleo, que actualmente se encontra em Lisboa na posse dos herdeiros do nosso velho e malogrado amigo Francisco João de Vasconcelos do Couto Cardoso. Ha já muitos anos, tivemos ocasião de examinar detidamente êsse interessante quadro, que, embora não prime pelo esmerado da factura, é contudo bastante valioso debaixo do ponto de vista estritamente documental e histórico. Socorrido pelas indicações que a própria tela nos fornecia e mais ainda por outros elementos que possuíamos, conseguimos fazer a completa indentificação das catorze personagens, qus figuram nesse quadro e que na sua época eram do número das individualidades mais categorizadas no meio social madeirense. Temos hoje ensejo de oferecer aos leitores do *Arquivo Histórico da Madeira* as notas então colhidas, acompanhando-as duns rápidos traços biográficos de algumas das pessoas retratadas nessa curiosa tela.

É seu autor o pintor de arte João José do Nascimento, de quem se ocupa com alguma largueza o artigo acima referido, ignorando-se o ano em que êsse quadro teria sido executado.

Apresentamos todos as nomes desses indivíduos, conforme os lugares que ali ocupam, seguindo a orientação da esquerda para

a direita, e reportando-nos à gravura publicada no último número dêste Arquivo.

O comendador João Francisco de Oliveira. É o conselheiro João Francisco de Oliveira (1761-1829). Foi um dos mais abaiisados médicos portugueses do seu tempo, físico-mor do exército, deputado, ministro de Estado e representante de Portugal nas côrtes de Londres e Paris. Nesta tela reproduz-se com perfeita exactidão uma antiga litografia, que representa o retrato do dr. Oliveira e de que há um exemplar na sala das sessões da Misericórdia do Funchal, da qual êle foi um dos mais beneméritos provedores (Vide *Elucidário Madeirense,* vol. II pág. 236 (a).

O morgado Pedro Nicolau. Pedro Nicolau de Bettencourt e Freitas, administrador duma casa vinculada, era formado em leis e exerceu o cargo de juiz dos Resíduos e Capelas.

Malheiro de Mello. Era Patrício Malheiro de Melo (1791-1842) proprietário e comerciante, capitão do Batalhão de Voluntários Reais de D. Pedro IV.

João Eustachio. João Eustáquio de Sousa foi membro e escrivão da Junta da Real Fazenda nesta ilha.

Dr. Lopes. Foi um dos mais distintos madeirenses do seu tempo. Chamava-se João Francisco Lopes Rocha (1747-1819). Era formado em cânones e desempenhou os cargos de deão da nossa Sé e governador do bispado. E' o autor duma célebre carta, publicada em Londres, no ano de 1820, no *Campeão Português,* que ocupa quarenta páginas deste periódico e que no tempo causou uma extraordinária sensação (Vid. *El. Mad.* II—75).

Pedro Jorge Monteiro. Grande proprietário e comerciante e cônsul dos Países-Baixos.

Dr. Garcez. O dr. António José Rodrigues Garcez era formado em medicina e exerceu clínica no Funchal. Foi eleito deputado pela Madeira às primeiras côrtes constituintes, no ano de 1821, em que faleceu, não chegando a desempenhar o seu mandato. *(El. Mad.* I-445).

(a) *Elucidário Madeirense* por P.e Fernando A. da Silva e Carlos Azevedo de Meneses. 1921 e 1922, dois volumes.

Dr. Monteiro. João António Monteiro (1769-1834) doutor em filosofia e lente da Universidade de Coimbra, foi um sábio mineralogista, que pelos seus notáveis trabalhos científicos chegou a alcançar reputação europeia. *(El. Mad.* II-159)

Dr. Lúcio Lopes. Lúcio António Lopes Rocha era formado em cânones e Cónego da Sé do Funchal.

Dr. Anastácio, poeta. O dr. Anastácio Moniz de Bettencourt era formado em medicina pela Universidade de Coimbra e professor de retórica e filosofia no Funchal. Gozou de certa nomeada como poeta, mas hoje não são conhecidos os seus escritos.

Dr. João Pedro. Conhecido pela alcunha de Doutor Piolho, proveniente da sua pequena estatura, foi o dr. João Pedro de Freitas Pereira Drumond (1760-1825) um distinto advogado que gozou de muita consideração e prestígio nesta cidade. *(El. Mad.* I-336).

Vicente Júlio Fernandes. Foi Tesoureiro Geral da Junta da Real Fazenda da Ilha da Madeira.

Morgado Pedro Júlio da Camara. Era o morgado Pedro Júlio da Câmara Leme.

Dr. Luiz António. O dr. Luiz António Jardim (1780-1825) era formado em leis e advogado no Funchal. Cultivou a poesia e publicou vários folhetos com os seus versos, que hoje são muito raros. *(El. Mad.* II-6)

Funchal, Julho de 1931.

P.e Fernando A. da Silva
(Dos Arqueólogos Portugueses)

TRÊS CARTAS

Do sr. dr. Carlos de Carvalho, erudito numísmata e arqueólogo, recebemos a seguinte carta:

«Acabo de receber o fascículo n.º 1 do "Arquivo Histórico da Madeira", que me causou uma agradavel surprêsa e peço licença para muito cordealmente o felicitar pela sua iniciativa, que vem pre-

encher uma lacuna que há muito se fazia sentir.

E' uma esplêndida publicação, bem documentada e sobretudo escrita em português, o que infelizmente não é hoje vulgar.

Permita-me V... que sôbre o artigo "Criação e funcionamento da Aula de Desenho e Pintura do Funchal" eu preste alguns pequenos esclarecimentos; e assim, das telas de Joaquim Leonardo da Rocha, posso citar-lhe mais uma, que está em poder dêste seu criado. Não está datada, mas simplesmente assinada do lado direito, parte de baixo: *J. L. Rocha*, e por baixo mais uns dizeres quási ilegíveis que tanto podem ser *fecit* como *pintor* ou *pintou*, a tinta encarnada. Mede 80×58 e representa a fortaleza de Nossa Senhora da Conceição do Ilhéu, de bandeira branca, vendo de perto a pôpa e o mastro da ré duma nau de guerra inglesa, de bandeira vermelha e flâmula; o trabalho de talha da pôpa da nau está admiràvelmente reproduzido — um barco remado por marítimos madeirenses conduz de bordo para terra uma porção de casacas vermelhas."

. . . . . .

*

O sr. dr. A. da Rocha Madahil, muito distinto 1.° Conservador da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, dignou-se escrever-nos também acêrca de Leonardo da Rocha e enviar-nos as seguintes informações complementares da sua biografia, tiradas dos *Copiadores da Correspondência Oficial de Goa*, comprados há pouco tempo pela referida Biblioteca:

«Goa *22 Ab. 1785*

Pela carta de Vm.ce de 24 de Novembro de 1784 acompanhada com a carta do Bispo de Pekim, fico sciente do mao comportamento do Pintor Rocha, que não o acompanhou, deixando-se ficar em caza de M.r Vialhard Consul Francez, que o suggerio para não seguir o dito Bispo, nem ir para o serviço do Imperador da

China na forma da Ordem de Sua Magestade.

Como o Bispo na sua Carta refere, que dera deste cazo conta á nossa Côrte, devemos esperar a Real Rezolução para se executar o que S. Magestade for Servida ordenar.

Deos G.ª a Vm.ce Goa *22 de Abril de 1795* — D. Federico Guilherme de Souza - Senhor Bernardo Aleixo de Lemos e Faria Governador e Capitão Geral da Cidade de Macáo."

"Approvo a rezolução, que Vm.ce tomou, e communica na carta de 12 de Dezembro de 1784 de mandar prender o Pintor Rocha, e de o querer remetter para o Reino á ordem de Sua Magestade.

Deos G.e a Vm.ce Goa *6 de Maio de 1785.* — D. Federico Guilherme do Souza - Senhor Bernardo Aleixo de Lemos e Faria Governador e Capitão Geral da Cidade de Macáo."

*

Ainda a proposito do mesmo artigo, nos escreveu nos termos que seguem o sr. capitão Jorge de Sampaio, escrupuloso investigador e genealogista:

«Em referência à notícia publicada no seu valioso *Arquivo* sôbre as personalidades que figuram no quadro "O Instinto magnetiza almas ilustres," tomo a liberdade de lhe enviar nota dos cargos com que aparecem designadas as pessoas abaixo declaradas, em documentos do Arquivo da Marinha e Ultramar (Madeira e Pôrto Santo) da B. N. L.:

Dr. Lúcio António Lopes Rocha, bacharel formado em cânones pela nova reforma da Universidade de Coimbra, tesoureiro-mor na catedral do Funchal, Juiz do Resíduo e vigário geral em todo o bispado do Funchal.

Dr. João Francisco Lopes Rocha, arcediago na Catedral do Funchal, provisor e governador do bispado.

João Eustáquio de Sousa, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, familiar do Santo Ofício, deputado e escrivão da Fazenda na Real Junta da Ilha da Madeira, inspector da sua contadoria, superintendente geral da Alfândega e juiz das justificações ultramarinas.

Quanto ao Dr. Anastácio Moniz de Bettencourt, não foi médico como diz o *Elucidário Madeirense*, mas sim formado em cânones, como êle proprio se intitula em atestado que passou no Funchal aos 19 de Junho de 1809 e que se encontra no citado Arquivo da Marinha e Ultramar, o que me foi confirmado pelo sr. Dr. Brito e Silva, do Arquivo da Universidade de Coimbra. Matriculou-se no 1.º ano jurídico da Universidade do Coimbra a 30-10-1788 (Matrículas de 17 88-1789, vol 17, cad.º do Curso Jurídico, fl. 3 v.º) Fêz exame das disciplinas do 4.º ano e recebeu o grau de Bacharel a 2-6-1794. Formou-se no ano de 1795, sendo dispensado do exame respectivo por, em congregação de 28 de Abril do mesmo ano, o considerarem habilitado a gozar da dispensa de provas — perdão de acto — concedida em 4 do referido mês e ano (*Perdão de Actos* de 1789 a 1795, L.º 1.º fl. 7).»

. . . . . .

Posturas q̃ fizerão os Offiçiaes do anno de oitẽta & sete (1587)

« TITULO DAS POSTURAS DOS ENGENHOS

Primeiramente nenhum senhorio nem Rendeiro de engenho lançará a moer seu engenho sem primeiro ser visto pellos officiaes da camara pera se medir a caldeira per onde se Regulla o preço que levão de feitio aos lavradores sob penna de çincoenta cruzados pera cativos e accusador os quoaes Paguará da cadeia.

A caldeira ade levar trinta e seis almudes ata a Marcqua q̃ lhe será posta e da marca pera cima terá hum palmo ata aborda e os cubos cada hum seraa de hum almude da medida da cidade e serão afillados cada mes pello afillador della e Rompendosse a caldeira ou pondosse outra será medida de novo e o calcanha ou mestre que fazer tarefa sem estas diligencias ou faltando cada hua dellas paguará cinco cruzados cada hum pera cativos e accusador; e nesta penna encorrerá cada vez q̃ no sobredito tiver falta.

O mestre ou caldeireiro nam tomará nem mandará tomar em cada caldeira mais q̃ a medida certa e com ella cozerá sob penna de mil rz pera cativos e accusador e ho Rendr.º ou senhorio do engenho q̃ o contrairo conssentir paguará dez cruzados.

O mestre e mais caldeireiros serão obriguados a ter hua celha grande q̃ Receba as escumas pera depois de frias se sangrare e hua baçia em q̃ se lavem os coadoiros sob penna de quinhentos rz pera

cativos e accusador em q̇ encorreram todas as vezes que ho contrairo fizerem.

Nenhua pessoa das q̇ trabalhar na casa de cima mestre nem caldeyreiros comprarão persy nem per interposta pessoa asuquar nem netas sob penna de mil rz pera accusador e cativos em que encorrerão por cada vez que ho contrairo fizerem.

O mestre nem outra pessoa dará mellado a pessoa alg̃ua senam ho dono do asuq.ro ou quem seu poder tiver e ho pr.ro q̇ alimpa o fato não levará mellado somente se poderá averigoar cõ o lavrador o q̇ mereçesse q̇ lhe será paguo ha dr.º sequo sob penna de quinhentos rz pera o accusador e cativos em q̇ encorrerá cada pessoa cada vez que ho contrairo fizer.

O mestre caldeireiros e tacheiros q̇ tiverem dr.º por temperar as nettas temperarão tudo sem ficar nada sob pena de quinhentos rz pera accusador e cativos.

Nenhua Pessoa tirará cana das bestas nem a daraa assim pella Rua como no engenho nem dará botija de escumas sob penna de duzentos rz e sendo escravo ou moço menor sera prezo e seu pay ou senhor paguará a dita penna p.ª cativos e accusador.

Sob a dita penna nenhũ esbrugador tirará do canaveal cana inteira nem em pedaços ne̊ a dará sob penna de ser prezo.

Nenhum almocreve tomará escumas senão as que lhe forem dadas pellas pessoas pera isso ordenadas com penna de quinhentos rz pera accusador e cativos e sob a dita penna nam farão concerto com pessoas de fora pera darem as ditas escumas.

Todo o almocreve q̇ vier com lenha ou da serra ou de mar a levará direitamente ao engenho sem yr a sua casa nem armuniar nem tirar pao della depois de ser carreguada nem trará pao na mão sob penna de quinhentos rz pera accusador e cativos.

Nenhum caldeireiro Almocreve nem outra pessoa das q̇ trabalhão nos engenhos criarão porco sob penna de mil rz pera accusador e cativos e sob a dita penna não venderão de coada nem cinza sem licença do senhorio.

Nenhum senhorio nem Rendeiro de engenhos asoldará a jor-

nal sequo a pessoa algũa sob penna do dois mil rz pera accusador e cativos e nesta postura se nam entenderam os mestres Purgadores caldeireiros de mellar e almocreves porq̃ estes poderam ser asoldados por jornal sequo e os majs não.

Nenhũa pessoa dormirá nos engenhos excepto os q̃ nelle trabalhão sob penna de cem rz.

Nenhua pessoa venderá netas no engenho senão per medidas afilladas seram da medida do azeite e mel sob penna de quinhentos rz pera accusador e cativos.

Todo o esbrugador e almocreve tomara juramento de fazerem boa soqua e nam darem cana a ningue com penna de quinhentos rz pera accusador e cativos.

« TANOEIROS

Nenhum tonoeiro concerte Barril alguum depois de ser afillado pello afillador sob penna de dez cruzados ametade pera os cativos ametade pera quem o accusar, e sob a dita penna nenhuu almocreve q̃ ouver de mandar concertar barris os nam mandará concertar senam a casa do dito afillador o qual sera obriguado a contramarcar os ditos barris com marca diffrente a quoal será assentada no livro da Camara e de tudo se fez este acordo.

« TITULO DO BISCOITO

Nenhuã pessoa faça biscoito nem forneira o coza com penna de vinte cruzados e o biscoito perdido na quoal penna encorrerá assim a pessoa q̃ fizer como a forneira q̃ ho cozer ou o dono da casa em que se cozer posto q̃ nam seja forno da Poya; e sob a mesma penna de vinte cruzados nenhum barquo vaa pera os navios q̃ vam pera o Brasil e cabo verde sem sere vistos per hum dos quatro procuradores e serão obriguados a tudo o q̃ carreguarem ser dos marcos

adentro pera q̇ possa ser visto e tudo o que carregar fora dos marcos perderá tudo o q̇ carregar posto q̇ nam seja mantimento.

TITULO DOS NAVIOS Q̃ VÃO PERA O BRASIL

Nenhum navio dos q̇ forem pera ho Brasil parta do Porto desta çidade sem ser visto per hum dos officiaes mesteres q̇ servir nesta meza com penna de cincoenta cruzados e hum anno de degredo para Affrica e sob a dita penna nenhu mestre conssintirá ne Receberá em seu navio trigo, farinha, Biscoito, azeite, ou pescado nem pessoa algũa seraa tão ouzado q ho carregue e assim o prometterão pello juramento de seus offiçeos; e q̇ nenhum navio dos q̇ forem desta Ilha pera o Brasil tornará a ella com penna de duzentos cruzados e o navio perdido; e nenhum barco yraa aos Navios q̇ forem pera ho Brasil sem pr.° ser visto per huum dos Precuradores dos mesteres q̇ sirverem nesta meza sob penna de vinte cruzados e vinte dias de cadea as quoaes pennas applicão ametade pera os cativos e a outra ametade pera que os accusar. E alem dos Pregõis q se derem serão noteficados os mestres dos navios tanto q̇ ouverem de partir e depois de visitados q̇ não tornem a esta Ilha sob a dita penna pera q̇ não alleguem ignorancia pello grande perjuizo q he da fazenda de S. Mg.° e bem commum desta Ilha virem asuq.res a esta Ilha conforme as Provisõens de S. Mg.°

AUTO P.° QUE SE AJUNTASE A NOBREZA E MAIS PESSOAS DO POVO P.° SE LHE LEREM AS POSTURAS ATRAS ESCRITAS

Anno do nascimento de nosso snor Jesu christo de mil quinhentos noventa e ojto annos em o prim.° dia do mes de Abril do dito anno na cidade do funchal da jlha da mad.° sendo jundos os officiaes que o presente anno servem abajxo assinados loguo per elles foi mandado lançar pregão pellas praças desta cidade q̇ todos os fidalgos cavallejros e mais gente do povo venhão a esta camara

para se verem as posturas atras que forão tresladadas do livro velho neste cuncertado cõ elle. E para emmendare as que parecer bem e fazerem outras de novo e per algus virem os ditos officiaes as mandarão ler e publicar e as ouverão per boas e mandarão se cumprissem como se nellas contem e mandarão fosse appreguadas pellas praças publicas desta cidade conforme ao regimento e de tudo se fez este auto que assinarão, Dioguo paez da Cunha escrivão da camara o escrevj.

(a a) Manuel V.ra do canto.
gaspar daguiar.
J.º de Betancor.
L.do Alvaro Vaaz da Corte.
P.º Frz Carvalho.
Amt.º Frz.
Fr.co Glz.

Relação dos Capitãis de Infantaria, conforme o Livro 1.° dos "Juramentos e Menagens" (1627—1684)

Nome	Companhia	Data do Jur.to
Adrião Spranger da Câmara . . .	*São Vicente* . . .	12-5-1676
Agostinho do Couto Velho . . .	*Ilhéus*	(1630)
Agostinho de Góis Meneses . . .	*Machico*	6-6-1662
Álvaro de Figueiredo	*Porto do Moniz* . .	24-5-1674
Álvaro de Ornelas Vasconcelos . .	*Câmara de Lobos* . .	3-7-1669
Amaro de Abreu de Canha . . .	*Canhas*	1-9-1682
Amaro de Abreu Souto Maior . .	*São Vicente* . . .	27-4-1658
Amaro Homem de El-Rei . . .	*Fajã da Ovelha* . .	10-4-1684
Ambrósio Bringel de Andrade . . .	*Estreito da Calheta* .	14-6-1648
Ambrósio Teixeira de Andrade . .	*Cidade*	3-5-1664
António de Abreu	*Canhas*	8-1-1630
António de Brito Betencourt . . .	*Cidade*	29-6-1669
António Cardoso Drumond . . .	*Santa Cruz* . . .	19-2-1629
António do Carvalhal	*Cidade*	8-2-1639
António de Carvalhal Esmeraldo . .	*São Vicente* . . .	. . .
» » » » . . .	*Cidade*	. . .
» » » » . . .	»	18-2-1671
António Correia de Betencourt . .	*Ribeira dos Socorridos* .	. . .
» » » » . . .	*Cidade*	14-7-1648
» » » » . . .	*Câmara de Lobos* .	15-1-1661
António Correia Henriques . . .	*Ribera dos Socorridos* .	. . .
» » » . . .	*Ponta Delgada* . .	21-12-1663
» » » . . .	*Santo António* . .	8-1-1678
António Fernando de Melo (D.) . .	*Presídio de S. Lourenço*	. . .

António Ferreira do Souto	S. Vicente	2-12-1673
António de Figueiredo de Utra	Santa Cruz	22-7-1670
António de Freitas	Homens do Mar-Cidade	27-2-1674
António de Freitas da Silva	Madalena	(Termo incompleto)
António Gonçalves	Ribeira Funda	12-4-1647
António Gonçalves de Castro	P. Delgada-Boa Ventura e Arco (S. Jorge)	10-2-1628
António Maciel de Afonseca	Guarda da pessoa do Governador	19-3-1642
» » » »	Cidade	9-4-1655
» » » »	»	3-2-1661
António Mendes Caldeira	Caniço	
António de Mendonça de Vasconcelos	Santana	13-5-1679
António Moniz de Meneses	Calheta	24-5-1639
» » » »	Machico	5-3-1635
» » » »	S. Braz do Arco da Calheta	9-7-1636
» » » »	Porto da Cruz	11-11-1645
» » » »	Cidade	10-5-1666
António de Moura Rolim	Caniço	12-3-1638
António Pereira de Azevedo	Ribeira Brava	4-4-1680
António Pereira da Silva	Porto da Cruz	19-10-1649
» » » »	Porto Novo	25-2-1674
António Pestana Garcez	S. Vicente	26-4-1636
António de Sequeira	Fortaleza de Santiago	10-8-1634
António Serrão Spinola	Jardim	1-4-1684
António da Silva Favila de Vasconcelos	Calhau do Gorgulho	14-3-1684
António Soares	Câmara de Lobos	27-9-1683
Antônio Teixeira	Santana	6-2-1658
António Teixeira Dória	Faial	18-5-1673
António Teixeira de Mendonça	S. Jorge	25-5-1677
António Teixeira da Silva	Santa Cruz	27-7-1681
António Teixeira de Vasconcelos	Faial	14-10-1629
Anrónio Telo de Meneses	Câmara de Lobos	26-9-1678
António Vogado de Souto Maior	Câmara de Lobos	1-3-1668
Baltasar Abreu de Canha	Ribeira Brava	
Baltasar Gonçalves de Gouveia	S. Vicente	20-11-1671
Bartolomeu de Aguiar	Ribeira dos Socorridos	4-5-1634
Bartolomeu de Betencourt e Sá (D.)	Câmara de Lobos	1-6-1682
Bartolomeu do Couto Cardoso	Calheta	13-2-1658
Bartolomeu de França e Andrade	Calheta	14-8-1674
Bartolomeu Machado de Miranda	Cidade	
Bartolomeu de Vasconcelos	Ribeira dos Socorridos	20-9-1636
» » »	Água de Pena	16-6-1654

Bartolomeu de Vasconcelos . . .	*Santo António* . .	23-5-1682
Bartolomeu Veloso de Lira . . .	*Ponta do Pargo* . .	27-6-1673
Belchior Berengel de Andrade . .	*Calheta*	25-10-1645
Belchior de Mendonça Vasconcelos .	. . . . .	. . .
Belchior de Moura de Mendonça .	*Faial*	11-10-1658
Belchior Perestrelo da Câmara . .	*Calheta* . . .	29-5-1653
Belchior Tavares da Silva . . .	*Cidade*	21-3-1673
Bento do Couto Cardoso . . .	*Fajã da Ovelha* . .	25-10-1645
Bernardo de Freitas Correia . . .	*Pôrto da Cruz* . .	9-12-1674
Braz da Câmara	*Calheta*	9-11-1629
» » »	*Calheta*	19-6-1646
Braz da Costa de Freitas . . .	*Pôrto da Cruz* . .	9-10-1645
Braz Ferreira de Afonseca	*Pico do Ferreiro, Fazenda de Alem e Serra de Água*	29-11-1629
Braz de Freitas da Silva	*Cidade*	14-6-1649
Braz Mendes de Sousa	*Pôrto do Moniz* . .	. . .
Braz Moniz Teles de Meneses . .	*Pôrto da Cruz* . .	10-2-1671
Cristóvão de Atouguia da Costa . .	*Cidade*	13-3-1639
Cristóvão Gomes de Andrade . . .	*Boa Ventura* . .	31-8-1658
Cristóvão Moniz Barreto . . .	*Cabo do Calhau* . .	23-1-1634
Cristóvão Moniz de Meneses . . .	*Câmara de Lôbos* . .	5-10-1654
Cristóvão de Sousa	*Cidade*	19-12-1645
Diogo Afonso de Aguiar	*Tabua*	27-6-1667
Diogo de Bettencourt Atouguia . .	*N.ª S.ª do Monte* . .	15-4-1667
Diogo de Bettencourt Correia . .	*Cidade*	. . .
Diogo Fernandes Branco	*Rib.ra de Gonçalo Aires*	12-4-1667
Diogo Ferreira Ribeiro	*Ribeira Brava* . .	. . .
Diogo de França Carvalho . . .	*Calheta*	1-7-1670
Diogo de Freitas Bettencourt . . .	*N.ª S.ª do Calhau* . .	15-12-1666
Diogo de Freitas Correia . . .	*Cidade*	. . .
Diogo de Ornelas de Vasconcelos . .	*Câmara de Lobos* . .	13-3-1638
« » » » » . .	*Santa Luzia* . . .	18-11-1672
Diogo de Saldanha	*Caniço*	19-1-1668
Diogo Teles de Meneses	*Cidade*	23-12-1673
Diogo Valente de Quental . . .	*São Vicente* . . .	23-10-1667
Domingos Figueiredo de Calheiros . .	*Calheta*	8-5-1670
» » » » . .	*Porto do Mar (Cid.ª)* .	18-9-1670
Domingos Gonçalves de Gouveia . .	*S. Jorge* . .	7-10-1674
Domingos Gonçalves Pinto . . .	*Ribeira dos Socorridos* .	6-6-1648
Domingos Mendes Quental . . .	*São Vicente* . . .	29-1-1675
Duarte Teixeira de Vasconcelos . .	*Gaula*	2-4-1647
Felipe da Câmara Leme	*S. Roque* . . .	23-11-1676

Felipe Gentil de Limoges		15-12-1667
Fernão Favila de Vasconcelos		16-4-1650
Fernão de Morais	*Machico*	23-1-1646
Fernão Tavares de Vasconcelos		24-7-1663
Francisco Acciaioli de Vasconcelos	*Cidade*	12-5-1672
Francisco de Agrela Ferreira		19-11-1672
Francisco de Albuquerque de Meneses	*Estreito da Calheta*	15-10-1629
Francisco Álvares Homem	*Ribeira Brava*	12-12-1667
Francisco de Andrade de Araujo	*Caniço*	29-7-1643
Francisco de Andrade do Couto	*Calheta*	23-6-1648
Francisco de Andrade de Sá	*Tabua*	24-7-1681
Francisco Arrais Homem	*Calheta*	31-3-1672
Francisco Berenguer de Lumilhana	*Ponta do Sol*	10-8-1661
Francisco de Betencourt Correia	*Ribeira dos Socorridos*	19-3-1628
Francisco de Betencourt de Sá		23-5-1674
» » » »	*Ribeira Brava*	17-8-1677
Francisco Biard	*Santana*	30-12-1678
Francisco da Câmara	*Calheta*	29-2-1648
Francisco da Câmara Leme	*S. Roque*	20-7-1667
Francisco Esmeraldo Henriques	*Cidade*	10-5-1666
Francisco Ferreira Pestana	*Ribeira Brava e Tabua*	30-11-1646
Francisco de França Barbosa	*Câmara de Lobos*	18-7-1667
Francisco de Freitas	*Madalena*	18-5-1666
Francisco de Freitas da Silva	*Câmara de Lobos*	... 1670 (?)
Francisco Furtado de Mendonça	*Cidade*	1-3-1645
Francisco Gomes de Andrade	*Ribeira da Boaventura*	8-3-1647
Francisco Gonçalves da Câmara	*Ponta do Sol*	3-1-1656
Francisco Gonçalves da Câmara	» » »	15-1-1670
Francisco Homem de El-Rei	*Calheta*	14-6-1658
Francisco Homem do Souto	»	27-5-1653
Francisco Machado da Silveira		... 1684
Francisco Maciel Moniz	*Santa Cruz*	7-2-1670
Francisco Manuel Moniz	*Freg. de Santa Brites*	8-8-1628
Francisco Marques Arrais	*S. Jorge*	16-10-1657
Francisco Moniz de Meneses	*Santa Cruz*	20-4-1629
» » »	*São Vicente*	22-1-1644
» » » »	*Santa Cruz*	13-10-1657
Francisco de Noronha	*Pôrto da Cruz*	4-1-1651
Francisco de Noronha Henriques	*Calhau do Gorgulho*	
» » » »	*Cidade*	15-4-1637
Francisco Pardo de Figueiroa	*Paul*	17-3-1664

Francisco Teixeira de Mendonça	*S. Jorge*	6-10-1634
Francisco Teles	*Campanário*	8-1-1653
Francisco Teles de Meneses	»	21-6-1669
» » » »	»	4-8-1674
Francisco de Vasconcelos Betencourt	*Cidade*	14-6-1649
» » » »	*Santo António*	10-5-1666
Francisco de Vasconcelos da Silva	*Calheta*	4-7-1670
Francisco Velosa de Vasconcelos	*Porto da Cruz*	14-10-1629
» » » »	*Santana*	25-5-1677
Garcia Moniz Barreto	*Machico*	22-6-1648
Gaspar Arrais de Mendonça	*Ponta do Sol*	28-2-1646
Gaspar de Castro	*S. Vicente*	14-6-1647
» » »	» »	24-10-1670
Gaspar de Freitas Betencourt	*Campanário*	5-3-1643
Gaspar de França de Castro	*Calheta*	20-6-1649
Gaspar Homem de El-rei	»	1-11-1645
Gaspar Mendes de Vasconcelos	*Cidade*	28-4-1646
» » » »	*Câmara de Lobos*	3-2-1661
Gaspar de Vasconcelos Henriques	. . . . .	. . .
» » » »	*Câmara de Lobos*	21-8-1647
Gonçalo Barreto Sintas	*Ribeira Brava*	2-9-1670
Gonçalo de Freitas	*Pôrto da Cruz*	25-4-1658
Gonçalo de Freitas Betencourt	*Campanário*	13-12-1666
Gonçalo de Freitas Correia	*Cidade*	14-6-1653
» » » »	. . . . .	18-6-1676
Gonçalo Moniz da Câmara	*Pôrto do Moniz*	23-3-1630
» » » »	» » »	31-8-1637
Gonçalo Rodrigues de Sequeira	*Calheta*	9-5-1682
Henrique Moniz Barreto	»	17-2-1639
Henrique Moniz César	*Madalena*	24-5-1680
Henrique Moniz de Meneses	*Calheta*	7-7-1670
Henrique Teixeira Calaça	*Seixal*	27-3-1674
Inácio de Betencourt da Câmara	*Santa Luzia*	29-11-1670
Inácio da Câmara Leme	*Cidade*	28-4-1654
» » » »	. . . . .	25-10-1660
Inácio da Costa Távora	*Ribeira Brava*	19-12-1681
Inácio Taveira	*Calheta*	5-5-1678
Inácio Teixeira Dória	*Santana*	2-9-1662
Inácio de Vasconcelos	*Cidade*	23-9-1663
Jacinto Acciaioli de Vasconcelos	*Ribeira Seca*	10-1-1678
Jacinto de Freitas da Silva	*Madalena*	. . .

Jerónimo de Atouguia	*Cidade*	19-12-1645
» » »	*Campanário*	24-7-1663
Jerónimo Teixeira de Mendonça	*Santana*	19-6-1634
» » » »	*Machico*	13-7-1676
João Baptista Machado	*Castelo de S. Lourenço*	14-1-1680
João de Bettencourt	*Câmara de Lobos*	25-7-1674
João de Bettencourt de Atouguia	*Cidade*	4-2-1661
João de Bettencourt da Câmara	*Tabua*	14-12-1633
João de Bettencourt de Freitas	*Santa Cruz*	9-6-1634
João de Bettencourt Henriques	*Cidade*	27-6-1648
» » » »	*Câmara de Lobos*	18-2-1666
João de Bettencourt de Vasconcelos	*Cidade*	14-2-1653
João de Bettencourt Vilela	»	2-11-1678
João Correia de Mendonça	*Água de Pena*	13-12-1645
João do Couto Cardoso	*Fajã da Ovelha*	1-12-1628
João Drumond de Vasconcelos	*Santa Luzia*	23-4-1650
João Esmeraldo de Atouguia	*Ponta do Sol*	
» » » »	» »	
João Escórcio de Mendonça	*Santa Cruz*	11-3-1681
João Fernandes de Linhares	*Madalena e Ponta do Sol*	17-8-1670
» » » »	*Ribeira Brava*	6-1-1658
João Ferreira Gabriel	*Tabua*	21-1-1653
João Ferreira Usel	»	6-6-1657
João Fonseca de Vasconcelos	*Penha de Águia*	14-6-1627
João Gomes de Andrade	*S. Jorge*	30-1-1678
João Machado de Miranda	*Cidade*	6-2-1661
João de Madureira de Vasconcelos	*Machico*	28-9-1680
João Mendes de Vasconcelos	*Caniço*	2-8-1631
João de Mendonça de Vasconcelos	*Machico*	10-6-1668
João de Mideiros de Miranda	*Câmara de Lobos*	12-8-1647
João Moniz de Meneses	*Ribeira Brava*	19-4-1651
» » » »	*Machico*	20-11-1677
» » » »	*Cidade*	3-11-1678
João de Morais Drumond	*Santa Cruz*	28-3-1680
João de Morais Tavares Drumond	» »	14-7-1667
João de Ornelas	*Caniço*	30-5-1642
João de Ossuna de Meneses	*Calheta*	20-4-1655
João Perestrelo de Vasconcelos	*Machico*	7-6-1653
João Rodrigues da Câmara	*Ponta do Sol*	13-12-1667
João Rodrigùes de Teives	*Ilhéus*	...5-1630
João de Sousa e Lira	*Calheta*	10-8-1677

João do Souto	*Calheta*	
João Teixeira Dória	*Santana*	24-5-1632
» »	*Cidade*	15-3-1639
João Telo de Meneses	*São Vicente*	
João Teles de Meneses	*Santa Cruz*	2-4-1653
João de Teves Barreto	*Cidade*	17-7-1667
Jorge de Andrade Correia	*Estreito de C.ª de Lobos*	30-10-1628
» » »	*Cidade*	10-5-1666
Jorge Ferraz Caldeira	*S. Jorge*	19-1-1664
Jorge Henriques (D.)	*Cidade*	8-3-1673
Jorge Mialheiro	*Calheta*	30-7-1629
Jorge Mialheiro Pereira	*Cidade*	23-1-1632
José da Câmara	*Pôrto Novo*	21-9-1653
José Ferreira de Mesquita	*São Vicente*	13-1-1668
José de França de Andrade	» »	7-3-1680
José de Lira de Aragão	*Calheta*	1-4-1660
José de Melo Fernando (D.)	*(T.te General)*	
José Moniz de Meneses	*Pôrto Santo*	23-12-1653
Leonardo de Andrade de Sá	*Ponta do Sol*	17-2-1673
Lopo Pardo de Ossuna	*Calheta*	9-3-1635
» » » »	*Arco da Calheta*	15-3-1639
Lourenço Afonso Serrão	*São Vicente*	19-12-1643
Lourenço Caldeira Ribeiro	*S. Jorge*	7-12-1670
Lourenço de Mendonça Furtado	*N.ª S.ª do Monte*	
Lucas de Andrade da Silva	*Calheta*	2-11-1682
Luiz de Albuquerque	*S. Jorge*	25-5-1677
» » »	*Madalena*	19-1-1684
Luiz de Atouguia da Costa	*Cidade*	20-1-1661
Luiz Dória de Vasconcelos	*Santana*	25-5-1646
Luiz Dória Veloso	»	
Luiz Esmeraldo de Atouguia	*Ribeira Brava*	
» » » »	*Ponta do Sol*	16-12-1667
Luiz Gonçalves da Silva	*Ribeira Brava*	23-7-1681
Luiz Mendes de Vasconcelos	*Santa Cruz*	6-2-1646
Luiz de Noronha Henriques	*Ribeira dos Socorridos*	18-3-1645
» » » »	*Câmara de Lobos*	21-8-1647
Luiz de Ornelas de Vasconcelos	»	7-7-1676
Luiz Pestana de Velosa	*Pôrto Novo*	26-8-1658
Luiz Teles	*Santa Cruz*	6-6-1654
Luiz Teles de Meneses	*Ponta do Pargo*	2-1-1648
Manuel Alfardique Freire	*Câmara de Lobos*	18-6-1680

Manuel de Andrade	*Ponta do Sol*	. . .
Manuel da Andrade Berenguer	» »	1-2-1666
Manuel Antunes Serrão	*Calheta*	23-6-1679
Manuel de Atouguia	*Ribeira Brava*	3-7-1656
Manuel Barbosa Moniz	*Caniçal*	22-4-1664
Manuel Cabral Catanho	*Machico*	27-9-1663
Manuel da Câmara	*Cidade*	6-7-1679
Manuel de Carvalho Valdavesso	»	. . .
» » » »	*Campanário*	8-2-1668
Marcial de Castro da Câmara	*Pôrto do Moniz*	29-1-1632
Manuel de Castro de Freitas	*Pôrto da Cruz*	18-1-1654
Manuel da Costa da Câmara	*Câmara de Lobos*	1-3-1634
Manuel da Costa Sequeira	*Pôrto do Moniz*	7-9-1677
Manuel do Couto Cardoso	*Calheta*	29-10-1645
Manuel Dias de Andrade	*Cidade*	27-11-1656
Manuel Escórcio	*Santa Cruz*	22-5-1670
Manuel Escórcio da Fonseca	» »	26-5-1664
Manuel Escórcio Lomelino	» »	4-1-1681
Manuel Ferreira	*Pôrto do Moniz*	20-4-1655
Manuel de França de Andrade	*Ponta Delgada*	15-5-1647
Manuel de França e Câmara	*Porto do Moniz*	4-1-1681
Manuel de França de Castro	*Calheta*	4-4-1659
Manuel de França de Vasconcelos	*Santana*	22-2-1650
Manuel Homem da Câmara	*Porto Novo e Gaula*	29-3-1627
Manuel Homem da Costa	*Santa Cruz*	15-1-1683
Manuel Homem de El-Rei	*Ponta do Pargo*	1-12-1628
» » » »	*Calheta*	7-11-1645
Manuel Homem de Sousa	*Cidade*	. . .
Manuel Marques Arrais	*S. Jorge*	5-7-1651
Manuel Mendes Serrão	*Calheta*	1-3-1684
Manuel de Mideiros de Miranda	*Câmara de Lobos*	10-3-1654
Manuel Moniz Barreto	*Canhas e Madalena*	. . .
Manuel Moniz de Meneses	*São Vicente*	23-6-1679
Manuel Pereira da Silva	*Ribeira do Faial*	23-6-1644
Manuel Pestana de Brito	*Porto Novo*	. . .
Manuel de Quental de Matos	*São Vicente*	14-1-1677
Manuel da Silva da Câmara	*Cabo do Calhau*	4-5-1627
Manuel de Sousa	*Porto do Moniz*	28-6-1653
Manuel Teixeira Pereira	*Cidade*	. . .
Manuel Teixeira Vasconcelos	*Machico*	27-2-1650
Manuel Teles de Meneses	»	10-1-1646

Manuel de Vasconcelos	*Machico*	4-5-1627
» »	*Cidade*	17-10-1675
» »	*Tabua*	10-5-1679
Manuel de Vasconcelos Perestrelo	*Santa Cruz*	30-6-1670
Manuel de Velosa de Abreu	*Câmara de Lobos*	27-3-1684
Manuel de Velosa de Vasconcelos	*Cidade*	21-4-1642
Manuel Veloso da Câmara	*Caniço*	10-10-1635
Marcial Nunes da Costa	*Pôrto do Moniz*	31-12-1647
Marcos Gil Arrais	*S. Jorge*	18-3-1646
» »	» »	20-10-1674
Marcos Gil Arrais de Mendonça	» »	19-4-1679
Martim Mendes de Vasconcelos	*Porto Novo e Gaula*	7-7-1628
Martim da Silva de Meneses	*Ponta do Sol*	4-12-1667
Martim Vaz de Caires	*S. Martinho*	20-2-1646
Mateus Favila de Vasconcelos	*Cidade*	4-5-1627
Mateus da Gama	»	4-5-1667
Mateus de Mendonça e Vasconcelos	*Machico*	. . .
Matias Ferreira de Afonseca	. . . . .	18-10-1651
» »	*Santa Cruz*	7-6-1670
Matias de Mendonça de Vasconcelos	*Cidade*	9-6-1638
» » » »	*Machico*	28-8-1673
Matias do Souto	*Calheta*	. . .
Mendo de Brito de Oliveira	*Cidade*	27-4-1630
Miguel de Bettencourt de Atouguia	»	18-5-1675
Miguel Pestana de Velosa	*Santa Cruz*	27-2-1680
Nicolau de Brito de Oliveira	*Cidade*	29-6-1669
Nicolau Mendes de Vasconcelos	*Pôrto Novo*	21-7-1663
Nuno da Costa Moniz	*Cidade*	19-4-1646
Nuno de Freitas	*Madalena*	10-5-1666
Nuno de Sousa Mascarenhas	. . . . .	9-5-1645
Paio Rodrigues Pais da Cunha	*N.ª S.ª do Calhau, Porto Novo e Ribeirinho*	29-3-1627
Paulo Vieira Cardoso	*Santo António*	20-3-1680
Pedro de Andrade Bringel	*Cidade*	22-3-1648
» »	*Calheta*	3-12-1668
Pedro de Bettencourt de Atouguia	*Monte e S. Gonçalo*	27-1-1632
» » » »	*Campanário*	30-11-1645
» » » »	*Ribeira Brava*	6-5-1646
Pedro de Bettencourt Henriques	*Cidade*	10-6-1652
Pedro de Bettencourt da Silva	»	1-11-1639
Pedro Borges de Sousa	»	6-4-1655
Pedro de Carvalho Valdavesso	*Castelo de S. Lourenço*	11-6-1647

Pedro de Couto	*Fajã da Ovelha*	4-6-1647
Pedro Ferreira de Mesquita	*Tabua*	8-7-1667
Pedro Florença da Câmara	*Calheta*	8-7-1669
Pedro Francisco de Vasconcelos	*Machico*	28-7-1628
Pedro Maria Linhares	*Estreito da Calheta*	16-12-1682
Pedro Moniz	*Seixal*	24-4-1677
Pedro Moniz da Câmara	*Madalena, Santa, Pombais e Achadas*	16-12-1629
Pedro Pestana Garcez	*São Vicente*	26-7-1629
Pedro de Ponte	*São Vicente*	4-7-1679
Pedro Ribeiro Esmeraldo	*Praia Formosa*	...5-1630
» » »	*Ponta do Sol e Lombada*	10-1-1632
» » »	*Cidade*	13-7-1676
Pedro Valente de Quental		22-5-1674
Roque Acciaioli de Vasconcelos	*S. Gonçalo*	20-2-1653
Roque Ferreira de Vasconcelos	*Caniço*	5-3-1633
» » » »		2-5-1653
Salvador Pacheco de Andrade	*Santana*	17-11-1629
Sebastião de França de Andrade	*Pôrto do Moniz*	23-8-1669
Sebastião Gonçalves de Sequeira	*Calheta*	20-11-1669
» » » »	»	27-4-1672
Sebastião Moniz da Câmara	*Pôrto Novo*	1-2-1633
Simão Borralho Tavares	*Santa Cruz*	14-2-1670
Simão Delgado Ferreira	*Gaula*	28-3-1643
» » »	*Caniço*	2-4-1647
Simão Gonçalves da Câmara	*S. Vicente*	21-12-1663
Simão Nunes Machado	*Câmara de Lobos*	11-3-1673
Simão Teixeira de Ossuna	*Calheta*	12-11-1656
Tomaz da Costa	*São Vicente*	13-5-1679
Tomé Fernandes de Oliveira	*Ribeira Brava*	8-4-1680
Tristão Catanho	*Calheta*	12-4-1684
Vasco Moniz de Meneses	*Seixal*	7-11-1669
Vicente de Matos de Quental	*Calheta*	15-8-1684
Vicente Moniz Teles de Meneses	*São Vicente*	6-6-1671
Vicente de Noronha	*Calheta*	14-6-1648
Vicente de Ossuna de Meneses	»	9-3-1635
Vicente de Viveiros de Andrade	*São Vicente*	4-6-1659
Zenóbio Acciaioli de Vasconcelos	*Santa Luzia*	18-7-1676

Ex-Libris relacionados com a Madeira

(Abreviaturas: R. E. L. P.—Revista do Ex-Libris Portugueses.
E. M.—Elucidário Madeirense. A. N. E. L.—Arq.º Nac. do Ex-Libris)

1.º Fernando José Correa Henriques de Noronha, 1.º Visconde de Torre Bela. 2, armoriados (Correas e Henriques). Com biografia. *R. E. L. P.* 1.º vol. n.º 4 pág 60, sob n.º XVI. 1916. Mencionado no E. M.

2.º Roberto Page. 3. o 2.º na *R. E. L. P.* vol. I n.º 6 pág. 85, n.º XXII, 1916. Armoriado (Page e.....) Biog.ª de H.ª de Campos Fer.ª Lima. O 3.º referido em *aditamento ao I vol.*, pág. 190 do n.º 12, vol. III, 1919. Difere do 2.º nas indicações por baixo da gravura, tendo a mais a palavra *Commander*. Citados no *E. M.* O 1.º no *A. N. E. L.* vol. 2.º n.º 2 pág. 50, Maio de 1930. Armoriados, êste de brasão de chefe, os outros dois, escudo partido.

3. Benjamim de Oliveira. 1. Armoriado (Oliv.ª e Calheiros). Com biografia. *R. E. L. P.* vol. I n.º 6 pág.

94, n.º XXIV, 1916. Citado no *E. M.*

4.º João José de Bittancourt e Freitas. 1. Armoriado (Monizes, Meneses, Bettencourt, Freitas). *R. E. L. P.* vol. I n.º 10 pág. 156, n. XLIV, 1916. Referido no *E. M.*

5.º João Agostinho Figueiroa de Albuquerque e Freitas. 1. Armoriado (Freitas, Figueiroas, Britos, Albuquerques). Com biografia na *R. E. L. P.* 2.º vol. n.º 2 pág 18, n.º LVII, 1917. Ref. no *E. M.*

6.º Tomaz Murdoch. 1. Armoriado. Notícia biog.ca *R. E. L. P.* 2.º vol. n.º 2, pág. 22, n.º LIX, 1917, e *A. N. E. L.* estampa 21 (Sup.to aos n.os 3 e 4) 1927.

7.º Roberto Blackburn. 1. Armoriado. *R. E. L. P.* vol. 2.º n.º 3, sob n.º LXII. Ref. no *E. M.* 1917.

8.º Mary Blackburn. 1. Igual ao anterior menos no nome, Idem, n.º LXIII. Ref. no *E. M.* 1917.

9.º Leland Crosthwait Cossart. 1. Armoriado. *R. E. L. P.* 2.º vol. n.º 7 pág. 98 sob n.º LXXX, 1917. Com biog.ª Referido no *E. M.*

10.º Tomaz Harris. 1. *R. E. L. P.* 2.º vol. n.º 9 pág. 132, n.º XC. 1917. 1. Armoriado (Harris). A Revista supõe serem as armas alteradas dos Condes de Malmesbury, o que é erróneo. Falta o chefe do escudo dos Harris *(the gates and fortress of Serimgapatam, all p. pr.)* O tigre do timbre devia ser passante e coroado. Com not.ª biog.ca Ref. no *E. M.*

11.º William Penfold. 1. Armoriado (meio grifo sôbre rolete). *R. E. L. P.* vol. II n.º 9 pág. 133 n.º XCI, 1917. Not. biog.ca *A. N. E. L.* estampa 19 (Supl. aos n.os 3 e 4) 1927. Ref.º no *E. M.*

12.º Joseph Pringle. 1. Armoriado. *R. E. L. P.* vol. II, n.º 10, pág. 153 n.º XCVIII, 1917. Not.ª biog.ca *A. N. E. L.* est. 21 (Supl. aos n.os 3 e 4) 1927. Ref.do *E. M.*

13.º Charles Murray. 1. Armoriado (Murry of Philipaugh). *R. E. L. P.* vol. III n.º 1 pág. 10 n.º CXX, 1918. Not.ª biogca, cit.º no *E. M.*

14.º Tomaz Robinson. 1. Armoriado. *R. E. L. P.* vol. III, n.º 2, pág. 25, n.º CXXV. Breve not.ª biog.ca *A. N. E. L.* estampa 20 (supl. to aos n.os 3 e 4) 1927. Ref.do no *E. M.* Por averiguar ainda

a estada de T. R. na Madeira.

15.º Roberto Bayman. 1. Simbólico. *R. E. L. P.* vol. III n.º 3 pág. 41 n.º CXXXIII, 1918. *R. E. L. P.* est. 21. Breve not.ª biog.ª; cit.ª no *E. M.*

16.º John Mason. 1. Nome impresso, com cercadura. *R. E. L. P.* vol. III n.º 8 pág. 117, n.º CLI, 1918. Simples notícia.

17.º Andrew Doran. 1. Timbre de leão nascente, divisa e nome do possuïdor. Sem biog.ª *R. E. L. P.* vol III, n.º 8 pág. 118, n.º CLIII, 1918.

18.º Russel Manners Gordon, 3.º Visconde e 1.º Conde de Torre Bela. 1. Armoriado (Kenmure, sem a coroa nem suportes). *R. E. L. P.* vol. IV. n.º 1 pág. 15 n.º CLXXII, 1919. Com biog.ª

19.º James David Webster Gordon. 3. Armoriados. 1.º (Kenmure), igual ao antecedente, menos o nome, 2.º e 3.º (Kenmure, Fraser? Palmer? Kenmure...?) *R. E. L. P.* vol. IV, n.º 4, pág. 59-60, n.º CLXXX. Biog.ª *A. N. E. L.* reproduziu o 1.º, est. 20 (supl. aos n.ºs 3 e 4) 1927.

20.º Harry Hinton, 2. Armoriados. O 1.º na *R. E. L. P.* vol. V, pág. 39, n.º CCXXVIII, 1922. Com biog.ª O 2.º inédito, difere do 1.º no tamanho e forma do escudo.

21.º Nuno de Freitas Lomelino. Armoriado (Freitas, Silvas, Lomelinos). *R. E. L. P.* vol. V, pág. 58 n.º CCXXXVI, 1922.

22.º Aires de Ornelas de Vasconcelos (Conselheiro). 1. Armoriado (Ornelas). *R. E. L. P.* vol. V pág. 136 n.º CC*XXX*II. Biog.ª de F. de Sousa Holstein.

23.º Henri Middleton. 1. Feixe de trigo alado sôbre rolete. *R. E. L. P.* vol. VI, pág. 10 n.º CCLIX, 1924.

24.º António Aurélio da Costa Ferreira (Dr) 2. Desenhados. *R. E. L. P.* vol. VI, p. 19-31, CCLN, 1924. Biog.ª de Belisário Pimenta.

25.º John Robinson. 1. Simbólico e armoriado (Robinson, de Rokeby?) *R. E. L. P.* vol VI pág. 32 n.º CCLXVI, 1924. Breve not.ª biog.ª

26.º José Silvestre Ribeiro (Conselheiro). Nome impresso. *A. N. E. L.* n.º 9 pág. 171, 1928. Biog.ª de Joaquim Leitão.

27.º Alexandre José Sarsfield. 1. Armoriado (Sarsfield). *A. N. E. L.* Estampa 40, n.º 6, 1928. Biog.ª a pág. 105.

28.º João Cabral do Nascimento (Dr.) 2. Armoriados (Caiados). O 1.º no *A. N. E. L.* n.º 5 est. XIV e biog.ª por C. M. a pág. 74, 1927. O 2.º em formato reduzido, inédito.

29.º Roberto Wallas. 1, armoriado (Wallace?) *A. N. E. L.* n.º 8 pág. 160,1928. Biog.ª pelo dr. Rui da Câmara,

30.º Rui de Bethencourt da Câmara (Dr.) 2. Armoriados O 1º (Drumond, Meneses, Monizes, Câmaras) *A. N. E. L.* n.º 1 do 2.º ano, pág. 6. O 2.º idem, estampa III, 2 brasões (Matos, Noronhas, Câmaras, Bettencourt, Meneses, Drumond; e Freitas, Albuquerques, Figueiroas, Berengueres, Britos, Farias e Bettencourt). Com biog.ª por J. C.

31.º Gastão de Castelbranco. 3. Armoriados (Castelbrancos, Freitas, Teixeiras, Espínolas). O 1.º no *A. N. E. L.* 2.º ano, n.º 1, pág. 23. Biog.ª pelo dr. Rui da Câmara. O 2.º inédito, mesmo escudo sôbre a pasta dum livro, fotograv. de aguarela.

32.º Henrique Crawford (Dr.). Nome impresso, sem cercadura. Inédito.

33.º Gregório de Bettencourt Abreu. Bilhete de visita. Inédito.

34.º João Burden Blandy. 1. Armoriado. *A. N. E. L.* ano II, n.º 3, pág. 76. Com biografia.

35.º D. Georgina Faber. 1. Nome impresso, com cercadura oval. Id., id., idem.

36,º Fernando Cardoso Henriques de Aguiar, 1. Simbólico: dois livros, por baixo a assinatura *fac-simile* do possuïdor. *A. N. E. L.* Maio de 1931, n.º 4, vol, II.

37.º H. S. Wilbraham (séc. XIX) 1. Armoriado, gravura em aço. Publicamo-lo pela primeira vez, colado à inglesa e em fotogravura de Marques Abreu, do Pôrto.

38.º Carlos de Meireles da Silva Carvalho (Dr.) 2. O 1.º nome impresso, o 2.º simbólico. Inéditos.

39.º Alfredo de Freitas Branco, Visconde do Pôrto da Cruz. 1. Armoriado e simbólico. Inédito.

CAPELAS EM SANTA CRUZ

Desenho de Max Römer — Grav. de Malho

Brasão dos Morais na Capela do Santíssimo da igreja paroquial

Não houve, talvez, terra alguma portuguesa, onde existissem tantas capelas como na Madeira.

Umas eram vinculares ou de morgado, outras edificadas pela devoção do povo.

Em Santa Cruz, por exemplo, havia na própria igreja paroquial a capela que foi dada a João de Freitas Correia pelos bons serviços e pelo terreno cedido para a reconstrução do templo em 1533.

Nela tinha seu jazigo.

A capela de São Tiago, hoje do Santíssimo, vincular, instituída por João de Morais; no arco e no teto ostenta ainda hoje o escudo dos Morais.

A capela das Almas, colateral, do lado da epístola, instituída por

testamento, de 23 de Fevereiro de 1693, de Gaspar Pereira de Vasconcelos, também vincular. Ali se sepultaram alguns Pereiras de de Agrela, seus herdeiros, e tinha a pensão de 52 missas por ano, uma em cada segunda-feira.

Além destas, contavam-se mais 18, distribuídas pela freguesia, e eram as seguintes:

Santa Catarina, instituída por Gonçalo de Freitas aí por 1500, vincular, no sitio dêste nome, a qual foi reedificada pelo Capitão Simão Borralho Tavares em 1675.

Ainda subsistem as ruínas.

São Pedro, no leito da Ribeira da Boaventura, vincular, instituída por João Escórcio Drumond por volta de 1500, e reedificada em 1793 (por ter sido levada por uma aluvião) à custa do povo e do então cura Pedro João Martins, em lugar diferente.

A de São Lázaro, por João Afonso Escudeiro, vincular, por testamento de 21 de Junho de 1512. Ninguém conhece hoje o seu local.

A de Jesus Cristo, instituída por Gil Eanes, da família Calaça, em princípios do século XVI. Foi reedificada em local diferente, junto às casas do morgado Belchior de Mendonça e Vasconcelos em 1660, atenta a sua ruína e perigo de ser levada pela ribeira. O sítio tem hoje o nome de Bom Jesus. Foi seu último possuïdor o morgado Leandro de Meneses Cabral, dos Caiados. Arruïnou-se há mais de 70 anos.

A de São Gil, no aprazível sítio daqêle nome, instituída por Antão Álvares de Carvalho, também no 1.º quartel do século XVI e foi dos Carvalhos daquêle nome. Desapareceu há muitos anos.

A de Nossa Senhora da Graça, instituída po Pedro Álvares de Almada, em 1520. Na licença para ela, diz-se estar situada fora da Vila, junto do caminho que vai para o Convento de Nossa Senhora da Piedade. Devia ser perto do ribeiro que está aquém do cais de desembarque. Uns Almadas Cardosos pagavam por muitos anos pensão de missas impostas num terreno contíguo.

A de Santa Isabel do Hospital também devia ser da mesma

época. Foi-lhe reedeficada a capela-mor em 1785, sendo benzida nesse ano, a 28 de Novembro.

A de Nossa Senhora do Rosário, nas Ladeiras dêste nome, acima do Ribeiro Francês, instituída por André Gonçalves de Alvarenga, por 1560. Em 1670 pertencia a Manuel de Góis Cardoso. Ainda existem uns restos das suas ruínas.

A de Nossa Senhora dos Remédios, no Vale do Moreno, instituída pelo Cónego Manuel Ferreira Teixeira, dos Caiados. Em

Des. de Max Römer — Grav. de Malho

Ruínas da Capela de Santa Catarina

1857, D. Ana Vicência Pereira da Câmara, viúva do Capitão António Lomelino de Vasconcelos Caiado, deixou-a em testamento a seu sobrinho João Agostinho Pereira de Agrela. Ainda existe melhorada e é propriedade do Dr. Remígio Espínola Barreto.

A de N.ª S.ª da Penha de França, instituída por voto de D. Maria do Rosário de Arvelos, em 1670, em virtude de ter escapado duma grande tempestade no mar. Nunca soube do sítio desta cape-

la, mas desconfio que fôsse no da Lombada, pois gente antiga dizia ter ali existido uma, sem saber do seu título.

A de Nossa Senhora da Conceição, aquém da Ribeira da Vila, instituída pelo P.e Manuel Pacheco de Sampaio, por volta de mil seiscentos e cinqüenta, o qual lhe deixou por património um fôro de 20 alqueires de trigo e o principal de 40 mil reis. Era capela espaçosa e ainda há 50 anos havia uns restos de ruínas.

A de São Francisco Xavier, no sítio do Estreito, instituída em 1685 par D. Maria Manuel de Meneses, mulher do capitão João Vieira de Afonseca. Foi dos Bettencourt Cidrões.

A de Santo Amaro, muito antiga, feita parece que a expensas do povo. Nunca soube do ano da sua fábrica.

Foi reedificada à custa dos habitantes de Santa Cruz e de esmolas dos romeiros, sob presidência do pároco Cónego Fausto Lopes Ribeiro e cura António da Silva Figueira.

A de Nossa Senhora da Conceição, da Calçada de São Gil, instituída pelo Sargento-mor Bartolomeu Teles de Meneses, por testamento de 3-11-1710, com património numas terras da Ribeira. Foi reedificada por mil oitocentos noventa e tantos e é da casa do Dr. Remígio Espínola Barreto.

A de S. Fernando, no sitio daquêle nome, à beira da estrada e adiante da capela da Conceição.

A de São José, de que ninguém se recorda, mas que devia ser nas imediações da Rua Bela de São José, que vai da Ribeira da Vila até à quinta Burnay.

A de S. Sebastião, no sítio que lhe tomou o nome, e desaparecida há muitos anos.

A de Nossa Senhora da Piedade, mandada construir pela Câmara Municipal, no Cemitério, nos fins do século *XIX*.

Na igreja do Convento de Nossa Senhora da Piedade deviam existir algumas capelas também.

Isabel Correia e sua mãi Joana Lopes, aquela mulher de Urbano Lomelino, edificaram a capela de Santana, que servia de Capítulo. Nesta capela se instituíu uma irmandade de Santana, muito luzida. Com ela havia muita devoção.

C.º F. M. V.

DE REBUS PLURIBUS

"Arquivo Histórico da Madeira"

O primeiro número da nossa revista mereceu da parte de várias entidades públicas e particulares tão desvanecedoras referências, que não podemos deixar de consignar o nosso mais vivo reconhecimento. Assim, a Câmara Municipal do Funchal dignou-se honrar-nos com um voto de louvor em sua sessão de 2 de Junho; a Associação dos Arqueólogos Portugueses distinguiu-nos com um penhorante ofício; muitos dos mais ilustres nomes da vida mental portuguesa nos dirigiram felicitações, e as revistas e jornais de Portugal, das Ilhas, do estrangeiro registaram o aparecimento do *Arquivo* em termos que obrigam à nossa gratidão.

A todos reconhecidamente agradecemos.

*

O próximo fascículo, a sair em Novembro, compor-se-á de 96 páginas, reünido-se nêle os n.os 3 e 4, correspondentes aos meses de Setembro e Dezembro. Distribuïremos oportunamente o frontispício dêste 1.º volume, assim como um índice alfabético dos assuntos tratados.

*

Com data de 23 de Junho, dirigiu o director desta revista, à Câmara Municipal do Funchal, um ofício que foi lido na sessão do dia 30 e do qual constavam os trabalhos realizados por êle e pelo secretário desta publicação, como ajudante, no Arquivo Municipal, conforme o convite feito pela Comissão Administrativa, em 13 de Janeiro do ano corrente. Damos a seguir, em resumo, nota dos trabalhos efectuados naquela repartição, de harmonia com o referido ofício, que teve o despacho "inteirado e publique-se na íntegra":

1.º *Registo Geral:* Concluíu-se o índice do tomo 17.º, que não existia ainda, e começou-se o índice do tomo 18 (a).

2.º *Tombo Velho:* Fêz-se um índice provisório dos assuntos principais.

3.º *Juramentos e Menagens:* Compôs-se uma relação alfabética por verbetes dos nomes dos oficiais da guarnição desta Ilha, desde o ano 1627, relação extraída dos livros respectivos.

4.º *Testamentos avulsos:* Retiraram-se do cubículo alguns macos, estando já identificados cêrca de 120, aos quais se deram capas, com informação pormenorizada do respectivo testador e herdeiros.

5.º *Livros de Receitas e Despesas:* Descobriram-se alguns na tôrre dos Paços do Concelho, misturados com outros livros de somenos importância. Aquêles são quási todos do século XVI.

6.º *Livros de Vereações:* Fêz-se o inventário dêstes livros, desde o de 1470, estando todos os que existem actualmente, por ordem no respectivo armário, e havendo-se verificado o extravio de alguns.

7.º *Documentos avulsos:* Encontrou-se no cubículo, entre outros de valor, uma carta do 2.º donatário do Funchal, datada de 1496 e escrita do punho de Luiz Mendes de Vasconcelos, sobrinho daquêle.

(a) Está já terminado, assim como o 19.º e último desta colecção, e todos três encadernados num volume.

Grav. de Pereira

Armas da Vila de Santa Cruz

Assinatura = 25$00 cada ano.

Número avulso 7$50

Arquivo Histórico da Madeira

3-4

Carta de João Gonçalves da Câmara, 2.º donatário do Funchal

Lição de João Franco Machado, revista pelo Dr. António Baião

«Joham gonçalluez de camª do concelho del Rey noso
sñ ecapitam por elle nesta sua Ilha dama-
deyra ffaço saber ao curregedor do dto sñ e asy
atodallas justiças e pessoas aq̃ causo pertencer
q̃eu parto ora para purtugall. e por osente e por
servyço dedes e delRey nososñ ebem da terra
deixo meu fº symã gllz decamª em meu
logo enome asy como mynha propria pesoa
pelloq̃le Rogo eemco mendo aos sobreditos
q̃o conheçã e lheobedeçã como amy
mesmo sẽ embargo e duvyda allgũ [a]
Fecto no Fũchall per meu sobrjnho Lujs Mẽ-
dez de Vascõcelos: aos xxj dias do mes dabril
de nuvẽta e sejs.»

Esta carta foi encontrada recentemente entre os papéis que se retiraram, em lastimoso estado, dum cubículo do Arquivo Municipal. Sôbre o mesmo assunto (entrega do govêrno da capitania a Simão Gonçalves) há um assento no Livro das Vereações de 1491, fl. 90.

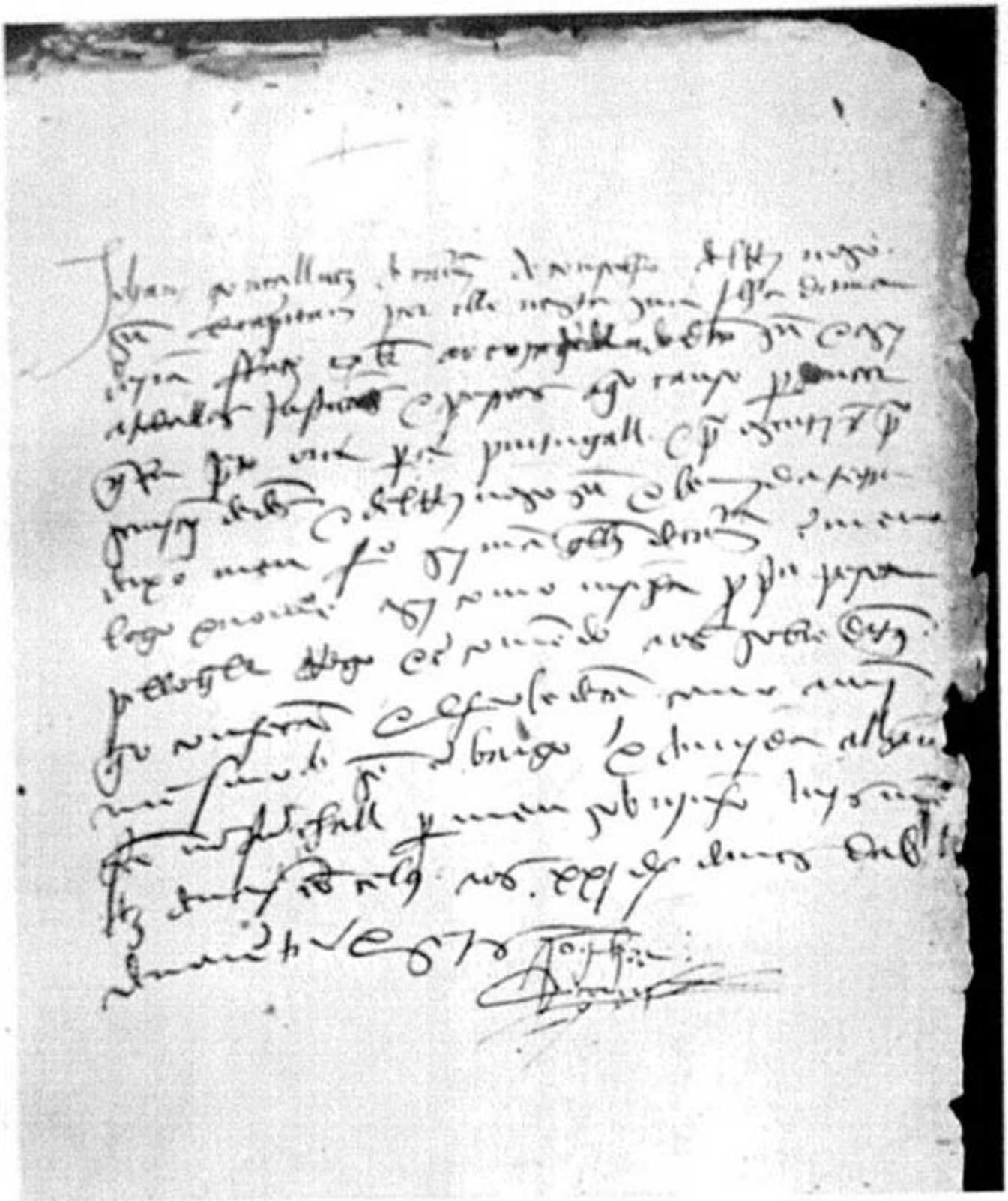


Foto de Figueira & Malm

Grav. de Bertrand, Irmãos, Lda.

Arquivo Histórico do Municipio do Funchal

Carta de João Gonçalves da Câmara, 2.º donatário

(1496)

Arquivo Histórico da Madeira

REVISTA TRIMESTRAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO (da Associação dos Arqueólogos Portugueses)
Secretário: ÁLVARO MANSO

Composto e impresso
Tip. Casa Pathé
Rua da Carreira, 24

SET.º-DEZ.º DE 1931
Vol. I N.º 3-4

Redacção e Administração
Paços do Concelho
FUNCHAL. ILHA DA MADEIRA

Arquivo Histórico do Município do Funchal

8.º REGISTO DE PATENTES

São dois volumes de formato desigual, nos quais se registaram as nomeações dos capitãis de milícias a que se referem os dois últimos livros de "Juramentos e Menagens".

O primeiro começa aos 11 de Outubro de 1751 com o têrmo do Capitão-Cabo da fortaleza de Santiago, D. Francisco de Sá Bettencourt, sendo ao tempo governador da Madeira D. Álvaro José Xavier Botelho de Távora, Conde de S. Miguel. Termina êste tomo em 25 de Maio de 1778.

O segundo principia em 9 de Outubro de 1780 com o registo da patente de D. Sancho Gaspar de Brito Leal Herédia e acaba em 6 de Setembro de 1810. Contém muitas páginas em branco, alguns termos não assinados, um ou outro registo de nomeação de cônsul ou vice-cônsul de nação estrangeira, e até o traslado da carta de formatura do bacharel Bernardo da Silva Branco. Êste último registo não teve efeito, conforme a nota marginal, que faz remessa para o tomo 12 do R. G.

9.º PROVIMENTOS DOS CORREGEDORES

É um só volume, que compreende os anos que vão de 1768 a 1833.

Nêle se exararam as providências tomadas pelos Corregedores seguintes: Dr. Francisco Moreira de Matos (1768-1776); Dr. António Botelho Guedes do Amaral (1777-1779); Dr. Pedro António

de Faria (1781-1783); Dr. Estêvão Bernardino Barreto (1784-1786); Dr. António Rodrigues Veloso de Oliveira (1788-1794); Joaquim José de Morais (1797); José Maria Cardoso Soeiro (1800-1801); Dr. José Pedro de Lemos (1802); José Caetano de Paiva Pereira (1804-1807); Dr. Manuel Caetano de Almeida e Albuquerque (1812-1814); Dr. Luiz Gomes de Sousa Teles (1819); Dr. Francisco de Assis Saldanha (1822); Manuel José Soares de Labão e Albergaria (1824); José Duarte Machado Ferraz (1828); Dr. João Moniz da Silva Bôto (1829-1830); Dr. Francisco António Rodrigues Nogueira (1833). Tem êste livro algumas páginas em branco.

10.º ALÇADA EM 1828

É um processo de 327 fôlhas encadernadas num volume e que foi levantado pelo desembargador Francisco António Maciel Monteiro, em virtude da rebelião que se verificou na Madeira no dia 22 de Junho de 1828, por motivos de natureza política que se prendem com as lutas entre miguelistas e liberais.

Os autos e incidentes desta devassa são mais ou menos conhecidos, tendo ficado memória dela na história do nosso arquipélago.

11.º CORRESPONDENCIA DO SENADO COM SUA MAGESTADE, TRIBUNAES, BISPO E GOVERNADOR &.

É um tomo de 232 fôlhas. Começa em 27 de Março de 1732 com o registo da carta que o Senado desta Câmara escreveu a Sua Majestade sôbre as nomeações das companhias vagas.

Êste livro é notável pela esmerada caligrafia, tendo na primeira fôlha duas iniciais caprichosamente desenhadas. O último registo é de 1 de Dezembro de 1764.

Há outro volume intitulado *Correspondencia do Senado com os S.res Generaes;* principia em 1771 e vai até 1805

Num inventário dos livros do Arquivo (1) mencionam-se dois

(1) Há outro mais antigo, assim chamado: *Inventario dos Livros, e alfáyas que se achão na Camara d'esta Cidade do Funchal a cárgo do Guarda Livros d'ella Antonio Joseph de JEZUZ Lamedo, feito em 12. de 8bro de 1768.*

tomos de *Correspondencia . . . com Sua Majestade:* ou é confusão com êste último, ou então levou sumiço.

12.º ESCRITURAS

São 2 grossos tomos que serviam para nêles se lançarem as que *se fizeram com o Illustre Senado da Camara.* O primeiro tem 344 fôlhas e principia com uma escritura de aforamento ao P.e Miguel Spinola de Meneses, seguindo-se outras também feitas em data anterior a êste livro, que as registou, e cujo têrmo de abertura é de 1754. O 2.º volume consta de 283 fôlhas (apenas 27 aproveitadas, o resto em branco) foi começado em 5 de Dezembro de 1850, e está preciosamente encadernado.

13.º LIVRO MESTRE

Existem 4 tomos de igual tamanho (cêrca de 500 fôlhas cada). Em todos o frontispício, primorosamente trabalhado, imita os caracteres tipográficos, na seguinte disposição:

Livro Mestre/ que encina as ordens/ dos/ Ill.mos E Ex.mos Snr.es/ Governadores, e Capitaens/ Gerneraes/ deste Estado,/ relativos/ a este Districto/ do/ Funchal./ Instituido no tempo do Governo do/ Ill.mo E Ex.mo Snr/ D. Diogo Pereira Forjaz Cou/tinho./ MDCCLXXXVI.

Os três outros são relativos aos distritos militares da Ribeira Brava, Campanário e Câmara de Lôbos. O fim a que se destinavam estes livros está compreendido na seguinte ordem de D. Diogo Forjaz: «Ordeno que cada um dos quatorze Districtos Militares em que esta Ilha da Madeira se devide haja perpetuamente um livro de folio grande que contenha de 400, até 500 folhas com o titulo de livro Mestre, o qual sempre será numerado, e rubricado por quem o Governo der para isso comissão, e nelle se regisrarão todas as ordens geraes que o Governo destas Ilhas der para todos os Districtos em geral, ou para cada hum delles em particular; para nelle ficarem as mesmas ordens perpetuadas, e se evitar o esquecimento dellas.»

(Continua)

João Nepomuceno de Oliveira ou o poeta J. N. O.

Em 1824 a tipografia Rollandiana imprimiu um folheto de vinte e quatro páginas, "com licença da Meza do Dezembargo do Paço." Tinha por título *Poesias Ternas, e Amorosas, oferecidas a huma Senhora* e o seu autor ocultava-se sob as iniciais J. N. O. A indicação, no rosto, de *folheto I*, fazia-lhe prever a continuação. De facto, no mesmo ano saíu a lume o segundo folheto, com frontispício em tudo igual ao primeiro. O terceiro e cremos que último, foi publicado no ano imediato, em 1825. Mesma tipografia e mesmas iniciais de autor. Em 1837 publicou segunda edição dos três folhetos em um só volume de formato mais pequeno, na Impressão Régia de Lisboa. Diz-se ali que é *edição corregida e aumentada.*

Anos mais tarde, em 1841, a Tipografia Nacional, do Funchal, deu à estampa um voluminho de cinqüenta páginas e mais duas inumeradas, intitulado *Branca e Isabel ou As duas Amigas, novella traduzida do Francez pelo auctor das Poesias Ternas e Amorosas.* A novela é de Gabriel Legouvé. No ano seguinte, a mesma tipografia imprimiu *Estella, Romance Pastoril de Florian, traduzido por J. N. O.*

A respeito dêste autor, ou destas misteriosas iniciais, guardam os historiadores literários o mais rigoroso silêncio. Álvaro de Azevedo não viu estes volumes, pelo menos os impressos na Madeira, pois nada diz nas suas notas às *Saüdades* de Frutuoso.

J. N. O. é João Nepomuceno de Oliveira. Nasceu no Funchal, a 15 de Maio de 1783 e foi baptizado na Sé *(Prova A.)* Fo-

ram seus pais o escritor Francisco Manuel de Oliveira e sua mulher D. Joana Rosa de Melo. Casou em Lisboa, na igreja de S. Julião, em 17 de Outubro de 1827, com D. Maria Benedita da Mota, filha de Bento António da Mota e de sua mulher D. Rita Peregrina Forte (1). Não teve filhos. Em 1829 fêz, nessa cidade, testamento de mão comum com sua mulher. Exerceu no Funchal os ofícios de Juiz da Balança (1825) e Contador Geral da Junta da Real Fazenda (1830). A sua morte ocorreu na Madeira, na freguesia do Campanário, em 1846, contando sessenta e três anos de idade e não sessenta e seis como se diz no respectivo têrmo de óbito *(Prova B.)* Sua mulher faleceu em 1858.

Foto da Vicente — Grav. de M. Abreu

João Nepomuceno de Oliveira

Duma miniatura pertencente à Ex.ma Sr.a D. Isabel de Vasc.los Hinton

Em sua companhia, viviam no Funchal umas sobrinhas afins, filhas de sua cunhada D. Maria José da Mota, mulher de Gregório de Bettencourt e Abreu (2). Chamavam-se D. Adelaide e D. Emília Celestina de Bettencourt Abreu. Faleceram ambas solteiras, a última em 10 de Setembro de 1917.

(1) Esta D. Rita Peregrina Forte era filha de José Dias Forte e Leocádia Gertrudes Rita do Nascimento, ambos de Lisboa. Teve uma irmã, de nome D. Maria Joaquina, que casou com o dr. João Francisco de Oliveira, célebre médico de D. João VI, de quem descendem os condes do Tojal, e que era madeirense.

(2) Gregório de Bettencourt era neto paterno de D. Maria de Oliveira, irmã do já referido João Francisco de Oliveira. Estes últimos Oliveiras eram originários da freguesia de Santa Tecla (arcebispado de Braga) e nada têm com a família de João Nepomuceno de Oliveira, oriunda do Pôrto Santo e do título de Medeiros, por fêmea. Francisco Manuel, pai dêste, era filho de António Dionísio de Oliveira e de D. Micaela Jerónima Mayringk (neta materna de Baltasar João Mayringk, natural de Amesterdame) e neto de Manuel Francisco de Oliveira e D. Isabel de Castro e Mendonça. Além do poeta, teve mais dois filhos: D. Emília, solteira, e o Capitão Jacinto Feliciano de Oliveira, de quem há descendência por linha feminina.

Os três folhetos de versos, publicados em 1824-25 por João Nepomuceno de Oliveira, reúnem peças diversas: quadras glosadas, epístolas de verso sôlto, idílios, cançonetas anocreônticas, tudo portanto dentro ainda dos moldes clássicos, e dêsse classicismo mais uma vez renascido e revigorado pelos nossos empertigados e dogmáticos elmanistas e fflintistas. O romantimo, todavia, estava às portas. Garrett, nesse ano de 25, escrevia em Paris o prefácio do *Camões*, confessando saber que êle estava «fora das regras», cheio de «irregularidades e defeitos», e declarando abertamente que não consutara Horácio nem Aristóteles. Começava o predomínio do «coração e dos sentimentos da natureza».

João Nepomuceno partence pois, literàriamente, ainda ao século XVIII, a época das arcádias, dos poetas mascarados de pastores. Êle próprio, em certo lugar do seu livro, se intitula bucólicamente *Jonino*, palavra com feição de anagrama, e que lhe serviria para poetar nalguma academia insular, se mais cedo tivera nascido. Seus trabalhos líricos são por conseqüência muito inspirados nos corifeus da escola francesa, e a sua preferência por Bocage denuncia-se num verso dêste, intercalado com os próprios. Os árcades haviam ressuscitado a ode pindárica, sáfica e anacreôntica. Invocavam Márcias e Marílias. Tomaz António Gonzaga escrevera a *Marília de Dirceu*, onde se encontra uma composição com êste estribilho:

«Graças, Marília bela,
Graças à minha estrêla!»

João Nepomuceno não se esqueceu de Márcia; e, quanto à outra, tem um *Retrato de Marília*, que recorda a cançoneta *A um Passarinho*, de Gonzaga. Mas, no *Idílio*, segue-o então mais de perto:

«Se em lugar de carinhosa
Tu foras, Marília, altiva;
Se por arte, e não por génio

Te mostrasses compassiva;
O' quanto Matília bela,
Fôra feliz minha estrêla!»

Quita escrevera uma tragédia, que se intitulou *Castro*, como a de Farreira. Nepomuceno, de menor fôlego, fêz uma *Epístola à morte de Inez de Castro*. Transcrevemos, para se avaliar do seu estro, uma parte de outra epístola da colecção, e cujos versos brancos não deixam de ser elegantes e correctos:

«Agora que sombria a triste noite
Parece amortecida a natureza,
E que no alto dos Céus apenas brilha
Escassa luz de lânguidas estrêlas:
Entregue à minha dor, envôlto em pranto,
Um ai, um ai cruel,meu Bem, te envia
Um terno coração que vai deixar-te
Por inhumana lei, por lei violenta
Que a tua indiferença lhe prescreve.
Iludido atéqui das aparências
Da terna compaixão que em ti supunha,
Da mágica doçura que se observa
Em teu angélico, inefável riso;
Cheguei a persuadir-me (ó céus que engano!)
Que o meu sincero amor era atendido.

Dezasseis anos mais tarde (fala-se apenas do que se conhece impresso) Oliveira traduzia versos de Florian, e o acento da sua lira é mais suave. No romance *Estela*, a que adiante se faz referência, há grande quantidade de poesias. Ao acaso:

«Tendo há dias perdido a triste Aneta
Um cordeiro que muito apreciava,
De sua ingratidão, de sua ausência,

Desta sorte a Pastora se queixava:
Belo cordeiro meu, tu me iludias,
Quando ser-me constante parecias!»

«Eu te vi desdenhando o verde feno,
Sofrer antes a fome definhante,
Que aceitar de outras mãos a lindas flores
Que para ti colhia a tua amante;
Belo cordeiro meu, tu me iludias,
Quando ser-me constante parecias!»

«Da minha cornemusa ao som mais leve
Eu te via correr para o meu lado;
Agora que gemendo por ti chamo,
Preferes habitar alheio prado!
Belo cordeiro meu, tu me iludias
Quando ser-me constante parecias!

João Nepomuceno fêz preceder a tradução da *Estela* duma nota preambular, onde se lê o seguinte: « . . . fiz quanto pude para não desfigurar essencialmante o sentido do Autor, quer na prosa, quer nos versos: se o não consegui não foi, de-certo, por falta de aplicação, tanto mais fatigante quanto é verdade que *tendo um emprêgo que me absorve quási o dia todo*, só de noite me foi possível dar-me a êste trabalho, acrescendo de mais a mais o inconveniente de ver-me obrigado a dividir o espírito entre a leitura, versão e a escrita, por falta de um amanuense que soubesse escrever correctamente, e quisesse aturar-me.» Era êle então oficial da Contadoria Geral da Fazenda.

Assinatura decalcada dum registo paroquial em Santa Maria Maior

As suas versões não são muito vernáculas. A pecha do galicismo, que entrara em Portugal já nos tempos de Filinto Elíseo, assumira com Garrett assustadoras proporções. Como êste, Oliveira traduz *chef-d'oeuvre* por *chefe de obra!* Mas o mais interessante dessa versão é a escolha do original, que nessa altura do século XIX poucas simpatias guardava já. De facto, João Pedro de Florian lançara com outros, no fim do século XVIII, a predilecção pelos enredos pastoris. Quadrava bem no tempo de Maria Antonieta, a mais gentil pastora dessa Arcádia. Um dos seus romances afamados é a *Galatea*, imitada de Cervantes. A influência mais remota dessa moda parece ter vindo de Jorge de Montemor, autor da *Diana* e lusitano de nascimento. A *Estela*, traduzida por Oliveira, filia-se na mesma corrente. Assim, muitos anos decorridos, um português vertia para a sua língua uma obra que outro português inspirara.

PROVAS

A

Têrmo a fl. 304 do L.º 29 de Baptizados da Sé

«Em os vinte e dois dias do mes de mayo de mil sete sentos e oitenta e tres eu o Padre Nuno de Castro de Vasconcellos cura desta Sé fiz os exorsismos, pus os Santos olleos e Batizei a Joam Nepulemo (sic) que nasceo em os quinze dias do corrente mes, filho de Francisco Manoel de Oliveira desta freguesia e de D. Joana Roza de Mello natural da Corte de Lx.ª Freguezia de N. Sra do Socorro, foi padrinho o R.do Alexandre de Barros, e madrinha Ana Joaquina Virissimo por seu bastante procurador Jozé Joam Virissimo Junior que comigo assinaram de que fiz este termo, era asima. O Cura de Sé Nuno de Castro e Vas.los O P. Alexandre de Barros. Jozé Joam Virissimo Junior»

B

Têrmo a fl. 78 do L.º 19 de Defuntos de S. Pedro

«Em os sete dias de Setembro de mil oito centos e quarenta e seis annos, faleceu repentinamente e por isso sem receber sacramento algum de moribundo, João Nepomuceno d'Oliveira natural da freguesia da Sé, de idade de secenta e seis anos, cazado com Dona Maria Benedicta da Motta e Oliveira, moradores nesta freguezia de S. Pedro na rua das Mercez; foi a sepultar ao cemiterio grande, desta cidade, fez Testamento solemne de mão commum com a dita sua consorte, approvado em Lisboa pelo Tabelleão João Frederico Bartholomeu em data de vinte e dois de junho do ano de mil oito centos e vinte e nove, o qual por nada conter com especialidade a respeito do Pio, porisso não vai lançado neste Livro, porque deixão todo o funeral e bem d'alma a eleição um do outro, de que fiz este Termo que assino. O C.º Felippe de Santo Iago Lomelino Macedo»

A Gafaria de S. Lázaro e a sua confraria

No arquivo da C. M. F. existe um ms. que tem no frontispício o título seguinte: *Asento das pessoas que premetem e dam esmolas para a obra que o Senado pertende fazer huma nova Gafaria emque se handem recolher todos os Lazaros desta Ilha principiada a tirar pellos veriadorez em 7 de Junho de 1734.*

Contém 145 fôlhas numeradas e rubricadas pelo juiz de fora Manuel Vieira Pedrosa da Veiga, mas só 32 foram aproveitadas. A tinta está muito desbotada, sendo a sua leitura, por essa razão, nalgumas páginas difícil. Além da informação que nos presta sôbre a data, custo da obra e origem do dinheiro com se fêz o alargamento da gafaria, proporciona êste livro curiosos dados sôbre a nomenclatura das ruas e travessas da cidade, moradores delas e suas profissões, seus sentimentos filantrópicos, e finalmente, um quadro completo do cabido da Sé Catedral do Funchal nesse ano de 1734.

Por tais motivos achámos interessante transcrever algumas fôlhas (1.ª, 2.ª, 3.ª e v.º respectivo a cada uma) não o fazendo integralmente para não enfadar o leitor nem tomar demasiado espaço nesta revista.

O hospital de S. Lázaro remonta ao século XV, e ficava no sítio de Santa Catarina, onde hoje é a cadeia civil. A "nova gafaria" de que se fala no ms. não é um novo edifício, mas apenas uma ampliação do antigo. O *Elucidário Madeirense* (I, 488) diz que « há uma provisão do bispo D. João do Nascimento, datada de 16 de Dezembro de 1748, autorizando a criação duma confraria, com sede na igreja de S. Pedro, destinada a auxiliar a manutenção do hos-

pital de S. Lázaro.» Pelo documento inédito que mais adiante inserimos, vê-se que 157 anos antes dessa data já havia uma confraria com o mesmo fim.

«ASENTO DAS PESSOAS, ETC...

O Ill.mo Sr. Bispo premeteu de esmolla que se haverão do seo Esmoller depois de principiada a obra Sincoenta mil reiz e no fim della Cem mil reiz. 150$000

O Dr. Juiz de Fora M.el Vr.a Pedroza da Veiga pg 10$000
O Veriador Francisco Sanchez de Baena Henriquez » 10$000
O Veriador Antonio Correa Henrriquez » 30$000
O Veriador Luis Antonio Esmeraldo » 20$000
O procurador do Concelho Diogo Deornellas Frazam » 10$000

Os quatro procuradorez dos misteres que vam adiante com a esmolla que prometeram cada hum em sua Rua.

RUA DE JOÃO TAVIRA

Pedro Joseph Marquez tanr.a Sincoenta rz pg $050
Joam da Silva Sincoenta rz » $050
Maria de JESUS Sincoenaa rz » $050
O Reverendo P.e Sanchristão Berm.o Miz não quiz dar
Antonio Cotrim escrivão quinhentos rz » $500
Nicolao Clarise Seis centos rz » $600
Manoel de Souza Monteyro 5 alqueires de cal $250
Manoel Cabral quatro sentos rz pg $400
O Capitam Joam Betancurt Heredia » 1$000
O Capp.em Pedro Nicolao Betancurt » 4$800
Mathiaz Ferr.a Inqueridor duzentos rz » $200
O Conego Prometor hum moyo de cal por(deu mil e qui.to) 4$000
Lourenço Vyeira $050
O Reverendo Pe Cura de S. P.a Ign.co Miz Pr.a pg $050
Manoel Aluez quinhentos rz » $500
Maria Mendes Tavernr.a Sincoenta rz $050

Antonio Roiz Alfaiate			$050
O Capp.am Rodrigo da Costa	Oitocentos rz	pg	$800
Manoel Fernandez caix.o	Cem rz	»	$100
Antonia Ferr.a fanqueira			$050
Manoel Ferreyra mercador		pg	$600
O R.do P.e Ant.o Mendez da Silva		pg	1$000

IGREJINHA

Martinho Fernandez surrador		pg	$200
Anna Vieyra taverneyra		»	$050
Joseph de Freitas armador		»	1$000
Miguel Gomes fanqueiro		»	$050
Joam da Camara Leme			2$000
D. M.a de Castello Branco		»	$300
João Correa Vasques		»	2$000

RUA DOS PINTOS

Ignacio Roiz torneyro			$200
Ignacio Viturio		pg	$400
Ant.o Lopes digo Fran.co Lopez		pg	$100
Manoel dos Ramos serralh.ro		pg	$050
Feliciano Fernandes serralh.ro		pg	$100
Jacinto da Camara Leme que daria a sua esmola prinsipiada			$
Domingos Ferr.e Saltar.o			$100
O P.e João de Mendonça q̃ não dá esmolla			
O P.e Pedro de Souza		pg	1$200
D. Sebastiana Valente		pg	$800
Ant.o Freire dos Santos		pg	1$000
Augostinho de Andrade		pg	$800
Manoel da Costa Barb.		pg	$200
D. Guiomar de Moura			$800
O P.e Cura da See M.el Per.a de Ol.e hua pipa de vinho			
Bras de Freitas da Sylva		pg	2$000

CARREYRA

Fran.co Xavier digo Ant.o Friz Xavier		$800
João Gomez Armador Seiscentos rz.	pg.	$600
Manoel de Castro	pg.	$200
Bernardo Friz de freitas pedreiro	pg.	$300
Manoel da Sylva Sincoenta rz.	pg.	$050
Francisco de Brito mil rz.	pg.	1$000
Joseph da Sylva Alfaiate	pg.	$050
Alfonso Pr.a Borges mil rz.	pg.	1$000
A May do R.do Vigr. Leme cem rz.	pg.	$100
Manoel Miz Sapatr.o	pg.	$200
Joseph Teyxeira pedreiro		$
O P.e Martinho Gonsalves	pg.	$250
Manoel Rodrigues estanqueiro	pg.	$200
Diogo de Andrade Sarg.to pago cem rz.		$100
Antonio Dias fanqueiro		$050
João Esmeraldo hum moyo de qual	pg.	3$000
Pedro Rodrigues Alves	»	$400
O Capp.am Antonio Machado	»	$300
Maria de Govea fanqueira Sem rz.	pg.	$100
Maria dos Santos	pg.	$500
O Alferes da fortaleza D. João	pg.	2$400
O Capp.am da fortaleza D. M.el de Castro	pg.	1$000
Ayres Tellez dois mil rz.	pg.	2$000
D. Ignacia Cem rz.	»	$100
Antonio Miz fanqueiro	»	$200
O D.r Fran.co Betencort		$600
Miguel Gomes Jardim	pg.	2$000
Manoel Vogado Lomelino	»	2$000
O P.e Sebastiam Christovam		6$000
O R.do Conego Fran.co Candido	pg.	1$000
O P.e Phelis Phelipe de Olivr.a		2$000
Antonio Gomes de Aguiar	pg.	3$000
O D.r Medico Fran.co Pinto	»	4$000

Luiz de Albuquerque	pg.	2$000

BECO DOS ARANHAS

Pedro da Cunha		$
Manoel Antonio Pedreiro	pg.	2$500
O P.e Antonio Sylveira	»	$150
Domingos da Sylva de Carvalho	»	20$000
O Cap.am Ant.o de Carvalho	»	$750

FONTES

Ignez do Carmo tavernr.a	pg.	$150
Antonio de Brito de Olivr.a	»	6$000
Manoel de Abreu	»	$050
Antonio Gonsalves pescador	»	$100
Vicente Ribeiro calafate	»	$200
Manoel ne Mendonsa Sapatr.o	»	$100

RUA DO COLEGIO

Jeorge Correa de Vasconcelos doiz moios de cal		6$000
Autonio de Olivr.a Bautista	pg.	3$000
D. Francisco Napier hum quarto de vinho	pg.	12$000
Os Reverendos P.es da Companhia	pg.	30$000
O D.r Medico Joseph Friz Tavares	pg.	2$000
D. Maria May de Diogo Betencurt	pg.	$500
O P.e Manoel Pestana	pg.	$500
O P.e Manoel de freitaz		$
D. Antonia Bazilia dinr.o ou madr.a de castanho	pg.	4$000
Pedro de Betencurt e Atouguia	»	1$000
O P.e Joam de Freytaz	»	$800
O D.r Manoel da Costa Saa	»	$600
Fran.co Correya pedreiro		$

Joam Vieyra tanr.°	pg.	$050
Joseph Fernandes fanqueiro	»	$100

RUA DOS NETOS

Henrique Joam Betencurt	pg.	2$000
Antonio Joseph Spindola	»	1$000
Maria do Socorro	»	$020
João de Freitas da Silva	»	2$000
Jeorge Correa Betencurt	»	10$000
Joam Gomez	»	$200
Gaspar Soares q daraa sua esmola principiada sobre	»	6$000
Andre de Aguiar seu criado	»	$200

. . . . . .

Seguem-se donativos de moradores da *Rua do Castanheiro, Rua do Snr. Bispo, Rua da Queimada de Baixo, S. Bastiam, Rua do Aljubar, Terreyro da Sée, Rua do Capp.am, Traveça da Alfandega, Rua dos Murças, Rua do Sabam, Rua do Cotife, Rua do Esmeraldo, Rua dos Mercadorez, Rua dos Tanr.os a grande, Rua Pequena dos Tanr.os, Ponte da Praça, Pelourinho e Rua direyta, Rua do Carmo, Rua do Mostr.° Novo, Rua daz Medinaz, Rua da Encarnação, Beco do Caldeyreiro, Rua do Perum, Beco do forno, Rua dos Ferreyros, Balverde, Rua dos Inglezes, Rua da Alfandega, Beco de S. Pedro, Rua da Mouraria, Rua de S. Pedro, Rua de S. Fran.co, Rua das Pretas, Calsada de S.ta Clara, Santa Clara e Arrifes, Rua dos Mainhoz, Moinhoz, Rua daz Mercez, Rua do Pinheiro, Turriam de Bayxo, Pombal, Rua de Santa M.a, Beco do Barreiro, Rua Nova, Esprital Velho, Rua da Boa Viagem.* Por fim, vem uma relação dos *R.dos Conegos da Sée que premeteram esmolas.* São os seguintes:

O R.do Adaam coatro mil rz.	pg.	4$000
O R.do Arcediago pormeteu fazendose a obra	pg.	2$000
O R.do Chantre prometeu da mesma forma	pg.	2$000
O R.do Thezoureyro mor da mesma sorte		$

O R.do M.e escolla da mesma sorte	pg.	4$000
O R.do Conego João de Freitas coatro mil rz.		4$000
O R.do Conego Bartholameu Cezar outo centos rz.	pg.	$800
O R.do Conego Ant.o Mendes de lima		1$500
O R.do Conego Ant.o de Carvalhal		1$200
O R.do Conego Fran.co Candido		$
O R.do Conego Ignaçio de Moura		1$500
O R.do Conego Magistral mil e duzentos rz.	pg.	1$200
O R.do Conego Ant.o Ferr.a Rezende	pg.	1$500
O R.do Conego Fran.co de Betencurt	pg.	1$500
O R.do Conego João de olivas que darâ		$
O R.do Conego Sylvestre Barreto		$800
O R.do Conego Vgo Magner q̇ darâ		$
O R.do Conego M.el de Faria		1$500
O R.do Conego Ant.o de Souza q̇ darâ		$
O R.do Conego Ant.o Mendes de Almeyda q̇ darâ		$

Na fôlha 20 começa o *Orsamento da obra q̇ he necessaria fazerse no acresentamento das Gafarias de Sam Lazaro desta cidade*, o qual se calculou em 1.032$740 réis e foi feito pelo mestre Diogo Felipe; e na fl. 23 está o auto da arrematação da dita obra pelo pedreiro Manuel Gomes, com o lanço de 1.029$900 réis, seguindo-se nas restantes páginas utilizadas, até à fl. 28, a declaração das somas recebidas, por conta, pelo arrematador. Há um salto de 5 páginas em branco, e finaliza depois nas fôlhas 30 e v.º, 31 e v.º e 32 com a vistoria feita nas obras já realizadas, e despesas havidas com essa diligência.

BENS DA CONFRARIA

Acêrca de S. Lázaro, existe também no Arquivo da Câmara do Funchal um ms. quinhentista, bastante danificado, com o seguin-

te frontispício: "JESU M.ª Lu.ro da comfraria do Bem aventurado São Lazaro comessado neste anno de. 91.» Contém a receita da dita confraria (fl. 2), a despesa (fl. 50), os termos das eleições (fl. 100) e o inventário dos bens (fl. 125). A seguir reproduzimos o inventário feito no ano de 1593:

« Imventairo que se fes dos bẽs da confraria de Sam Lazaro os quoais forão emtregues aos mordomos grasia mousinho e fr.co de frias feito aos dezouto dias de Julho de noventa e tres anos.

« dous frontais hũ deles de tafeta azul e outro de chamalote vermelho sem sobrefromtais. (Á margem: o vermelho se tẽgio de roxo p.ª a coresma).

« hũas cortinas do altar de rede com seu guarda po he cordas.

« dous castisais darame.

« hũ cales de prata com sua caixa. (Á margem: foi o mar a caixa, foy sem tapadoira)

« duas galhetas destanho.

« duas toalhas do altar de pano da imdia. (Á margem: ao mar).

« hũ sobreseo de ruam. (Á margem: ao mar).

« hũa pedra dara.

« hũ fromtal de lona roxo.

« hũ manto de tafeta cremezim com todo seu aparelho. (Á margem: foi ao mar).

« outro diguo hũ misal. (Á margem: ao mar).

« hũa bolsa e corporais. (Á margem: ao mar).

« hũa campainha de metal. (Á margem: ao mar).

« mais outros corporais e hũa pala (Á margem: ao mar).

« tres capas do santo a saber hũa de damasco cremesim e outra de tafeta verde outra de tafeta azul. (Á margem: ao mar todas).

« tres camisas do samto. (Á margem: ao mar).

« hũ pelote de setim cramesim do santo. (Á margem: ao mar).

« hũa caldeirinha de cobre.

« tres caixas em que se agazalham as couzas da igreja. (Á margem: vemderãose duas, a da sera foi ao mar).
« hũa estamte de pao do altar. (Á margem: ao mar).
« hũa lampada darame com sua de vidro.
« hũs solafrairos novos bramcos e dourados com suas cubertas de lona.
« hũa caixinha de pao em que se pede pela sidade.
« hũ escabelo de pao. (Á margem: ao mar).

E fejto o dito Imbentairo hos ditos mordomos grasia mouzinho e fr.co de frias se ouberão por emtreges dos ditos bẽs nele comteudos e asinarão aqui com ho bigajro de sam pedro Jeronimo dutra he eu lopo barreiros escribão da dita confraria de sam lazaro ho fis.»

RELAÇÃO DOS LÁZAROS

No arquivo da Câmara do Funchal há ainda vários livros (1), todos do século XVIII, intitulados *Livros da Receita, e despeza dos Lazaros e Ingeitados*. De um dêles extraímos o seguinte assento, em que se faz menção do número de gafos existentes no hospital, e despesa respectiva:

«Em os trez dias do mez de Mayo de mil e sete centos e trinta e coatro annos se passou mandado sobre o Recebedor da Camara que este prezente anno serve Jozeph Rodriguez Pr.a ouficial de alfaiate que do dinr.o do seu recebim.to pertencente aos Lazaros e emgeitados dee a Antonio de Souza ouficial de tanr.o, procurador dos misterez da Camara a cuio cargo está o sustento dos Lazaros, trinta e sete mil e sete centos e secenta rz que tantos tem vencido trinta dous Lazaros que estam na gafaria em trinta dias do mez de Abril proximo passado a respeito de quarenta rz por dia a cada hum em que entra a Ama que os serve M.a de Nobriga e ao dito respeito maiz Lazaros que sam M.el de Ornellaz, M.el Pinto, Themotio de Abreu, Thomé Friz, Jeorge Miz, Antonio Gomez, Xavier da

(1) Encontrámos estes livros num quarto da tôrre dos Paços do Concelho, contíguo à Estação dos Telefónios.

Costa, Amaro dos Ramoz, Manoel de freitas, Phelipe de Maxico, Manoel Joseph, Ant.º de Araujo, Manoel Gomez, Ignacio Gomes da Cancella, Fran.co Lopez, Pedro Cabral, Pedro de Abreu, Joam da Sylva, M.el Pestana que só venceu quinhentos e secenta rz por emtrar na Gafaria em dezacete do dito mez de Abril, Hyeronima da Silva, Isabel M.a, Anna de Crasto, Marianna de JESUS, Quiteria Pr.a, Lourença, Anna de Abreu, Ignacia Teyx.a, Josepha de Santo Ant.º, Sebastianna da Calheta, Lourença de Gauloa, Mariana da Corte da Ribr.a Braba e com este a sua quitassam lhe seram levados em conta nas que der de seu recebim.to gaspar p.a de uas.os a fiz escrever.»

Um manuscrito quinhentista italiano, que trata do Arquipélago da Madeira

Há na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra alguns documentos de valor, que dizem respeito à história das Ilhas, particularmente da Madeira. São os mencionados a pág. 51 dos "Documentos para a História das Capitanias da Madeira" *do meu amigo e director desta revista.*

Como ali se diz, possuo cópia de alguns dêsses códices, que por merecerem a atenção dos curiosos em assuntos de História, a pouco e pouco aqui deixarei arquivados.

Ocupando-nos hoje, primeiramente, do cóvice n.º 314, ***DESCRITTIONE ET HISTORIA DEL REGNO DE L'ISOLE CANARIE GIA DETTE LE FORTVNATE CON IL PARERE DELLE LORO FORTIFICATIONI — DI LEONARDO TORRIANI, CREMONESE,*** *devo dizer-lhes que é dêsses documentos o único que não tivera a oportunidade de examinar, porque à data em que, em Coimbra, me intressava pelas coisas da Madeira, estudava-o atentamente o prof. dr. Tamagnini Barbosa, a quem, vim a sabê-lo depois, só interessou a parte referente às Canárias.*

Foi por uma especial amabilidade do distinto investigador dr. António G. da Rocha Madahil, muito ilustre 1.º Conservador da Biblioteca Geral da Universidade, que, há bem pouco tempo ainda, possuo cópia dêste valioso documento, que está sendo novamente estudado por nm austríaco, a quem igualmente interessa o problema etnológico das Canárias.

O códice em questão é de todos o mais valioso. Informam-me que acaba de ser avaliado em cem contos, pois deve ter-se por autêntico, existindo na Biblioteca Nacional, em Lisboa, um apógrafo.

Trata-se dum manuscrito italiano, sem data. A única referência que possuímos, embora bastante vaga, é a do seu oferecimento ALLA REGIA ET CAT: MAESTA DI FILLIPPO II, NOSTRO SEGNORE, RE DELLE SPAGNE, que de 1580 a 1598, governou também a nação portuguesa.

Com respeito ao seu autor, Leonardo Torriani, de Cremona, pouco ou nada consegui saber. D. Francisco de S. Luiz, na Lista de alguns artistas, dá noticia dum Leonardo Torriani, arquitecto. Tratar-se-á dêste? Por outra parte, encontrei: notícia dum João Tarriani, também natural de Cremona, que foi célebre em Espanha no séc. XVI, como matemático, e que, não sendo o personagem que procuramos, sem dúvida deveria ter algum parentesco próximo, pois além de terem a mesma naturalidade, eram íntimos dos reis de Espanha e viviam ambos na mesma época. O que se sabe porém, de Torriani, e isto pelas suas próprias palavras, é que tinha sido encarregado pelo rei de Espanha de fazer-lhe uma descrição das Canárias, narrativa em que se esmerou quanto pôde.

A maior parte do manuscrito, talvez, é constituida por transcrições duma obra rara e muito interesante sôbre o período dos nossos descobrimentos, as Navigationi de Cadamosto. É o próprio Torriani quem ainda no Proemio, confessa ter feito isto para proporcionar a S. Majestade Católica uma maior cópia de informações e detalhes. Por êste motivo, resolvi omitir nesta notícia tudo quanto não fôsse original e inédito, dado o caso de que a Academia das Ciências de Lisboa prestou, em tempos, homenagem a Cadamosto, inserindo a narrativa das sua Viagens na Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas, com o fim de as tornar mais conhecidas dos estudiosos.

Dissemos que Torriani baseava a sua narrativa na dêste navegador. Haja em vista esta sua opinião a respeito da descoberta do

Pôrto Santo: «Questa Isoleta fu ritrovata da Portoghesi l'anno 1428, il giorno di tutti i Santi, che per cio ella fu chiamata Portosanto....»; *Cadamosto já tinha dito:* «Questa Isola è chiamata Porto Santo, per che fu trovata da Portogallesi il giorno d'ogni santi....».

Isto não quere dizer que a narrativa de Torriani não tenha o seu valor, nem originalidade. Nada disso. É incontestável que o tem e a par dessas transcrições, há coisas interessantes, aquilo a que Torriani chamava, dirigindo-se a Felipe II: «alcune curiosità deque delle sua grandezza». *E assim ficamos sabendo que, por ser tão grande o comércio da cidade do* Fonccial *e tantos os navios que demandavam o seu pôrto, esta era conhecida entre os marinheiros, mesmo estrangeiros, pelo sobrenome de* piccola lisbona; *que no Pôrto Santo o Pico do Castelo servia à retirada das gentes, quando* si dubita denemici, *e que aquêle refúgio, sendo considerado inexpugnável, não tem* altra difesa che la naturale; *que em certa época do ano, os nossos conterrâneos de quinhentos dedicavam-se à apanha dos canários* che cantano suavissimamente, *indo buscá-los às Selvagens, para os vender por tôda a parte, etc. Dados como estes são preciosos para quem pretende conhecer uma época, e valorizam, por si, uma narrativa.*

Mas êste códice está também enriquecido de um desenho e duas aguarelas, uma delas aqui reproduzida, embora em tamanho mais pequeno. O desenho das Selvagens, à pena, quer seja de Torriani ou doutro qualquer artista, revela a extraordinária habilidade de quem o fêz. Vai em tamanho natural.

Funchal, Outubro de 1931.

J. L. de Brito Gomes

DESCRITTIONE ET HISTORIA DEL REGNO DE L'ISOLE CANARIE GIA DETTE LE FORTVNATE COM IL PARERE DELLE LORO FORTIFICATIONI

DI LEONARDO TORRIANI

CREMONESE

ALLA MAESTA DEL RE CATOLICO

(Dedicatória na fl. 1 e verso:)

ALLA REGIA ET CAT: MAESTA DI FILIPPO II NOSTRO SEGNORE RE DELLE SPAGNE

Leonardo Torriani Cremonese

PROEMIO

Gia che gli anni passati Vosta Maestà mi comandó ch'io facessi la descrittione de l'Isole Canarie, parenami che sí piccole terre staccate d'Africa, cosi sole, per la piccolezza del sogetto potessero recarle poca dilettatione; perció trouand'io nei monomenti delle lettere con che abbellirle, determinai aggiungerli la historia e i sucessi occorsiui sino à questi tempi, et i pareri et disegni delle loro fortificationi: descriuendo anco le Città; e i Porti per maggior dichiaratione d'esse. L'Isola Antilia, la Madera, Porto santo, et la costa di Barbaria, col uero luoco de i monti Atlanti u'ho aggiunto, ualendomi delle fatiche altrui, et delle più uere osseruationi c'ho potuto ritrouare; ateso che l'incomodità et pericoli del mare, la lunghezza dal tempo, et la grandezza delle spese non m'hanno dato agio di poterle uedere et misurare: lequali mi sono state di molta fatica, douendo corregere le false osseruationi dé Marinari, cosí con l'altezza del polo, come con le positioni dé triangoli piani, aspettando hor soura monti, hor soura punte, et promontori i tempi chiari et sereni per poterle uedere. Oltre ció, trouarà etiandio Vost. Maest. in questo libro alcune curiosità degne della sua grandezza, lequali sole abbracciai per farlo breue, et adornarlo solamente di quelle co-

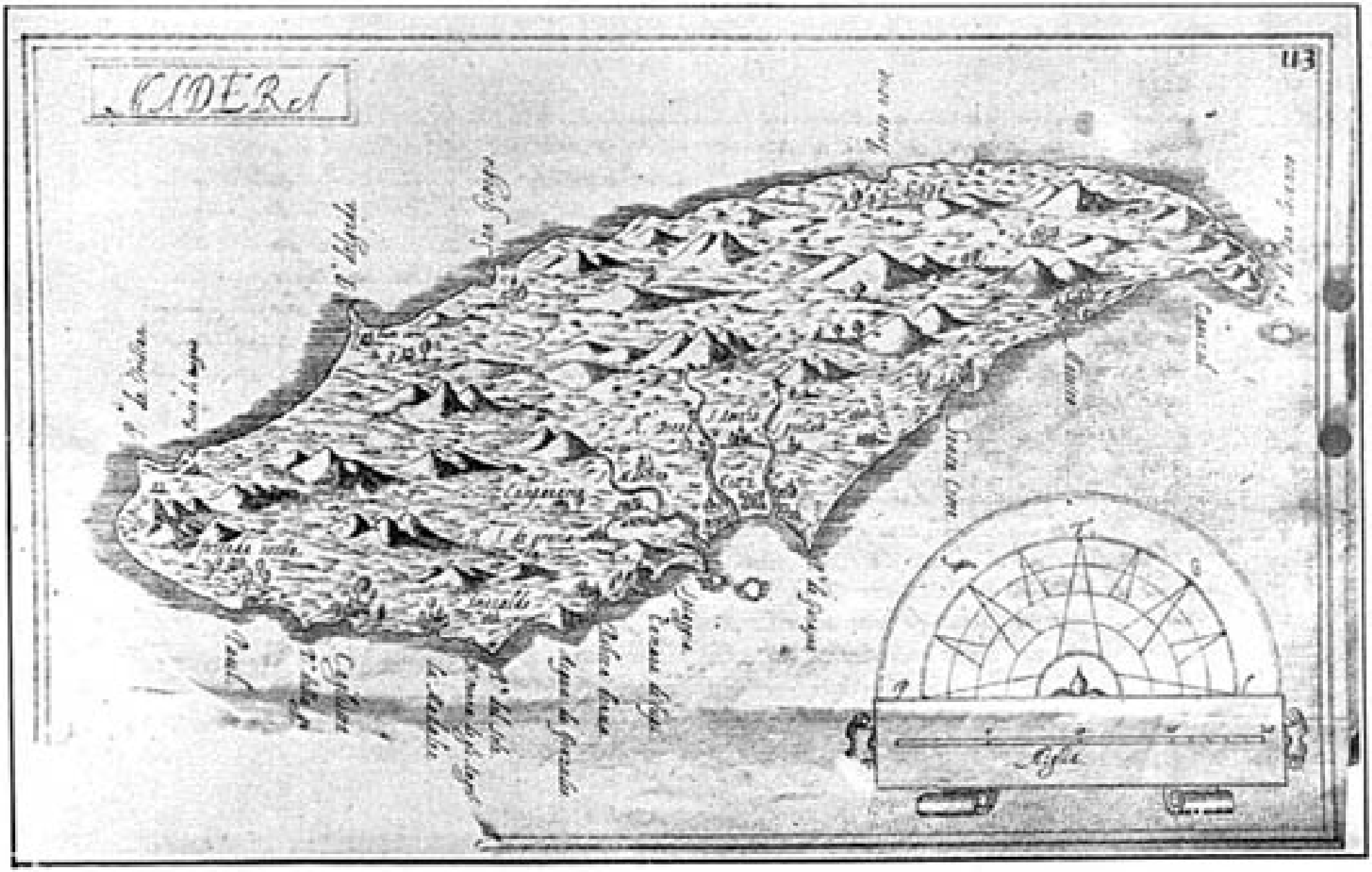


Foto do Dr. A. Madail

Grav. de Marques Abreu

Mapa da Ilha da Madeira

se, che più degne fossero d' apparire innanzi al suo diuino ingegno: non curandomi di parere ne solo historico, ne semplice geografo, ne puro militare architetto. Riceua dunque la Maesta Vostra questo picciol dono, ilquale non gonfio d'ambitione di uoler comparire per le superbe piazze, ne con aplauso della fama, ne con l' eternità delle stampe farsi immortale, ma solo colmo d' humiltà et di riueranza non mira altro ogetto che le regie mani di Vostra Maestà, in lequali (cosí à penna) contentissimo ogni fauore et protettione dalla innenarabile benignità di lei s' assicura, et prometesi ció che da un tanto Rè et Monarca puó desiderarsi. Et io à i piedi di Vostra Maestà, gioioso, chè grato le sia questo mio humil seruigio, in cambio di tanta mercede, pregandole da Iddio felicissimi anni di vita, con aumento della cristiana Monarchia, sotto la sempre uitrice et gloriosa corona della Spagna, di nuouo il cuorè devotissimo le ofero, et riuerentemente le bacio la mano.

. . . . . .

fol. 110) DESCRITIONE DE L'ISOLA DI PORTO SANTO D'ALDO DA MOSTO. CAP. III

. . . . . .

DESCRITIONE DE L'ISOLA DI PORTO SANTO DI LEONA TVRRIA

Questa Jsoleta fu ritrouata da Portughesi l' anno 1428. il giorno di tutti i Santi, che per ció ella fu chiamata Portosanto. è rotonda; ne uolge piú di 15. miglia, il cui diametro è il terzo: piana, euetto che soura il porto ha un monticello di cosí dificile ascesa, ch' ei serue per retirata delle genti, quando ei si dubita de'nemici; ilqual sito si serra con una porta, ed è inespugnabile, benche egli non habbia altra difesa che la naturale. la Villa è di 300 fuochi, et giace soura il porto, ne per tutta l' Jsola ue n' è altra, saluo alcune case dé lauoratori. Ha pochissime acque et quasi salse, et quando mancano le pioue è sterile et di poco frutto; perche à di nostri altro in quella non si rauoglie se non formento che le basta, et vue, che per esser poche non si fa uino. Dista dalla punta di S. lorenzo della Madera 42 miglia, d'Africa 330; ed è situata in grado. i. 45. di longitudine, et 32. 45. di Lat.e

(ao lado há um desenho da ilha, a tinta).

. . . . . .

DESC. DE L'ISOLA DELLA MADERA DI ALVISE DA MOSTO. CAP. III.

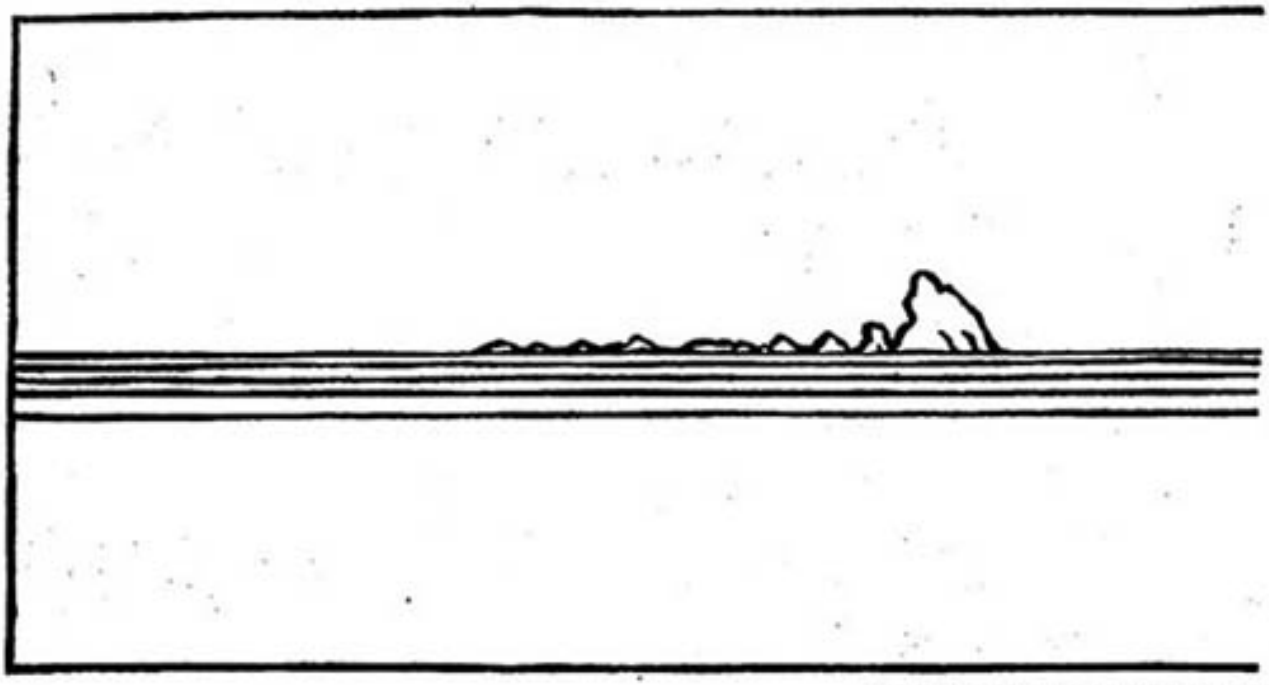
. . . . . .

DESCR. DE L'ISOLA DELLA MADERA DI

Leonardo Torriani

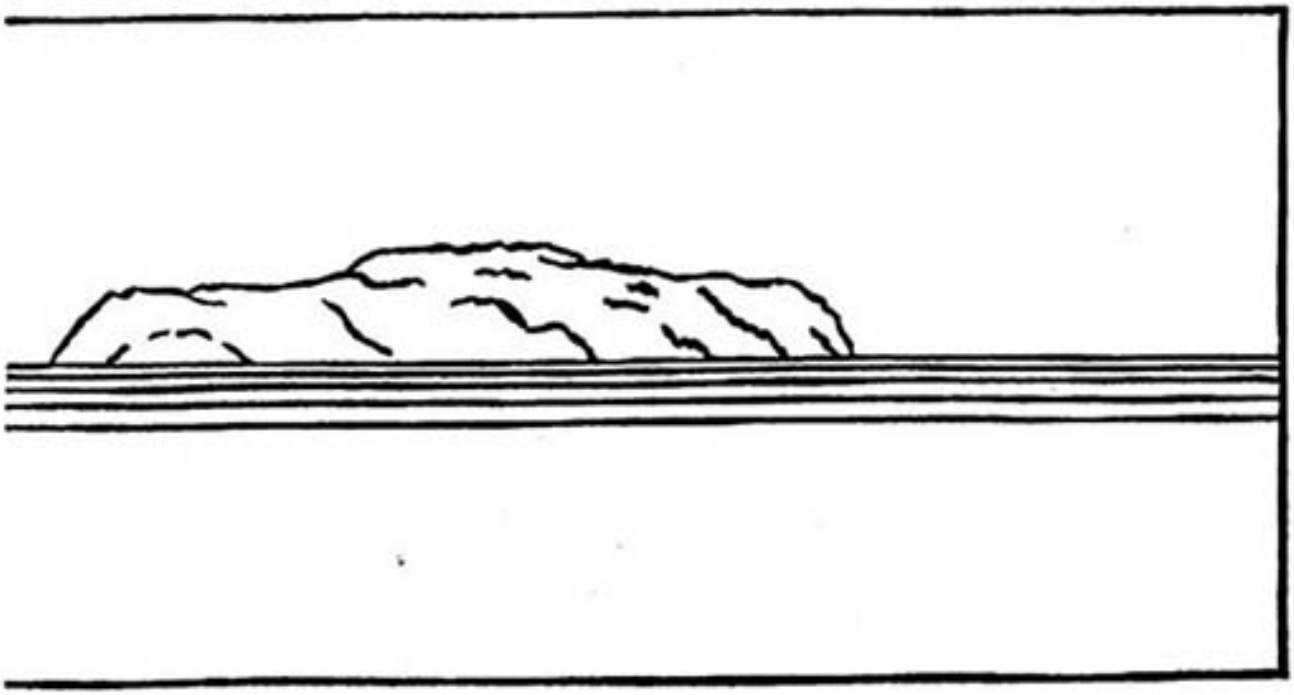
(a pág. ao lado é tôda ocupada por um desenho da ilha, feito à pena).

Questa Jsola è della corona di Portugallo, fatta habitare de Portoghesi l'anno 1428, dal Jnfante don Enrico, ne innanzi di questo tempo si sa ch' ella giamai fosse state habitata; come ció si gindica per le spessissime selue di ch' era cosí piena, che à forza del fuoco (come racconta Aluise da Mosto) fu fatta intrata, et commodità da lauorare i terreni. è aspra et montuosa aguisa della Palma, ma piena si d'infiniti fiumi, coi quali, et con la forza de l'antica grasezza della terra, et dell' industria de gli habitatori è diuenuta la piu bella, ricca, et popolata Jsola di tute l' altre che da Jnghilterra in qua si trouano in questo mare. Fa assaissime zucchari et i migliori del Mondo, et uini in abondantia, auanzando l'openione di quei tempi che Aluise da Mosto la uide; si come anco é accrescinta di gente che adesso fa sino à noue milla huomini da guerra senza tre compagnie de soldati castigliani ch' il Rè ui tiene per guardia delle fortezze et della



Desenho das Ilhas Selvagens

citta. Jl comercio è grandissimo de nauigli che uengono à questa città del Fonccial da tutte le parti d'Africa de Cristiani, d'Jtalia, Spagna, francia, Alemagna, et Scotia, ch'è detta per soura nome la piccola lisbona. Tutte l'intrate et daci è dieci per cento, cosí delle cose ch' entrano come di quelle ch'escono de l'Jsola, et di queste et delle decime et primitie della chiesa è patrone il Rè, ilquale poscia al Vescouo dà mille e cinquecenta scudi l'anno, et à Canonici settantacinque, come dianzi medesimamente faceuano i Rè di Portugallo. Di tutte queste intrate sua Maestà paga la decima parte à' descendenti de i doi gentilhuomini Tristan Tessera, et Giouan Gonzales Zarco, che furono i primi che ritrouarono questa Jsola, con questi patti fra loro et il predetto Jnfante don Enrico; lequai entrate, nel colmo de gli anni passati, dicono esser ariuate à ottanta milla scudi per anno, et al presente non è manco di sessanta milla; et da qui innanzi si crede che sara assai meno, perche di gia l'Jsola aguisa della Canarie ua mancando, per causa, che come ella è montuosa, et senza le prime selue, l'acque piouane et inondationi de' fiumi portano uia al mare le terre, si che l'ossa de i monti restano discoperte. Questa Jsola è lunga 63 milla, circonda 145. et soura la città s'alza il polo 32 gradi e sei minuti, il cui maggior di è, 14 hore, et 10 minuti, laqual Città è porta in 43. m. di lungitudine, et 32



no manuscrito italiano.

gradi di latitudine, situata in fine del terzo clima, e in piano attorno il seno che fa quiui il mare fra i due scogli et la punta Garajao. fa due milla e cinquecento fuochi, et ha di belissime et deuotissime Chiese, et due fortezze, l'una in mezzo sul mare che difende il porto, et le strade, et l'altra da capo uerso la predetta punta con assai pezzi d'artiglieria. fu detta fonccial da fonccios che sono finocchi dé quali il detto sito era pieno innanzi che edificassero la Città. Maccico hebbe il noma da un huomo Biscaglino detto Maccin, per esser stato il primo che stette in questo luoco; et per certa sua historia amorosa: ed è luoco di 200 fuochi. Santa Croce fà 300 fuochi. Canizzo sono due piccole Ville ambe di 200 case. S. Gonzaluo, S. Rocco, Nostra Donna, S. Martino, S. Antonio, Campanario, et Nostra donna di gratia fanno cinquanta et sesanta fuochi per uno. la Calletta è di 300 fuochi; et tutti gli altri Villaggi sono piú piccoli. El ha questa Jsola deciotto fiumi fra piccoli et grandi.

DELLE SELVAGGIE. CAP. V

Queste sono due Jsolette diritte da leuante à ponente luntana l'una dall'altra sette miglia; quella piú uerso leuante gira in tondo dieci miglia, et l'altra quasi dodici però poco sotto l'aqua, soura laquale solo si uede una piccola punta ch'ella gira poco piú d'un miglia. furono chiamate cosí seluaggie per essere luntane da terra d'Africa, et dall'altre Jsola uerso Ostro, et Tramontana, inhabitate, et di molti pericoli per le navigationi dalla parte di Ponente. Ha infinita quantità d'uccelli grandi marini, e di Conigli; et non ha acqua dolce, eccetto ch'in certa parte de l'una Jsoletta scaturiscono alcune gozze d'acqua con lequali si sostentano alcuni piccoli uccelletti detti canari che cantano suavissimamente, iquali gli Jsolani della Madera à certi tempi dell'anno i uengono à pigliare, et gli mandano á vendere in molti parti. Questa Jsola è prossima alle Canarie 80 miglia, alla Madere 150, et à Barbaria 300; in quasi 30 gradi di latitudine, et 1. 40. di longitude: ed è riconosciuta da i marinari che nauigano dalle Canarie à Spagna, et da Portugallo alle Canarie.

(ao fundo, há um desenho destas ilhas, feito à pena).

O Arquipélago da Madeira nos mapas e portulanos do século XIV

É já tempo de fazer história a sério, sem *parti-pris*, manias e preocupações nacionalistas.

As cousas são o que são e só o desejo de encontrar a verdade deve nortear quem mêta ombros a investigações do passado.

É certo que muito custa desenraïzar tradições e lendas que duraram séculos; mas é trabalho que tem de fazer-se.

A recente comunicação do eminente Almirante sr. Gago Coutinho, na Academia das Ciências, sôbre o descobrimento dos Açôres e na qual também trata do da Madeira, veio dispertar nova discussão do problema que parecia resolvido e aparentemente complicá-lo.

O ilustre Almirante, intitulando-se *geógrafo e prático na navegação à vela*, deu autoridade a teorias e conjecturas engenhosas e desconhecidas, até agora.

Bem haja.

A primeira menção do Arquipélago da Madeira vem no *Libro del conosçimiento* do frade mendicante espanhol, de 1345, livro tão autêntico que, em 1404, dêle fizeram extractos os confessores de Jean de Béthencourt, o aventureiro normando, conquistador das Canárias.

«Sobi en un leño con unos moros y llegamos.....à otra (isla) que dizen Salvaje, y à otra que dizen la isla desierta, y à otra que dizen lecname (1) y à otra el puertosanto.....»

(1) Legnane: Madeira.

Não pode restar dúvida que o frade serviu-se de uma carta ou mapa em que houve colaboração de italianos, o que era natural, como se indicará no decurso dêste trabalho, e que não fêz nenhuma viagem: mas em face de mapas que tinha, escreveu-a, sem sair da da sua cela.

Sabe-se que Dom Afonso IV, em 12 de Fevereiro de 1345, dirigiu uma carta ao Papa Clemente VI, dizendo-lhe que mandara explorar ou reconhecer as Ilhas Canárias para proceder à sua conquista, que adiara, por sobrevir a guerra com Castela e como tal facto ocorreu desde Agôsto de 1336 a 1339, sague-se que antes daquele mês e talvez nesse ano, os navios portugueses, regressando ao Reino, encontraram a Madeira e também os Açôres, porque conforme a comunicação citada, o vento norte dificultava como ainda hoje o acesso ao Reino e então necessário era ir ao largo, longe das costas, para atingir a altura de Lisboa, e assim, aquêles navios, entrando no mar das Ilhas, as descobriram.

Isto parece certo.

E o "*Libro del Conosçimiento*", aparecendo em 1345, é uma conseqüência destas viagens no tempo de Dom Afonso IV, e digo *viagens*, porque em 1341 houve outra expedição portuguesa às Canárias, que efectuou a tomada de algumas destas ilhas.

Que o frade nada fantasiou, que não foi o Júlio Verne daquela recuada era, prova-se com o facto de ter o sr. Charles de la Roncière achado a cópia da carta em que êle se baseou, acontecimento notabilíssimo, de uma importância capital e decisiva, porque nos mostra que os Descobridores da Madeira e Açôres foram portugueses, que marcariam num portulano ou mapa, as ilhas descobertas, documento cujo original ainda não se encontrou.

E é assim que se explica que portulanos e mapas posteriores a 1345 reproduzam a nomenclatura do frade mendicante, com respeito às ilhas atlânticas.

Transcrevo as considerações do sr. Gago Coutinho:

«Na parte em que êles (portulanos e cartas do século XIV) dizem respeito à Ilha da Madeira (*Legname* dessas cartas), é certo

que já em 1351 (¹) a apresentam com as *Selvagens, Desertas, e Pôrto Santo*, todas com os seus nomes modernos, convenientemente arrumadas. A ilha está desenhada em uma posição aproximada, segundo a distância e rumo não magnético, mas verdadeiro! a que fica de Lisboa. Assim na carta catalã de 1375, o êrro em direcção é apenas de um grau. Tem a forma alongada de Leste a Oeste, e um pôrto aberto ao Sul, como está o Funchal.

. . . . . .

Tais informações, tão correctas, não as podemos atribuir ao acaso. . . . . denunciam viagens reais de *náuticos hábeis*, talvez mouros ou portugueses, — vista a exactidão do rumo e distância entre a *Legname* e Lisboa — navegadores êsses anteriores ao Infante D. Henrique que as mandou povoar, e até mesmo ao Rei D. João I.

Recordemos que a descoberta da Madeira seria elementar porque as Canárias se avistam da costa de África e, sucessivamente umas das outras; além disso Tenerife, como a Madeira, são muito altas e se podem avistar, com tempo claro, a mais de cem milhas, havendo exemplo de, no mar, se terem visto as duas ilhas ao mesmo tempo.

. . . . . .

De resto a Madeira fica a cêrca de cem milhas do caminho directo de Lisboa para as Canárias; póde-se pois admitir que os navios antigos — talvez ainda do tempo em que Lisboa era moura — ao voltarem de Marrocos, com vento fronteiro, passassem à vista da Madeira.

Assim os portulanos do século XIV revelam um conhecimento *náutico* indiscutível sôbre a existência da ilha da Madeira (como de resto sôbre as Canárias), não se podendo contudo saber quando a Ilha teria sido visitada pela primeira vez. A descoberta do Pôrto Santo e da Madeira, em 1418, a que se refere Barros nas *Décadas*, não

(¹) Em 1351 há, apenas, o Atlas Mediceu e nada mais.

foi uma verdadeira descoberta, mas o reconhecimento de ilhas, embora mal conhecidas, que o Infante D. Henrique pensou ocupar.»

Sucede uma cousa curiosa, interessante e pouco explicável: que nos *mesmos* mapas e portulanos em que o Arquipélago da Madeira aparece com uma exactidão admirável, os Açôres ali figuram mal arrumados, sendo, todavia, de notar, que segundo o glorioso Almirante, êsses mapas e portulanos trazem ilhas açoreanas *verdadreiras* e falsas.

Portanto, no século XIV, conforme tão autorizada afirmação, houve também quem as descobrisse.

E como a esquadra de Dom Afonso IV, em 1341, era comandada pelos italianos Recco e Corbizzi, daí o aparecimento de *Legname* e *San Zorzo*, denominação em língua italiana, e talvez a ilha do Corvo deva a Corbizzi ser assim designada.

A corroborar o *Libro del Conosçimiento de 1345*, a cópia da carta em que êle se originou, o Atlas Mediceu de 1351 e a Mapa Catalão de 1375, temos a carta do Infante Dom Henrique de 18 de Setembro de 1460, publicada há 39 anos, em que aquêle Príncipe diz:

«.....Comecei de povorar a minha ilha da Madeira, averá ora trinta e cinco anos e isso mesmo a de Porto Santo e deshi porseguindo a Deserta, das quais ilhas que assim edifiquei e novamente achei.....»

Novamente achei.

O que houve, portanto, no período henriquino foi o redescobrimento dos Arquipélagos da Madeira e Açores, já encontrados quando reinava Dom Afonso IV.

É a conclusão a que se chega, em face da documentação citada, a que *nenhuma outra contraria*, por não existir.

António Ferreira de Serpa

Famílias da Madeira e Pôrto Santo

Franças

§ 1.º

André Gonçalves ou de França, o Polonês, passou a esta ilha e estabeleceu-se no Estreito da Calheta, onde teve largos bens. Casou com Maria de Vasconcelos. Teve

1 João de França

João de França viveu no Estreito em luzida casa. Faleceu em 1511, sendo ainda vivos seus pais, e enterrou-se na igreja de Nossa Senhora da Graça, que mandara edificar. Fêz morgado, que foi um dos maiores da Madeira. Casou com Inez Pires de Escócia, de Santa Cruz, filha de João de Leiria e de Isabel Anes Drumond. Teve

2 André de França
2 Diogo de França § 2
2 João de França § 3
2 Isabel de França c. c. Jorge de Vasconcelos, filho de Martim Mendes de Vasconcelos e de D. Isabel Pereira. T.ª de Vasconcelos § 1 n.º 10. c. g.
2 Franca de França c. c. António de Abreu, filho de João Fernandes do Arco e de Beatriz de Abreu. T.ª de Fernandes do Arco § 1.
2 Maria de França c. c. Manuel Delgado, filho de Pedro Braz Cabral e de Constança Delgado.

André de França c. c. D. Leonor de Vasconcelos, filha de Rui Mendes de Vasconcelos e de D. Isabel Correa, em t.º de Vasconcelos, § 6 n.º 10. Êste matou sua mulher injustamente, pelo que foi para o Limoeiro. Fugindo de ali, foi degolado em estátua. Teve

3 Agostinho de Góis
3 José de Vasconcelos s. g.
3 D. Francisca de França e Vasconcelos c. c. Francisco de Góis de Carvalho, filho de Agostinho de Góis e de Branca Antunes. T.º de Teixeiras § 28 c. g.

Agostinho de Góis passou-se para as Canárias, onde casou e teve geração.

§ 2.º

Diogo de França § 1 n.º 2, casou na Calheta com Isabel Homem de Gouvea, filha de Francisco Homem de Gouvea e de Isabel Afonso. T.º de Homens Gouveas § 1 n.º 1. Teve

3 Bartolomeu de França
3 André de França
3 Francisco de França
3 D. Maria
3 D. Mecia

Bartolomeu de França c. c. Margarida Gonçalves de Andrade, filha de Gonçalo Fernandes da Serra de Água e de Isabel Fernandes de Andrade em t.º de Gonçalo Fernandes. § 1. Teve

4 André de Franca e Andrade
4 Gaspar de França e Andrade c. c. Ana Henriques c. g.
4 Luiz Gonçalves de Andrade § 12
4 Belchior de França e Andrade § 11
4 Baltasar de França e Andrade s. g.
4 Manuel de França e Andrade c. 1590 c. Maior Lourenço, f.ª de João de Ornelas Magalhãis e de Maria Travassos.
4 Bartolomeu de França s. g.
4 Pedro Gonçalves de Andrade s. g.
4 D. Joana de França c. 1646 c. com seu primo Sebastião de França e Abreu, filho de Manuel de França e Andrade § 3 n.º 4.
4 D. Isabel Fernandes de Andrade c. c. Manuel Ferreira de Carvalho.

André de França e Andrade c. 1600 c. D. Luísa Ferreira, filha de Ambrósio Berenguer e de D. Brites de Almeida, em t.º de Berengueres. § 11. Teve

5 Bartolomeu de França e Andrade
5 D. Leonor de França c. c. Vicente de Ossuna Teixeira, filho de João de Ossuna Teixeira e de D. Isabel de Castro e Meneses. T.º de Ossunas § . c. g.

Bartolomeu de França Andrade c. com D. Helena Berenguer, filha de Heitor Nunes Berenguer e de Inez Fernandes de Quental. T.º de Berengueres. § 12.

6 André de França e Andrade
6 D. Maria Berenguer c. com Belchior Perestrelo, filho de Vicente de Noronha e de Branca de Carvalho. T.º de Perestrelos § 1 c. g.

André de França e Andrade depois de viuvo ordenou-se e foi Cónego, casou c. Brites da Silva Usel, filha de Manuel Gomes e de Beatriz Buarcos; neta paterna de João Gonçalves e de Maria

Gonçalves e materna de João Gonçalves Buarcos e Águeda Usel, que instituíu terça. Parece que foi em virtude desta terça que André de França edificou a Capela da Conceição no Estreito da Calheta. Teve

7 Bartolomeu de França e Andrade
7 Manuel Freire de Andrade § 5.º
7 Francisco França e Andrade § 4.º

Capitão Bartolomeu de França e Andrade c. em 1710 c. D. Maria de Meneses Castelo Branco, filha do Capitão António Teixeira Doria e de D. Isabel Bernarda de Atouguia, em t.º de Teixeiras § 10 n.º 8. Teve

8 André de França e Andrade
8 D. Isabel de França c. c. João do Couto Cardoso
8 D. Antónia de França c. c. Bartolomeu do Couto Esmeraldo
8 D. Ana c. c. Bartolomeu de França e Andrade § 5. n.º 8
8 D. Maria Madalena

Capitão André de França Andrade casou c. D. Inácia Maria de Castelo Branco, filha da Capitão Manuel Freire de Andrade e de D. Vicência de Atouguia. § 37. n.º 8. Teve

9 D. Ana de França, freira

Casou 2.ª vez com D. Maria Madalena, a dos pés grandes, filha de Manuel Sardinha e de Guiomar Nunes. Casamento desigual. Teve

9 Bartolomeu António de França Dória
9 André de França
9 D. Inez, freira

Morgado Bartolomeu António de França Doria casou c. Rosa Maria de França, de diferente condição. Teve

10 António Eustáquio de França, que faleceu pequeno
10 D. Ana Cecília de França Doria cas. em 1812 c. Diogo de Ornelas Carvalhal Frazão Figueiroa, filho de Diogo de Ornelas Frazão e de D. Antónia, em T.º de Ornelas, § 2.º Julgo que foi assim que entrou o Morgado dos Franças nos Calçadas.

§ 3.º

João de França § 1 n.º 2, Fidalgo da Casa Real, casou c. Isabel Rodrigues, filha de Fernão de Aguiar.
Cas. 2.º vez c. Beatriz Delgado de Abreu, filha de Vicente Delgado e de Joana Rodrigues, em t.º de Delgados. § 1 n.º 2. Teve

3 Manuel de França Andrade

3 D. Maria de França c. com João de Castro, filho de Gonçalo de Castro e de Felipa da Câmara. Teve
4 Manuel de Castro
4 João de França e Castro casou c. Beatriz Homem de Elrei, filha de Francisco Homem de Elrei e de Clara Afonso. Teve
5 Joana de Andrade c. 1592 c. Manuel Cabral de Aguiar. T.ª de Côrtes.
5 D. Maria de França e Castro

Manuel de França e Andrade c. 1577 c. Maria Ferraz de Abreu, filha de Fernão Nunes Cardoso e de Isabel Gonçalves Ferraz. T.º de Azevedos § 5 n.º 2. Teve

4 Sebastião de França e Abreu

Capitão Sebastião de França e Abreu c. em 1646 c. D. Joana de França Andrade, filha de Bartolomeu de França e Andrade e de Margarida Gonçalves de Andrade § 2 n.º 3. Teve

5 Manuel de França e Andrade
5 Pedro de França
5 Margarida Gonçalves de França

Manuel de França e Andrade c. S. Pedro em 1639 c. D. Beatriz Tavares, filha de Jerónimo Vieira de Andrade e de D. Ana Tavares Pacheco. Teve

6 Sebastião de França e Andrade

Sebastião de França e Andrade viveu no Estreiro da Calheta, e em Maria Pereira, filha de Antão Alves e de Margarida Pereira, teve

7 Capitão José de França e Andrade
7 D. Pelágia

Capitão José de França e Andrade foi legitimado e cas. em 1671 c. D. Maria Josefa Drumond, filha de Sebastião Carvalho Drumond em T.º de Carvalhos de São Gil. § 2 n.º 15. Teve

8 Sebastião de Carvalho e França c. 1750 c. sua prima Antónia Rosa, filha de António Carvalho Drumond e de D. Inácia. T.ª de Carvalhos de S. Gil
8 P.e Francisco Manuel de França
8 João Francisco de França e Andrade
8 Viríssimo de França, no Brasil
8 D. Antónia de França c. c. Francisco de Freitas no Arco da Calheta
8 D. Maria Guiomar
8 D. Josefa

João de França e Andrade casou c. D. Teresa, filha de Manuel Teixeira e de Catarina Inácia. Casou 2.ª vez com D. Ana da

Câmara, filha do Capitão João António de Barros e Câmara e de D. Ana Maria Perestrelo, segunda mulher, em T.° de Macieis § 4 n.° 7. Teve d'esta:

9 D. Maria Ludovina Drumond, que herdou a terça e casou em 1890 c. Francisco João de França Andrade § 14 n.° 9.

§ 4.°

Francisco de França e Andrade § 2 n.° 7 casou c. D. Clara de França de Aguiar, filha de Manuel Cabral de Aguiar e de D. Felipa de Noronha. T.° de Côrtes § 1. Teve

8 Capitão António João de França
8 Capitão João Carlos de França Andrade
8 P.e Luiz de França
8 D. Isabel de França c. 1755 c. Bartolomeu António de França e Andrade § 5 n.° 8.
8 D. Júlia
8 Duas freiras

Capitão António João de França Andrade casou c. D. Inez Cecília de França, filha de Bartolomeu do Couto Esmeraldo e de D. Antónia de Castelo Branco. Teve

9 João António de França e Andrade
9 Francisco João de França e Andade § 13.
9 José Joaquim de França
9 D. Antónia
9 D. Ana Cecília

Capitão João António de França e Andrade, do 1.° regimento da Calheta, casou c. D. Inácia Joana de França, filha do Capitão-mor Leandro João Perestrelo da Câmara e de D. Luísa Quitéria de Aguiar. T.° de Perestrelos § 1 n.° 11. Teve

10 António João de França e Andrade
10 João António de França e Andrade
10 D. Inez, freira em Santa Clara

João António de França e Andrade c. em 1833 c. sua prima D. Ana Sofia Perestrelo, filha do Capitão Bento João Perestrelo da Câmara e de D. Ana da Câmara, em T.° de Perestrelos § 1 n.° 12. Teve

11 António João Perestrelo da Câmara e França
11 Bento Perestrelo de França, solt.e que foi pai da senhora de Júlio Cesar de Faria
11 Henrique Perestrelo de França casou c. D. Maria, filha de Fulano Fernandes.

12 Henrique Perestrelo de França, casado à hora da morte, s. g.
12 D. Maria e D. Justa
12 Comendador Manuel Perestrelo de França c. c. D. Maria da Conceição Bettencourt, filha de João Baptista Pereira e de D. Maria Severiana Bettencourt.
13 Henrique Perestrelo de França c. 1930 c. D. Margarida da Silva
13 D. Fé Conceição
13 D. Ana Sofia
11 Gregório Perestrelo de França
11 César Perestrelo de França c. com D. Amélia Doria, filha do Morgado João Teixeira Doria c. g.
11 D. Helena Sofia c. c. Guilherme Albuquerque Carvalhal França § 5, 12
11 D. Maria da Graça c. c. João Augusto do Nascimento, filho de Sabino António do Nascimento e D. Maria do Monte Teixeira
12 Dr. Mário Perestrelo do Nascimento, ministro plenipotenciário.

Gregório Perestelo de França c. c. D. Lélia Amália Drumond da Veiga, filha de João António da Veiga e de D. Mria Amália Drumond. Teve

12 Gregório Perestrelo de França
12 Mário Perestrelo de França
12 Salomão da Veiga França c c. D. Maria Ariete, filha de Francisco Figueira Ferraz c. g.
12 D. Maria Bela casou c. António Herculano Nunes
12 D. Evangelina

Tenente Mário Perestrelo de França c. 1.ª vez c. D. Judite Moniz, filha de Abel da Silva Moniz (t.º de Monizes de Santa Maria Maior) Cas. 2.ª vez em 1927 c. D. Clarice de Bettencourt Brito Seixas, filha de Augusto César de Brito Seixas e de D. Adelaide Perestrelo de Agrela Bettencourt:

13 Manuel

§ 5.º

Capitão Manuel Freire de Andrade § 2 n.º 7 c. 1715 c. D. Vicência de Atouguia, no Estreito, filha de António Teixeira Doria e de D. Isebel de Andrade Atouguia. T.º de Teixeiras § 10 n.º 8. Teve

8 Bartolomeu António de França e Andrade
8 Franciso Xavier de França e Andrade § 6
8 P.e Pedro Leandro de França e Andrade
8 António Francisco de França e Andrade § 7
8 D. Inácia c. c. seu primo André de França § 2 n. 8.
8 D. Isabel c. c. Capitão João Adrião de Almeida e 2.ª vez c. Manuel Faria Pestana Doria. T. de Costas Almeidas
8 D. Brites, freira
8 D. Antónia

Capitão Bartolomeu António de França e Andrade c. em S. Pedro em 1737 c. D. Ana de Castelo Branco, filha do Capitão Bartolomeu de França e Andrade e de D. Maria de Castelo Branco. § 2 n.º 3.

9 José António de França e Andrade
9 P.e João José de França
9 Joaquim Manuel de França c. 1.ª vez c. D. Cecília da Costa, 2.ª vez c. D. Josefa Perestrelo, filha de Leandro José Perestrelo da Câmara. T.º de Perestrelos. 3.ª vez c. D. Maria de Freitas Silva.
9 Capitão Luiz Diogo de Freitas. § 10.

Casou 2.ª vez em 1756 em S. Pedro c. D. Isabel Maria de Aguiar, filha de Francisco de França Andrade e de D. Clara Maria de Aguiar. § 4 n.º 8.

Capitão-mor José António de França Andrade c. na Sé em 1762 c. D. Ana Rita da Câmara, filha do Dr. António Caetano de Sousa Mesquita e de D. Francisca da Câmara e Brito. T.º de Ferreiras Mesquitas. § 3. Teve

10 José Sebastião de França e Andrade, casado em Londres (n. Sé 20.IV.1764)
10 Capitão Francisco Ricardo de França (n. Sé 23.IV.1766)

Capitão Francisco Ricardo de França cas. Estreito da Calheta e T. Jel.º em 1815 c. D. Ana Rosa de Vilhena Carvalhal, filha de José de Carvalhal e de D. Maria Benedita Carvalhal Esmeraldo. Teve

11 Francisco Estanislau de França

Francisco Estanislau de França c. em 1835 c. D. Joana Teresa de Albuquerque, filha do morgado João Agostinho de Albuquerque Figueiroa e de D. Carlota Amália de Ornelas Cabral. T.º de Freitas da Madalena. § 3 n.º 11. Teve

12 João Agostinho de Albuquerque Carvalhal e França
12 Guilherme Albuquerque, c. c. D. Helena Sofia de França, filha de João António de França Andrade
13 D. Maria Helena de Albuquerque França, c. c. José Gomes, c. g.
13 Júlio Albuquerque França, B. Casado, c. g.
12 D. Leonor c. 1866 c. Cândido Lusitano de França, filho de João António de França c. g.
12 D. Joana c. 1882 c. João da Câmara Lomelino, em T.º de Paivas, c. g.
12 Francisco Albuquerque França
12 D. Ana c. c. Fulano Camacho

João Agostinho de Albuquerque Carvalhal e França c. 1882

c. D. Maria Inez de Gouvea, filha de Manuel Joaquim de Gouvea e de D. Inez Maria de Gouvea, em T.º de Homens Gouveas. Teve

13 D. Amélia Iria Carvalhal e França c. 1900 c. Mário Raul Soares, filho de Eduardo Augusto Soares e de D. Maria Carlota Soares,
14 Miguel Eduardo Carvalhal Soares c. c. D. Sofia de Figueiredo, c. g.
13 João de Albuquerque França
13 D. Inez Carvalhal de França c. c. José de Moura Caldeira, T.º de Caldeiras.
14 D. Maria, c. c. o dr. João Abel de Freitas, c. g.
13 Outras, que faleceram solteiras
13 B.-Manuel Carvalhal França c. c. D. Maria, viúva do professor Felgueira:
14 D. Cecília, c. c. Francisco Fernandes da Silva

§ 6.º

Francisco Xavier de França e Andrade, § 5 n.º 8 c. c. D. Cosma Vitória de Almeida, filha do Capitão António Rodrigues de Almeida e de D. Isabel Maria da Silva. Teve

9 Manuel Freire de Andrade
9 Gregório José de França
9 José Leandro Bettencourt Castelo Branco c. 1771 c. D. Isabel Jacinta Esmeraldo, filha de Manuel Gonçalves Esmeraldo e de Josefa Maria, do Porto Moniz. Teve:
10 P.e Dionísio Freire de Bettencourt Dória
10 D. Vicência Freire c. 1790 c. Manuel Caetano Barreto, filho de Timóteo Caetano Barreto
9 D. Antónia de França c. 1780 c. José Telo de Mendonça, em T.º de Soutos, c. g.

Capitão Manuel Freire de Andrade casou c. D. Mariana Ferro Souto Maior, filha do Capitão Pedro Júlio Ferreira Ferro e de D. Cecília Maria Valente Barreto. Teve

10 Francisco Freire de Andrade e Almeida
10 Fernando Freire de Andrade c. na cadeia em 1811 c. D. Maria Emília, filha de João da Mata Moniz de Meneses e de Maria Joaquina, T.º de Monizes.

Capitão Morgado Francisco Freire de França e Almeida, casou 1.ª vez c. D. Antónia Rosa da Câmara, filha de....

11 Francisco Freire de Almeida n. 1796
11 Florêncio Freire Telo c. 1859 c. D. Cristina de Meneses Ornelas, filha de pais ocultos mas parentes em 2.º gr. de consangüinidade.
11 D. Antónia n. 1790
11 D. Jacinta n. 1785

11 D. Isabel Jacinta c. 1826 c. Teófilo Maria Moniz de Meneses, filho de João da Mata Moniz.

Cas. 2.ª vez (1827) na Ponta do Pargo c. D. Dionísia Genoveva Telo de Meneses, filha do Capitão António Telo de Mendonça Cabral e de D. Ana Joaquina da Câmara. T.º de Soutos. Teve

11 D. Maria Augusta c. 1860 c. António Eduardo Pestana de Barros, filho de Maurício Eduardo Cabral da Câmara e de D. Justina Amélia Pestana.
11 D. Dionísia c. c. Afonso de Freitas Albuquerque, em T.' de Freitas da Madalena, c. g.

Francisco Freire de França e Almeida, morgado, c. 1836 c. D. Luísa de Velosa de Lira, filha do Alferes António Homem de Gouvea e de D. Maria Francisca de Velosa. T.' de Homens Gouveas. Teve

12 Francisco Freire de França e Almeida
12 Felisberto Freire de França c. 1875 c. D. Isabel, filha de Sabino José de Ornelas e Vasconcelos
12 João de França e Almeida
12 António Freire de França
12 D. Júlia c. c. António de Ornelas e Vasconcelos, filho de Sabino José de Ornelas e Vasconcelos
12 D. Luísa Adelaide c. c. Cândido Augusto Correa, filho de Justino João Correa e de D. Cândida de Castro
12 D. Joana c. c. Augusto César de Gouvea, filho de António Correa de Gouvea e de Rosa Maria Jardim

Morgado Francisco Freire de França e Almeida, casou c. D. Joana de Freitas, s. g. Teve B. B.

13 Manuel Augusto de França c. c. D. Silvana Correa
14 Dr. Vasco de França
14 D. Maria
14 D. Felisbela
13 Francisco Augusto de França
13 Jorge Adolfo de Deus c. c. D. Antonieta Lino, c. g.
13 D. Maria da Assunção c. c. Aníbal Luiz Ferreira, c. g.

§ 7.º

António Francisco de Bettencourt e França, § 5 n.º 8, casou em 1750 c. Brígida Homem de Elrei, filha do Capitão Francisco Homem de Elrei ou Azevedo. Teve

9 Manuel Freire de Bettencourt e França
9 D. Ana Joaquina c. c. António José Rodrigues Brasão, filho de João Rodrigues Garcez. T.º de Vales.

Casou 2.ª vez c. D. Brites da Silva, filha do Capitão Miguel Gomes do Vale e de Maria do Espírito Santo, T.º de Vales, § 1.

9 D. Ana

Manuel Freire de Bettencourt e França c. na Calheta, 1783, c. D. Leonor Agostinha Bettencourt Herédia, filha do Capitão Manuel Rodrigues Teixeira e de D. Felipa de Bettencourt Atouguia. Teve

10 Estêvão João de França Doria
10 Manuel Freire Bettencourt França. § 9
10 P.ª Ricardo João de França Doria
10 D. Francisca Agostinha c. c. Francisco Bettencourt Perestrelo, filho de António Bettencourt Perestrelo de Vasconcelos. T. de Sousas do Pigarro, § 1 c. g.
10 D. Juliana Vicência c. 1815 c. João António de França Brasão, filho de João António Rodrigues Brasão e de D. Ana Joaquina de França, c. g.

Capitão Estêvão João de França Doria c. 1816 c. D. Vicência Joaquina de França, filha de Diogo Luiz de França e de D. Vicência Joaquina de França. § 10 n.º 10. Teve

11 Manuel João de França Doria
11 P.ª António João de França Doria, Vig.ª da Calheta
11 Francisco de França Doria § 8
11 D. Maria Leonor c. 1840 c. Caetano António Deniz, filho do Capitão-mor João Francisco Deniz e de D. Maria Antónia Deniz. Teve:
12 P.ª João Francisco de França Doria, Vig.º do Estreito
12 Luiz de França Doria c. c. D. Maria Sumares, s. g.
12 D. Umbelina c. 1875 c. Manuel Joaquim de Gouvea Brasão, c. g.
12 D. Maria Júlia 2.ª mulher de Manuel Joaquim de Gouvea Brasão
12 D. Emília c. 1874 c. Manuel Joaquim de França e Andrade, filho de Francico Joaquim de França, c. g.
12 D. Helena c. c. Lúcio de França Brasão, de S. Vicente, c. g.

Manuel João de França Doria, c. 1.ª vez c. D. Luísa Perestrelo, filha do Capitão Tomaz José Perestrelo da Câmara e de D. Antónia, T.º de Perestrelos. § 3 n.º 12. Teve

12 D. Júlia c. c. Major Gonçalves Farinha, da Calheta.
12 D. Luísa Perestrelo França Doria c. c. Tenente Coronel Augusto Borges Cabral, c. g.

Casou 2.ª vez em 1869 c. D. Teresa Amélia Henriques, filha de António Gonçalves Henriques e de D. Matilde Adelaide Pombo. Teve

12 Coronel Manuel de França Doria

12 D. Carolina Doria c. 1898 c. António Joaquim dos Santos Pimenta. c. g.
12 Major Alberto Xavier de França Doria c. c. uma filha do Almirante D. Luiz da Câmara Leme. T.ª de Homens Sousas.
12 D. Maria Teresa c. 1889 c. Major Henrique Luiz Monteiro, filho de Jorge Luiz Monteiro, c. g.

Coronel Manuel de França Doria c. 1896 c. D. Eugénia Neto, filha de João de Atouguia de França Neto e de D. Luísa dos Santos. T.º de Netos Calaças.

13 João de França e Atouguia Neto Doria, faleceu solteiro.
13 Manuel de França e Atouguia Neto Doria.

§ 8.º

Francisco Manuel de França Doria, § 7 n.º 11, c. c. D. Maria Constança Jardim, na Ribeira da Janela. Teve

12 António Jardim de França Doria
12 D. Luísa Doria c. c. José Faustino de Freitas, c. g.
12 D. Maria Júlia Doria

António Jardim de França Doria c. 1884 c. D. Adelaide Rocha de Macedo, filha de Joaquim da Rocha e de D. Ana Augusta de Macedo. Teve

13 Óscar Maria de França Doria
13 Tenente Raul António de França Doria, engenheiro
13 D. Letícia c. c. Manuel Nunes de Oliveira, c. g.
13 D. Francelina

Óscar Maria França Doria c. c. D. Sara de Ornelas Monteiro, filha do Dr. Roberto Luiz Monteiro e de D. Júlia de Ornelas.

14 D. Maria Fernanda
14 Raul Monteiro Doria
14 Carlos Manuel
14 D. Maria da Conceição

§ 9.º

Manuel Freire de Bettencourt França, § 7 n.º 10, c. 1813 c. D. Maria Albina, filha de Diogo Luiz de França e de D. Vicência Maria Joaquina, § 10 n.º 10. Teve

11 Francisco Estanislau de França Doria
11 P.ª José Ricardo de França Doria, Vigário no Arco
11 D. Luísa
11 D. Vicência

Francisco Estanislau de França Doria c. 1871 c. D. Maria Luísa, filha de Alexandre Gonçalves da Costa e de D. Luísa Gonçalves. Teve

12 Dr. Alfredo de França Doria
12 D. Maria das Dores c. c. João Franco de Castro
12 Filomena Doria c. c. António da Conceição de Nobrega, c. g.

§ 10.°

Capitão Diogo Luiz de França, § 5 n. 9 c. em 1790 c. D. Vicência Joaquina de França, filha do Capitão Francisco Manuel da Costa e de D. Vicência Maria de Castro. Teve

10 João Francisco de França Doria
10 D. Vicência Joaquina c. 1816 c. o Capitão Estêvão de França Doria, filho de Manuel Freire Bettencourt França § 7 n.° 10.
10 D. Maria Albina c. 1813 c. Manuel Freire Bettencourt França, § 9.

João Francisco de França Doria, c. em Santa Maria Maior em 1810 c. D. Vicência Matilde de Castro, filha do Sargento-mor Francisco Manuel de Castro e Andrade e de D. Margarida Rosa; neta paterna do Capitão Francisco Manuel da Costa e de D. Vicência Maria de Castro.

§ 11.°

Belchior de França e Andrade, § 2 n.° 4, c. 1.ª vez em 1802 c. D. Inez Barreto, filha de João Barreto e de Isabel de Amil. Casou 2.ª vez na Sé em 1607 c. Maria Pereira, filha de Vicente Fernandes e de Beatriz Pereira. Teve

5 Pedro de França e Andrade
5 D. Isabel c. c. Gonçalo Berenguer de Andrade, filho de Heitor Nunes Berenguer. T.° de Berengueres.
5 D. Brites c. 1651 c. Gonçalo Deniz, o moço, filho de Gonçalo Deniz.

Pedro de França c. c. D. Antónia de Sousa.

§ 12.°

Luiz Gonçalves de Andrade, § 2 n.° 4, Cavaleiro da Ordem de Cristo, c. c. D. Ana de Moura, v.ª de Braz de Castro, filha de Mem de Ornelas de Moura e de D. Antónia de Vasconcelos, T.° de Ornelas § 9 n.° 16. Teve

5 Diogo de França Rolim
5 D. Margarida
5 D. Isabel

Diogo de França Rolim, c. 1635 c. D. Antónia de Moura, v.ª de Francisco Moniz de Aguiar, filha de João de Ornelas de Moura e de D. Catarina Velosa, § 10 n.º 16 do T.º de Ornelas.

Dizem as crónicas que esta gente gastava os seus bens em presentes aos governadores da ilha, pelo que todos se diziam seus parentes.

§ 13.º

Francisco João de França. § 4 n.º 9, casou em 1809 c. D. Maria Ludovina Drumond, filha de João Francisco de Andrade e de D. Maria da Câmara, § 3 n.º 9.

10 Francisco Ladislau de França
10 D. Rosa Augusta de França c. c. António Bettencourt Perestrelo no título de Sousas de Pigarro
10 António João de França, solteiro
10 D. Ana
10 D. Inez
10 D. Maria Faustina

Francisco Ladislau de França casou por 1830 com D. Helena Margarida Passalaqua, f.ª de D. Rosa Maria Bettencourt Telo de Meneses e de Paulo Maria Passalaqua. T.º de Passalaquas, § 1. Teve

11 Manuel Justino de França
11 Francisco João de França, fal. no Brasil
11 D. Sofia Amélia c. c. José Joaquim de Freitas, filho do Capitão-mor João José Alves de Gouvea c. g.
11 D. Maria Carolina c. c. Luiz Henriques, de Câmara de Lôbos.

Manuel Justino de França c. 1866 c. D. Maria Severiana de Bettencourt França, filha do morgado António Bettencourt Perestrelo e de D. Rosa Augusta de França primos em 2.º grau. T.º de Sousas do Pigarro, § 1 n.º 7. Teve

Vitor Manuel de França, faleceu solteiro.

§ 14.º

Luiz José de França, filho bastardo de Manuel Freire Bettencourt e França, § 10 c. c. Maria de Jesus de França, f.ª de... Teve

11 Luiz José de França
11 Ricardo José de França c. c. D. Maria Carlota Marcial, filha de Nicolau Marcial e de D. Pulquéria Augusta Marcial, T. de Marciais § 1 c. g.

Luiz José de França c. c. D. Gerarda Pimenta, filha de Francisco Bettencourt da Silva Pimenta e de D. Gerarda Marcial. Teve

Maria de França nasc. 1868.

C.º F. M. V.

Cousas de ontem e de todos os tempos

LIBERDADE DE VOTO NO SÉCULO XVI...

« Eu Elrey faço saber a uos L.^{do} g.^{ar} da nobregua q ora his por ouuidor a Capitania e Jurdição do f.^{all} da minha ilha da madr.^{a} q por eu ser enformado q algũas p.^{as} na dita cidade do f.^{all} ao tempo do fazer das eleições sobornauão e induzião a outras p.^{as} q desẽ suas vozes por ellas por entrarẽ nos ofiçios da Cam.^{ra} e tão bẽ o pedião a outrẽ do q se seguia a dita Cidade non ser asim bem regida e gouernada como lhe cumpre asim na razão pasey minha prouizão ao L.^{do} fr.^{co} jorge ouuidor q foy da dita Capitania per q lhe mandaua q fisese apregoar na dita çidade e publicar nas audiençias q qualquer p.^{a} q pedise uoz p.^{a} entrar nos ofiçios da dita Cam.^{ra} non ouuese en nhũ tpõ ofiçio de julgar e quẽ a pedise p.^{a} outrẽ q sua voz não ualese e até diso pagase vinte cruzados ametade p.^{a} os cativos e outra ametade p.^{a} quẽ o acusasse, e pq eu hey por bem q a dita prouizão se cumpra uos mando q a ajais ou o treslado della q estava no l.^{o} da Cam.^{ra} E entodo a fazei cumprir e guardar como se nella contem e dai a deuida execução as penas nella conteudas enq.^{to} na dita Capitania estiuerdes p. ouuidor dando apellação e agrauo, pq eu o hey asim p. bem fernão da Costa o fez en euora a XXIIj de Setembro de 1534. Rej.

« Foi tresladado do ljuro do registro que esta Camera desta

sidade e cosselho todo per mim Antonjo de payva escryuão dela e escriuão abaxo asinado aos des de mayo de seis centos e nove annos. Pero De Barroz, Autonjo de payua.»

(Do *Tombo velho* fl. 88, e *R. G.* Tomo I fl. 367v e 368)

VENDEDORES AMBULANTES EM 1778

«O Doutor Juiz de Fora Vereadores Procurador do Concelho, e os dos Misteres do Senado da Camara desta Cidade do Funchal da Ilha da Madeira, &. Fazemoz saber que atendendo Nóz ás geraes e repetidas queichas, notorioz e grauiçimoz prejuizoz que tem cauzado aos Mercadores, e mais Pessoas desta Cidade a multiplicidade de Adellos, e adellas que andão vendendo por ella, e pellos Campoz, todas as qualidades de fazendas que lhes ofrecem os dittos Mercadores, e mais Pessoas que negoceão, sepondo enganadamente que por aquelle meyo lhes dão mais peronta extração, quando pello contrario suçede perderem muitoz as proprias fazendas sem as poderem aver dos referidoz adelloz por cerem Pessoas distituidas de bens, e por iço sem abonação algua; seguindoçe mais continuas dezinquietaçois; e incomodos aos donoz das fazendas nos respetivos requirimentos dos Miniztroz, e a virgoaçoins que estes se uem ovorigadoz fazer, nas quaes lhes fazem tomar muita parte do tempo precizo para outroz despachoz indispençaveis; E para se evitar todo o referido se acentou por Acordão de 28 de Agosto proximo paçado, que nenhũ adello, ou adella da publicação deste em diante possa vender por esta cidade, villas, e campoz da Ilha, sem licença p.ª a qual precederá fiança cham e abonada, da mesma forma que para fiança digo que para outras quaisquer vendas; e que nenhũa Pessoa entregue fazendas aos dittos adellos, sem que primeiro lhes mostre as dittas licenças pellas quaes amicamente poderão vender o que lhes he concedido pellos Alvaras Regioz de 19 de Mr.º de 1749 e 21 de Abril de 1751 tudo em obseruancia das

leys respetiuas e posturas deste Senado, o que asim mandamoz se observe subpena contra as pessoas que entregarem fazendas aos referidoz adelloz que não tiuerem licença de as perderem sendo-lhes achadas e de não poderem obrigalloz a que lhes pague; e contra os dittoz adelloz a pena de seis mil reis e tres mezes de cadeya aplicadas as fazendas e pella digo e pena pecuniaria para o denunciante, e conçelho; e para que chegue esta Notiçia de todoz será este apregoado nas praças publicas desta cidade e afichado em hua dellas. Dado em Camara sobre nossoz signais e sello do Concelho aos 28 de Agosto de 1778, João Agostinho Telles de Menezes, escriuão da Camara o fis escreuer. Andrade. Leme. Vasconcelloz. Teixeira. Manoel de Souza Henriques. João Carlloz de Nobriga. Lugar do Sello, João Agostinho Telles de Menezes escriuão da Camara o fiz registar do proprio q. foi publicado hoje 12 de 7bro de 1778 e asignej.»

(Dos *Editaes da Camara*, L.º 2.º, pág. 3 e 4)

Estudantes da Ilha da Madeira na Universidade de Coimbra, nos anos de 1573 a 1730

O distinto sacerdote micaelense Fr. António do Presépio Moniz, há pouco falecido, tendo durante algum tempo residido na cidade de Coimbra, empregou os seus ócios em extrair dos arquivos da Universidade os nomes da todos os madeirenses e açoreanos, que freqüentaram aquêle estabelecimento de ensino superior no largo período decorrido de 1573 a 1730. Com êsses nomes organizou alfabèticamente uma longa e interessante relação, que não só contém apreciáveis elementos para a biografia de muitos filhos ilustres das Ilhas Adjacentes, como também nos fornece uma valiosa informação acêrca do número relativamente avultado de estudantes naturais dos Açôres e Madeira, que naquela época cursaram a Universidade de Coimbra. Compõe-se essa relação de 589 nomes, pertencendo 276 à Madeira, 149 à Ilha de S. Miguel, 108 à Terceira, 24 ao Faial, e os restantes 32 às outras ilhas açoreanas. Vê-se que proporcionalmente à população, foi muito mais elevado o número de alunos madeirenses que freqüentaram a Universidade, naquêle período de tempo, do que os das diversas ilhas do arquipélago dos Açôres.

Pela respeitável família do nosso distinto e malogrado amigo padre António do Presépio, residente na cidade de Ponta Delgada, foi-nos obsequiosamente facultada a relação, que a seguir se publica, deixando aqui consignado, por tal motivo, o nosso reconhecimento. F.

1 Agostinho de Atouguia, filho de António de Atouguia, *Cânones* - 1579 - 1586.

2 Agostinho de Ornelas de Vasconcelos, filho de Manuel Ferreira Drumond, *Cânones* - 1698 - 1702.

3 Aleixo Caldeira, filho de Jácome Caldeira, *Cânones* - 1608-1617.

4 Álvaro de Meireles, filho de Luiz de Meireles, *Cânones* - 1581.
5 Álvaro Vaz da Costa (bacharel) filho de Rui da Costa, *Leis* - 1578 - 1584.
6 Amaro de França Uzel, filho de Teotónio Martins de França, *Medicina* - 1723 - 1727.
7 Ambrósio de França e Ataíde, filho de Teotónio Martins de França, *Cânones* - 1723 - 1728.
8 André de Couto, filho de Jerónimo Pires, *Cânones* - 1629 - 1635.
9 André Pereira de Aguiar (Padre) filho de Paulo de Oliva, *Cânones* - 1703 - 1709.
10 Antão Manuel Teles, filho do licenciado Roque Fernandes Teles, *Cânones* - 1669 - 1706.
11 António de Aguiar, filho de Diogo Gonçalves, *Teologia* - 1581 - 1589.
12 António de Aguiar, filho de Nuno Gonçalves, *Teologia* - 1594.
13 António de Aguiar e Sá, filho de Diogo Afonso de Aguiar, *Cânones* - 1685 - 1694.
14 António Caetano de Sousa, filho de Tomaz João de Mesquita, *Cânones* - 1728 - 1730.
15 António da Câmara Leme, filho de Inácio da Câmara Leme *Cânones* - 1677 - 1686.
16 António Correia Barbosa, filho de José Barbosa, *Cânones* - 1680 - 1686.
17 António Correia Bettencourt, filho de Francisco de Bettencourt, *Cânones* - 1683 - 1685.
18 António Correia Bettencourt, filho de Pedro Bettencourt Henriques, *Cânones* - 1681 - 1687.
19 António da Costa Campos Leitão, filho de Manuel Rodrigues da Costa, *Cânones* - 1729.
20 António da Costa Cardoso, filho de João da Costa Cardoso, *Teologia* - 1628 - 1632.
21 António de Couto (Padre) filho de Manuel Gonçalves, *Teologia* - 1642 - 1644.
22 António Espínola, filho de Inácio Espínola, *Medicina* - 1661 - 1666.

23 António de Faria Severim, filho de Manuel de Faria Severim, *Cânones* - 1717 - 1721.

24 António Fernandes Barradas, filho de Matias Fernandes Barradas, *Cânones* - 1709 - 1716.

25 António Ferreira, filho de Francisco Ferreira, *Cânones* - 1625 - 1628.

26 António Ferreira Duarte, filho de Francisco Ferreira Duarte, *Cânones* - 1726 - 1730.

27 António de França e Câmara, filho de Braz da Câmara, *Cânones* - 1658 - 1661.

28 António Francisco, filho de Francisco Fernandes, *Cânones* - 1623 - 1625.

29 António de Freitas Branco, filho de Diogo de Freitas Branco, *Cânones* - 1659 - 1664.

30 António de Freitas Sousa, filho de Manuel de Sousa, *Leis* - 1711.

31 António Furtado de Mendonça, filho de António Nunes, *Cânones* - 1626.

32 António Gonçalves, filho de António Gonçalves, *Teologia*-1573.

33 António Gonçalves, filho de Álvaro Fernandes, *Teologia* - 1595 - 1598.

34 António Gonçalves de Freitas (Padre) filho de Aleixo Gonçalves, *Cânones* -1672 - 1678.

35 António de Lemos, filho do Dr. António Luiz de Lemos, *Cânones* - 1578 - 1588.

36 António Lopes da Silva, filho de Manuel Lopes da Silva, *Cânones* - 1686 - 1692.

37 António Moniz de Meneses, filho de Diogo Gonçalo Pinto, *Cânones* - 1668.

38 António Monteiro de Miranda (Padre) filho de outro, *Teologia* - 1711 - 1719.

39 António Pacheco, filho de Vicente Pacheco, *Leis* - 1635 - 1640.

40 António Pereira Borges, filho de Afonso Pereira Borges, *Cânones* - 1728 - 1730.

41 António Pereira da Silva, filho de Francisco de Vasconcelos,

Cânones - 1672 - 1680.

42 António Pereira da Silva, filho de Francisco da Silva, *Cânones* - 1712 - 1719.

43 António Rodrigues Correia, filho de António Rodrigues, *Cânones* - 1695 - 1700.

44 António Rodrigues Rocha, filho de João Rodrigues, *Teologia* - 1608.

45 António Simeão Lôbo e Matos, filho de João Lôbo de Matos, *Cânones* - 1726 - 1730.

46 António Valente de Sampaio, filho de Manuel Valente, *Cânones* - 1663 - 1670

47 António Veloso de Lira (Padre) filho de Manuel Dias de Lira, *Teologia* - 1641 - 1643.

48 António Vieira, filho de José Vieira, *Cânones* 1693 - 1699.

49 António Vieira de Leandro, filho de José Vieira, *Cánones* - 1699.

50 António Vogado, filho de outro, *Teologia* - 1607 - 1610.

51 Atanásio Caldeira, filho de Lucas Caldeira, *Cánones* - 1704-1709.

52 Baltasar Pardo de Ornelas, filho de Manuel de Ornelas, *Cánones* - 1578 - 1583.

53 Bartolomeu Cardoso, filho de André Pires, *Teologia* - 1593.

54 Bartolomeu de Mondragão, filho de António Rodrigues, *Cánones* - 1591 - 1594.

55 Bartolomeu Pacheco de Aragão (Padre) filho de Martim de Freitas, *Cánones* - 1588 - 1593.

56 Bartolomeu do Vale, filho de Sebastião do Vale, *Teologia* - 1588 - 1593.

57 Belchior Teixeira Tavares, filho de António Tavares, *Cánones* - 1624 - 1628.

58 Bento de Matos, filho de Luiz Fernandes, *Cánones* - 1607 - 1614.

59 Bento Pacheco, filho de Martim de Freitas, *Cánones* - 1652.

60 Bento Teixeira de Saldanha, filho de Luiz Dias, *Leis* - 1633-1640.

61 Braz Ferreira, filho de Francisco Fernandes, *Leis* - 1630.

62 Braz de Freitas, filho de outro, *Cánones* - 1634 - 1639.

63 Braz de Seixas, filho de Gomes de Seixas, *Cânones* - 1612.
64 Caetano de Caires, filho de Luiz de Caires, *Cânones* - 1719 - 1724.
65 Cristóvão de Lira e Sousa, filho de Gaspar de Sousa, *Cânones* - 1677 - 1682.
66 Cristóvão Rodrigues, filho de João Gonçalves, *Teologia* - 1607.
67 Diogo de Lira, filho de João de Aveiro, *Cânones* - 1589 - 1591.
68 Diogo Lopes Caldeira (Padre) filho de Manuel Lopes Caldeira, *Cânones* - 1712 - 1720.
69 Diogo Mendes Duro, filho de Manuel Mendes, *Cânones* 1650 - 1656.
70 Domingos de Carvalho, filho de Lopo Dias, *Leis* - 1648 - 1659.
71 Domingos de Figueiredo, filho de Manuel Afonso, *Cânones* - 1622 - 1625.
72 Domingos Leite, filho de Estêvão Leite, *Cânones* - 1702 - 1708.
73 Domingos de Sá Martins, filho de Baltasar Martins, *Cânones* - 1706 - 1713.
74 Estêvão de Abreu Barreto, filho de Manuel Rodrigues Barreto, *Cânones* - 1684 - 1691.
75 Feliciano Fernandes, filho de António Fernandes, *Cânones* - 1688 - 1693.
76 Feliciano Martins, filho de Pedro Martins, *Cânones* - 1629.
77 Felipe de Ocanha Vieira (Padre) filho de Inácio Pimenta, *Cânones* - 1709 - 1717.
78 Felipe do Vale, filho de Sebastião do Vale, *Medicina* - 1595 - 1599.
79 Felipe Vogado, filho de Manuel Vogado, *Leis e Cânones* - 1625 - 1631.
80 Fernão Carneiro, filho de Fernão de Anes, *Cânones e Medicina* - 1601 - 1615.
81 Fernão Favila de Vasconcelos, filho de Diogo de Bettencourt, *Leis e Medicina* - 1611 - 1619.
82 Fernão Gomes, filho de Sebastião Gomes, *Cânones* - 1653.
83 Francisco de Aguiar, filho de António Pires, *Cânones* - 1603 - 1611.

84 Francisco Aguiar de Gouveia, filho de Manuel de Gouveia, *Cânones* - 1642 - 1657.

85 Francisco Álvares Cardoso (Padre) filho de Francisco Alves Homem, *Cânones* - 1677 - 1679.

86 Francisco de Andrade Pereira, filho de José de Andrade Pereira, *Cânones* - 1700 - 1707.

87 Francisco Azevedo de Mendonça. filho de António Nunes de Azevedo, *Leis* - 1624 - 1629.

88 Francisco Bettencourt Correia, filho de Nuno de Freitas da Silva, *Cânones* - 1717 - 1722.

89 Francisco Bettencourt Herédia, filho de António Herédia, *Cânones* - 1714 - 1720.

90 Francisco do Cabo, filho de António Francisco do Cabo, *Cânones* - 1612.

91 Francisco Cabral da Câmara, filho de João Bettencourt da Câmara, *Cánones* - 1672 - 1678.

92 Francisco de Castro, filho de Jerónimo Pires, *Cânones*, 1628 - 1634.

93 Francisco Correia, filho de Pero Correia, *Teologia* - 1573 - 1579.

94 Francisco da Costa, filho de Lourenço da Costa, *Cânones*. 1683.

95 Francisco da Costa Jardim, filho de Lourenço da Costa Jardim, *Cánones* - 1684 - 1691.

96 Francisco de Espínola, filho de Cristóvão de Leça, *Leis e Cánones* - 1585-1691.

97 Francisco Fernandes Coelho, filho de Manuel Fernandes Coelho, *Leis e Cánones* - 1727 - 1729.

98 Francisco de Figueiredo, filho de Rui de Figueiredo, *Leis*-1636.

99 Francisco de França e Andrade, filho de Simão de França, *Cánones* - 1714 - 1719.

100 Francisco Gonçalves, filho de Diogo Gonçalves, *Leis*-1577-1583.

101 Francisco Luiz de Miranda, filho de António de Miranda Espínola, *Leis* - 1717.

(Continua)

Sucessão da Casa da Calheta

A pág. 53 dos *Documentos para a história das Capitanias da Madeira* escrevemos a seguinte nota:

«A capitania do Funchal, também chamada da Calheta por virtude do condado dêste título, andou na varonia e primogenitura dos Câmaras de Lôbos até à morte de João Gonçalves da Câmara, 8.º donatário e 4.º Conde, filho de Simão Gonçalves e de sua segunda mulher a Condessa D. Maria de Meneses, nascida do consórcio de Rui Mendes de Vasconcelos, 1.º Conde de Castelo Melhor, com D. Isabel de Meneses, filha de António da Silva.

«João Gonçalves, 8.º donatário, casara com D. Inês de Meneses, viúva do 2.º Conde dos Arcos e filha de D. António de Meneses. Dêsse matrimónio não houve geração. Assim a sucessão da casa da Calheta se diferiu, com dispensa da Lei Mental, à irmã mais velha D. Mariana de Lencastre, que herdara também do seu avô materno a casa de Castelo Melhor; seu marido, João Rodrigues de Vasconcelos e Sousa, tomou por isso o título de 2.º Conde.

«Tudo isto são coisas mais ou menos sabidas, com que não valeria a pena enfadar o leitor, se não viesse a propósito referir um facto pouco conhecido: a pretensão que, nessa altura, teve à Capitania e Casa da Calheta o 1.º Marquês de Niza e 5.º Conde da

Vidigueira, D. Vasco Luiz da Gama. Era êle cunhado também do último donatário, pois tinha casado com outra irmã de João Gonçalves, D. Inez de Noronha, que mais tarde, já viúva, se meteu carmelita em Santo Alberto de Lisboa, conforme relatam alguns genealógicos.

«Na Tôrre do Tômbo *(C. Cron. P. 2.ª M. 347, D. 178)* está a petição para a demanda e a resposta do Procurador da Coroa.

. . . . . .

«No arquivo da Câmara Municipal do Funchal creio dever existir alguma coisa sôbre êste caso da sucessão, mas não me é possível verificá-lo agora.»

. . . . . .

Transcreve-se depois um ms. da Biblioteca da Universidade de Coimbra, que se refere a êsse negócio e onde se fala de outro pretendente, além dos Nizas: "o soldado infante", sem mais identificação.

A *Sentença*, que vamos reproduzir adiante, e que é extraída do *Registo Geral* da C. M. F. tomo 9, fl. 38 v.º e seg.ª, esclarece alguns pontos dêsse curioso pleito, em que figuraram os Condes de Castelo Melhor, como réus, os Marqueses de Niza, como autores, e, como opoente, Francisco Gonçalves da Câmara e Ataíde e sua consorte. Vem incluída numa carta de confirmação da Capitania do Funchal ao Conde de Castelo Melhor, de 28 de Agôsto de 1738, e está repetida mais adiante nesse tomo (fl. 126 e seg.ª) no registo das doações do mesmo conde, confirmadas por carta assinada pela "Real Mão" em 13 de Março de 1748.

O seguinte quadro mostra o grau de parentesco entre os pretendentes à sucessão:

Simão Gonçalves da Câmara, o Magnífico, 3.º Capitão-donatário.

C. 1.ª vez c. D. Joana Valente — C. 2.ª vez c. D. Isabel da Silva

João Gonçalves da Câmara, 4.º Cap. C. com D. Leonor de Vilhena. — Luiz Gonçalves de Ataíde, Sr. da Ilha Deserta. C. c. D. Violante da Silva.

Simão Gonçalves da Câmara, 5.º Cap. e 1.º Conde da Calheta. C. c. D. Isabel de Mendonça. — Simão Gonçalves de Ataíde. C. c. D. Isabel de Albuquerque.

João Gonçalves da Câmara, 6.º Cap. e 2.º Conde. C. c. D. Maria de Alencastre. — Francisco Gonçalves da Câmara. C. c. D. Felipa Coutinho. (Opoentes)

Simão Gonçalves da Câmara, 7.º Cap. e 3.º Conde. C. 2.ª vez c. D. Maria de Meneses

João Glz da Cam.ª 8. Donatário e 4.º Conde S. G.	D. Mariana de Alencastre, mulher do Conde de Castelo Melhor. (Réus)	D. Inez de Noronha, mulher do Marquês de Niza. (Autores)

SENTENÇA

«Acordam em rellação &. &. Vistos os autos e Alvará do dito Senhor por que mandou remeter a este Juizo a dicizam de esta Cauza que vagou por morte do Conde Cappitam ultimo pesuidor della. Libello dos Authores os Marquezes de Niza contrariedade dos Reos os condes de Castel milhor, Artigos de opoziçam de Francisco Gonsalves da Camara de Athayde, e sua molher Dona Felipa Coutinho contrariados pellos Authores e Reos Replicas, e treplicas papeiz documentos, e provas juntas respostas do Procurador da Coroa. Alegam os Authores por sua parte haver sido o Conde João Gonsalves da Camara ultimo pesuidor do Condado, e Caza da Calheta, e fallecer sem deyxar Filhos, nem algum outro descendente e ser a Marqueza Autora sua Irmaã inteira por filhos do Conde Si-

mam Gonsalves da Camara e sua molher Dona Maria de Vasconcellos. alegam outrosim estar a dita Caza dispensada na Ley mental e na confirmidade da dita dispensassam e se defere a sucessam a Irmaâ que for habel e capás della a qual he a dita Autora e não a Ree a Condeça de Castel melhor; porquanto pella Instituição que fez o Conde Ruy Mendes de Vasconcellos seu avô ha na dita Caza incompatibilidade real em comprimento do qual em algum tempo nem por momento podem, nem admite juntaremse sua Casa e benz sobre que dispos com a Caza successam e benz da da Calheta, sobre que se trata como se via da Instituiçam que ofereceram em mãos dos Reos; E porque os Reos estavão de posse dos benz, que ficaram do Conde Ruy Mendes seu avo ficavão e se achavão imcapazes e impocebillitados para a sucessam da Caza da Calheta, que por não vagar nem poder estar impendente precizamente se devolvia a sucessam logo por morte do Conde seu Irmão ultimo pessuidor a Marqueza Autora; por se achar a irmaâ habel e capas para a dita sucessam. Pedindo em concluzam de seu Libello julgue a ella Autora por Legitima sucessora da dita Caza declarandose que a Condeça Ré está incapacitada para ella; e que seja condenado o Procurador da Coroa Large a ella Autora por lhe pertencerem os benz juridiçõiz com tudo o mais, e tittullo de Conde assim e da maneyra que pessuhio o Conde seu Irmão ultimo pesuhidor; do tempo da sua morte athé real entrega e que tendo tomado os Reos pose alguma a largem; Por parte dos oppoentes se allega ser o oppoente descendente legitimo, e por varonia do primeyro Acquirente Joam Gonsalves Zarco, e o parente varam mays chegado ao Conde ultimo pessuhidor, o qual parentesco e callidade delle nam negam os Autores, e Reos, e se prova pella sentença de justeficação, e outros documentos e ter a merce da concessam de que se trata feita pelo Infante Dom Henrique ao primeyro acquirente inperpetuum, e para seus filhos ascendentes, e descendentes varões lidimos, e em satisfaçam de grandes serviços feitos ao dito Infante, bemfeitorias, e despezas feitas na dita Ilha e ser o primeyro que a foy povoar pellas quaes razõens o mesmo Infante pedio ao Senhor Rey

Dom Affonço a comfirmação da dita merce, o qual a comfirmou, e na comfirmidade della se deve deferir esta successam a elle oppoente o qual outro sim allega que sendo quarto netto em ordem, e pella descendencia varonil do primeiro acquerente ao parente varão mays chegado ao ultimo pessuhidor se lhe devolueo a dita successam e nam a Autora, nem Re por serem femeas tambem alega que o Senhor Rey Dom Affonço quinto como superior a ley mental podia a principio na comcepção, e comfirmação, da dita merce alterar a despoziçam da dita ley em parte ou em toda a favor do primeyro acquerente, e varõez lidimos seus descendentes, e que a disposição da dita ley feita pello Senhor Rey Dom João o terceyra não prejudica a elle opoente por ser feita com a declaração de se haver de emtender não havendo varão lidimo por descendencia da forma da primeyra doação e merce com que nam ficava tendo lugar a dita dispençação havendo varão lidimo que hera elle opoente, e que so se poderia verificar no cazo com que por falta de varão vagasse para a Coroa por quanto a dita dispençassam foy para ficar mays amplificada a dita admitindo femeas na falta de varão, e que nem a tal merce do dito Senhor Rey Dom Joam o terceyro podia portar perjuizo a ja de antes feita, e comfirmada por seus perdecessores e finalmente, que a dita primeyra merce, que se havia de deferir a dita sucessam, fora feita muyto antes da Ley mental em remoneração de serviços e despezas comcluindo que posto, que a Autora, e Re fossem Irmãas do ultimo possuhidor, e mais chegadas a elle em grão comtudo, que por femeas heram emcapazes da dita successam, e não tinham nella intrancia senão na falta de varão lidimo. Pedindo que a Autora, e Re fossem condenadas a que largassem a elles oppontes os ditos bens, e delles abrissem mam passando lhe carta de successão para assim ser feyta a merce boa que se fez a seu quarto avô em recompença de serviços e grandes dispendios.

Deffendendosse os Reos do libello, e appoziçam com os fundamentos de ser ella Re a Irmãa mair velha do Conde ultimo pessuhidor que nam deixou descendentes, e estar a dita Caza (posto

que da Coroa) despensada na Ley mental para se deferir a sua soccessam a Irmãa como ella Re he do ultimo pessuhidor mais velha a respeito da Autora, e tanto mais chegada em grao a respeito do oppoente, e que ainda que seja pessuhidora dos bens de que dispos o Conde Ruy Mendes de Vasconcellos seu avo não ha nella incompatibillidade real para nam poder succeder, nos de que se trata, nos quaes se não acha para esse fim prohibição, o que tudo visto, mais dos autos dispozição de direyto, e como se mostra ser a Condeça Re Irmãa mays velha do Conde ultimo pessuidor da Caza de que se trata, a qual está despençada na ley mental pello Senhor Rey Dom Joam o terceyro, e chamada a Irmãa do ultimo pessuhidor nam deyxando filho, ou algum descendente como que se verefica o caso para a dispençassem da dita Ley a favor da Ree.

Mostrasse outrosim que comforme a direyto o Conde Ruy Mendes de Vasconcellos não dispos nem podia dispor sobre os benz pertencentes a sucessam de que se trata que se defere pellas doaçons do Infante Dom Henrique e confirmaçoes dos Senhores Reys.

Mostrasse tambem pellas clauzullas da Instituhição do Conde Ruy Mendes de Vasconcellos não ter porhibiçam a imcapacidade ou incompatibillidade real para a dellaçam e intrancia da successam de que se trata nem della lhe podia regular antes pella segunda clauzulla da dita Instituhiçam sucedendo o cazo desta successam na netta mays velha do dito instituhidor estando já pessuhidora de seus bens como com effeito sam os termos prezentes lhe premite e concede intrancia e dellaçam da successam de que trata dispondo da sua na forma que della se vê; de que tudo consta que a Condeça Re he capas para a successam da Cappitania do Funchal da Ilha da Madeyra.

Pello que tudo julgam pertencer a dita Re a dita Cappitania rendas della e jurisdiçoens na forma da doaçam feita pello Infante Dom Henrique comfirmada pellos Senhores Reys deste Reyno, e comfirmidade da Carta que lhe está mandada passar pello dito Senhor como se vê da certidam folhas vinte e duas;

E por tanto mandam que a dita Caza se lhe entregue e com

todos os frutos de que por vertude della lhe pertencem do dia da morte do ultimo pessuhidor athe real entrega e deferindo ao requerimento do Procurador da Coroa nas razoens afinal sobre se haver de declarar se com esta successam se verifica o caso da segunda dispenssaçam por não haver sucedido o caso della e se lhe nam deferem visto os termos dos autos e lhe deyxam seu dyreito reservado para tratar do dito requerimento, quando e pella via que lhe paresser e condemnão aos Autores, e oppoentes nas custas dos autos por iguaes partes. Lisboa vinte e sete de agosto de seis centos, e secenta. ‖ Lemos ‖ Dorta ‖ Pinheyro de Brito ‖ Fuy presente Mouzinho ‖

Danças Madeirenses

No Arquipélago da Madeira, o Povo dança nas romarias, cantando as suas trovas regionais, originalíssimas na forma e no dizer, ao acompanhamento dos velhos motivos da música madeirense, com instrumentos típicos, tais como o machete, o rajão e a viola de arame; no entanto, é lastimável na escolha dos trajes.

Os homens são menos atreitos às innovações, mas já as mulheres tentam-se e perdem-se com as fantasias luxuosas que vêem nas estrangeiras que de contínuo visitam a Ilha.

O povo da Madeira, abandonando os seus fatos característicos, laborou num êrro. Eram incomparàvelmente mais belos, mais cheios de interêsse os antigos fatos de vilão, que tinham a sua razão de ser, do que essa série de fantasias deturpadas e mal ajeitadas que nunca se adaptam, que nada dizem, e que se não explicam nestas montanhas, sendo apenas um grito dissonante na harmonia, talvez monótona, das músicas populares, no cadenciado brando da voz, na languidez dos gestos, nos cenários em que se desenrolam as festas que são o maior deleite dos madeirenses!

É lastimável também que os Municípios não tivessem zelado a conservação dos trajes regionais. As festas e romarias, que ainda

hoje conservam brilho e o entusiasmo dos tempos passados, teriam muito maior realce e um verdadeiro encanto se os romeiros ainda dançassem com o calção de bom linho branco, bota chã com a vira vermelha no cano e o carapuço equilibrado com arte no alto da cabeça; e as mulheres com as lindas saias de lã, às riscas, em côres vistosas, o colete e capa bordados singularmente, a carapuça com

Des. de Alfredo Miguels — Grav. de F. Clairouin

Bonecos de massa das romarias

o seu exagerado bico, enleada em cordões de ouro.

Mas, mesmo que viessem até tempos mais chegados, que conservassem, ao menos, as clássicas calças de serguilha, que ainda usam nos campos, as camisas abotoadas com ouro, e chapéu de abas largas; e elas as suas saias de roda, os lenços de côres vistosas, os chailes atirados com graça sôbre um ombro! As sedas, as mantilhas e até espaventosos chapéus segundo os caprichos da ele-

gâncio parisiense, é que brigam, num contraste horrível, com os corpos, os usos e a terra ...

Tanto as trovas como as danças madeirenses variam em cada freguesia.

Se os motivos principais se mantêm, a-pesar-de tudo, em todo o Arquipélago, no entanto há variações que chegam a parecer divorciadas do tema, e sem com êle conservar contactos. Há regiões, por exemplo, onde dançam apenas ao som da música e noutras dançam e cantam ao mesmo tempo obedecendo ao compasso da orquestra.

Nas danças dos vilões madeirenses notam-se ainda remotas origens, quer dos mouros, quer dos castelhanos, e que, infiltrando-se nas antigas danças portuguesas dos povoadores, criaram os bailados regionais. O cunho português, muito embora, predomina no sentimento, na dolência, nos gestos e na escolha dos cenários.

Os antigos usos e costumes dos Povoadores, que ainda hoje se reflectem bem nítidos na vida da Madeira, muito se assemelham com os de algumas províncias continentais, em particular o Minho e o Algarve. As lindas saias de lã, em côres vistosas, onde sôbre um fundo rubro-sangue caiem verticalmente, paralelas e alternadas, riscas azues, brancas, amarelas, roxas, verdes e negras, o ouro que aglomeravam ao pescoço e cosiam nos coletes ou enleavam nas carapuças, tôda essa mescla de côr dos antigos fatos das viloas não será, porventura, influência do Minho?

Os estrangeiros que se fixaram nas Ilhas dêste Arquipélago, bem como os mouros que vieram como escravos e todos os outros elementos, foram absorvidos pelo predomínio português, que se impôs e dominou plenamente. Em todo o caso, da infiltração dêsses vários elementos e da adaptação de todos às exigências e condições da região, é que resultou o tipo característico do madeirense, que ainda perdura bem definido.

*

Na *Ala-moda*, que ainda par vezes vagamente revive, entravam em duas filas os vilões e viloas.

Os passos eram fáceis. Logo depois dos primeiros compasssos, que eram acompanhados com o bater do pé, estalidos com os dedos ou palmas, firmavam o pé esquerdo e estendiam a perna e o pé direito, que logo num movimento rápido, vinha encostar-se a meio do pé esquerdo; então, ràpidamente, êste recuava, levantando-se para descer, assentando no chão com fôrça, para se erguer o direito e descer batendo também com energia; é depois o esquerdo que se levanta e se estende para a frente, voltando atrás para encostar-se a meio do outro, que recua, se levanta e volta a assentar, batendo. Não tem portanto alterações e verifica-se que é um tempo ternário.

O passo de romaria, que então ainda hoje é vulgar, não passa de uma marcha simples e levemente pulada, avançando ora o pé direito, ora o esquerdo, alternados e muito ràpidamente.

Ás vezes é um autêntico passo de polca, bem pulado.

Assim vão seguindo caminho ao som das violas de arame, machetes e rajões.

A rabeca e as concertinas também costumam fazer parte da orquestra, enfeitadas com flores, ramos de mangerico e fitas de côres.

Neste passo vão, quási andando, braços ora no ar, ora na cintura. Não usam castanholas, mas não dispensam os estalos com os dedos, as palmas e os apupos dissonantes. Homens e mulheres fazem, êles em volta do chapéu de abas, elas ao pescoço ou a tiracolo, rosários de pêras passadas. Também usam umas defeituosas bonecas e animais fantasiosos, feitos de massa bem carregada de açafrão, enfeitados com papéis de côres.

As mulheres, por vezes, enleiam no braço os rosários de pêras e conservam o chaile de lã, dobrado, sôbre o ombro e não largam o lencinho de renda ou bordado em que trazem o clássico ramo de mangerico ou ervas aromáticas e perpétuas.

Nas *Danças antigas*, escolhido um largo ou terreiro para o *brinco*, acomodavam-se os da música a um lado e então, após os

primeiros compassos, entravam os vilões, em duas filas, vindo as raparigas à direita e os homens à esquerda.

O passo era dado ao som da música, saltando levemente e batendo o pé a compasso, ou clássico passo ternário. Depois repetiam um movimento de avançar e recuar, de forma a que ficassem nas duas filas, alternadamente, um homem e uma mulher.

Des. de Alfredo Migueis Grav. de F. Clairouin

Vilão da Madeira

(Segundo um pastor de barro das lapinhas)

Daqui, sem interromperem, formavam uma roda e sem se tomarem as mãos, que hora levantavam dando estalos com os dedos, ora as poisavam airosamente nas ilhargas.

Esta roda girava e por muitas vezes numa bicha, voltando depois às linhas primitivas, cada sexo para seu lado. Repetiam os passos de marcha em constantes movimentos de avanço e recuo, batendo com força o compasso com o pé.

Num dêsses avanços as viloas deixavam-se ficar no centro, em roda, e os homens organizavam outro círculo que envolvia o primeiro; e logo prosseguiam dançando, porém cada roda em sentido diverso, até que se desfaziam essas rodas, ao mesmo tempo, formando duas filas que recomeçavam o movimento de avançar e recuar. Repetiam então a figura dos vilões e viloas entremeados em uma só fila, que volteava o terreiro e se ia dividindo em quatro rodas, cada roda em seu canto.

Umas voltas, uns apupos, palmas, uma trova às vezes ripostada, e de novo regressavam, ao mesmo tempo, à voz do vilão marcante—que tanto podia fazer parte do bailado como estar de fora.

Quando se desfaz esta figura regressam às filas do princípio, de onde as raparigas partem a formar nova roda ao centro e os homens, ficando em linha, uns atrás dos outros, executam o *passo* sem avançar, e enquanto a roda das mulheres gira sôbre a esquerda. Quando entende oportuno o vilão marcante dá *a voz* e lá vão os homens, cortando a roda em zig-zag, e detendo-se quando encontram a viloa que é sem par. As raparigas deixam um espaço de forma que a bicha passe e haja lugar depois para o seu par. Durante o voltear da roda o *passo* das mulheres era batendo primeiro o pé direito com fôrça, em seguida o esquerdo e logo os dois, cada qual por sua vez, mas em duas pancadas muito rápidas, num só tempo. Os homens seguiam em marcha pulada, a compasso, dando palmas, meias voltas, e gritos dissonantes.

Desde que o último vilão chegou junto do seu par, desfaz-se a roda e voltam à forma inicial, homens e mulheres em fila, êles à esquerda, elas à direita, e com a música à frente lá seguiam caminho.

Funchal, Setembro de 1931.

Visconde do Pôrto da Cruz

Posturaz feitaz na forma da Ley este anno de 1738

Em os dezoito dias do mez de Julho de mil Setecentos e trinta e oito annos nesta Cidade do Funchal da Ilha da Madeyra nas Cazas do Senado da Camara della aonde estavam presentes o Juiz por bem da ordenaçam e Ayres Telles de Menezes Alencastre o o veriador Nuno de Freytas da Silva e procurador do Conceilho Miguel da Camara Leme e os procuradores dos misterez Manuel Fernandes ouffical deSirieyro Domingos de Cairoz oufficial de Alfayate Antonio Ferreira oufficial de Sapateyro e sendo assim todos juntos como dito he naz ditas cazas da Camara ahy comvocaram o Juiz do povo com os seuz vinte e coatro nobreza e homenz bons da Governança para acrecentarem e emmendarem e fazerem de novo as posturaz tayxaz que forem necessariaz para o bom regimen do bem commum desta Cidade e Ilha por se não poderem observar em parte as posturaz antigas as quaez Posturaz e tayxas se fizeram na forma e maneyra seguinte &.

TITULO SOBRE A TAYXA DOS BARCOS E FRETEZ

Todo o arraiz de barco de Carreyra ou outro qualquer barco

terâ cabos de linho para vararem e trarâ hu martelo, verruma pregos e nam vararam com outro cabo senam com o de Linho salvo se vier vazio e posto que venha vazio vindo nelle algum passageiro que pague frete nam vararam com outro cabo sem seu consentimento preguntandolhe primeyro sob penna de quinhentos reiz por quaiquer destas couzas que nam cumprir.

Os Arraiz de barcos de Carreyra ou outros quaesquer da jurisdiçam desta cidade levaram de fretes o seguinte a saber hindo daqui para Camara de Lobos ou vindo do dito porto para esta cidade não levaram mais de frete por cada huma pessoa que vinte reiz e huma canastra que leve hum alqueyre de pam para cima ou cesto de vendima dez reiz. E por hum Saco com Sinco alqueyrez de trigo dez reiz. Por huma pipa cheia cento e vinte. Por huma vazia vinte reiz e a esse respeito os quartos e coartollas. Por hum Boy vivo cento e sincoenta reiz. Por hum Carneyro vinte reiz. Por hum porco vivo sincoenta reiz. Por hum porco morto trinta reiz. Por hum feixe de arcos vinte e cinco reiz. Por hum feixe de canaz vinte e sinco reiz. E os quartos de Carne arenquez Barriz de farinha e todo o maiz quarto se reputarâ pello preço que lhe he dado a quartolla de vinho e os quartos de Sardinhas se reputara pello preço que he dado ao coarto de vinho e o quarto de Cal e de Linho se reputarâ por pipa de vinho. E por cada quintal de Gesso hum vintem e Bacalhao hum vintem e levando maiz dos sobreditos pressos que asima ficam mencionadoz os ditos Arraiz haveram de pena mil reiz por cada huma das vezes que for comprendido e repor a demazia que tiver Recebido de maiz do que fica taxado; e querendo alguma pessoa fretar algum barco para o dito porto hindo desta cidede ou vindo para ella levara cada hum dos homenz que for no barco cem reiz por hida e volta e poderâ levar duaz athe trez pipas e hindo carregado com fato e mercadoriaz se darâ a cada hum a cento e vinte reiz e se farâ conta de hum quinhão para o barco.»

(Segue-se, com pequena diferença, a mesma disposição quanto

aos fretes para os portos da Tabua, Ribeira Brava e Campanário, vila da Ponta do Sol, Ponta do Pargo, Paul e Jardim, para os dois portos do Caniço e ainda os portos da vila de Santa Cruz, Machico ou Caniçal, cujos preços por passageiro são respectivamente de 50, 60, 80. 100, 30, 40 e 50 reiz.)

«E porque do porto do Canissal e Machico custumam vir alguns barcos carregados com Lenha curta, que costumam a vender nesta cidade como tambem de Santa Cruz nam levaram maiz de frete por cada corssada que os boeyros carregarem neste Calhao duzentos reiz e por cada hum pezo de Lenha que trouxerem outenta reiz e por cada milheyro de tanxoens outocentos reiz e isto debayxo da mesma penna do Capitullo primeiro cento e sinco dos fretes cuja he ametade para o Conceilho e ametade para o denunciante.

E outro sim todo o arrais de barco que andar a frete seram oubrigados os quais forem desta Jurisdiçam a darem fiança nesta Camara sob pena de dous mil reis de a qual fiança a daram em Janeyro e haver certidam do escrivam da Camara de que a tem dado e debayxo da mesma penna saram oubrigados a retificar a dita fiança pello mes de Junho cuja penna he ametade para o Conceilho e ametade para o denunciante.

Todo o arrais de barco de carreira q̇ for a pedreira do Cabo Giram a buscar hum barco de pedra nam levaram mais que dois mil reis por cada barco.

TAYXA DA LENHA E GIESTA

Nenhum Almocreve ou outra qualquer pessoa que custuma traser Lenha em bestas ou vender a esta cidade nam Levara mais de sincoenta reiz por cada carga de Lenha de jumento que nam saram menos da sincoenta paos sendo grossos, e delgados cem paõs, e sendo de Macho ou mulla outenta reis que nam saram menos

de outenta paôs sendo grossos, e sendo delgados cento e secenta paôs sob pena de quinhentos reis e a Lenha perdida e toda a pessoa que trouxer Lenha a esta cidade a vender a Cabeça a venderâ cortada a rasam de paô delgado meyo real e sendo grosso real o qual terá de comprido dous palmos e meyo, como tambem terâ o mesmo comprimento a Lenha que vier em bestas, e por nenhuma maneyra serâ a dita Lenha armoniada, e sendoo haverâ a dita condenaçam e perderâ a dita Lenha, e sendo Lenha que venha em Bojs a vender não trarâ menos cada pezo de quinze paôs de comprimento cada hum de des palmos, e cada hum de grosura de dous palmos e meyo por todo, e sendo Lenha delgada trarâ vinte palmos digo vinte paôs e do mesmo comprimento, e de dous dous palmos em redondo de grosso, e nam Levaram mais por cada peso tanto de huma como de outra de tresentos reis sob a dita penna.

E porque costumam tambem algumas raparigas e rapazes trazerem a esta Cidade a vender Giestas em que dam muyta perda aos donos das terras donde as Colhem por ser em tempo emque estam com a bajinha por cuja razam nenhuma pessoa poderâ cortar, nem mandar cortar as ditas giestas no tempo em que principiarem a tomar flor athe lhe cahir a semente da bajinha sob pena de mil reis ametade para o denunciante e a outra para o Conceilho, sob a dita pena nenhuma pessoa das que costumam vir vender Giesta a esta cidade não venderam por mais de sinco reis cada maranho.

TAYXA DO PAM

Quem amassar para a praça farâ pam de des reis e de vintem sob pena de cem reis cujo pam terâ o peso na forma e maneyra seguinte.

Valendo o trigo a 160 rs terâ o pam Alvo de vintem 24 onssas e meya e o de des rs doze onças e duas outavas.

E sendo o pam de toda a farinha pesarâ o pam de vintem 32 onssas e huma outava que he mais a terça parte do que hade ter o pam alvo e a esse respeito o de des rs hade ter dezaseiz onças e meya outava.

E valendo o trigo a 180 rs alqueyre terâ de peso o pam alvo de vintem vinte e huma onça e meya e o de dez rs a este respeito ametade, e de toda a farinha se lhes acrecentarâ mais a terça parte na forma que dispoem o Capitullo asima e a esse respeito o de dez reis Seguindo a mesma regra nos mais perços abayxo.

Valendo o trigo a 200 reiz terâ o de vintem 19 onças e meya.

Valendo o trigo a 220 terâ dezasete onças e meya.
Valendo o trigo a 240 reiz terâ quinze onssas e meya.
Valendo o trigo a 260 rz terâ quinze onssas e meya.
Valendo o trigo a 280 rz terâ quatorze onças e meya.
Valendo o trigo a 300 rz terâ treze onssas.
Valendo o trigo a 320 rz terâ dose onssas.
Valendo o trigo a 340 rz terâ onze onssas.
Valendo o trigo a 360 rz terâ dez onssas.
Valendo o trigo a 380 rz terâ nove onssas.
Valendo o trigo a 400 rz terâ outo onssas.
Valendo o trigo a 420 rz terâ sete onças e meya.
Valendo o trigo a 440 rz terâ seis onssas.
Valendo o trigo a 460 rz terâ sinco onssas.
Valendo o trigo a 480 rz terâ quatro onssas.
Valendo o trigo a 500 rz terâ tres onssas.

Nam se venderam farellos por mayor presso em tempo nenhum por caro ou barato que esteja o trigo por mayor presso que de secenta reiz alqueyre sendo de coatrocentos reiz parassima e dahi para bayxo a sincoenta reiz alqueyre sob pena de duzentos reiz.

TAXA DA CAÇA E CARNES

Toda a Caça se venderâ pella forma e maneyra seg.te

A perdiz velha a cento e vinte reiz.
A nova a outenta reiz.

O coelho velho a quarenta reiz. (1)

Os novos a vinte reiz.

Os Lapros a dez reiz.

Os pombos da Serra a outenta reiz.

As pombas a trinta reiz.

Huma Galinha velha a duzentos reiz.

Huma franga grande emfeitada a cento e sincoenta.

Huma meya franga a cem rz.

Huma franga pequenina Sincoenta rz.

Hum Capam grande cento e sincoenta reiz.

Hum meyo Capam cem rz.

Hum frango coarenta rz.

Os hovos a doze por Sincoenta reiz.

Hum Perum velho setecentos reiz.

A Peruma velha seizcentos rz.

A este respeito os meyos peruns e meyaz Perumas. Perunz pequenos a duzentos rz.

A carne de Carneyro não se venderâ por mayor presso de corenta reiz o aratel sendo o Carneyro grande e morto a faqua, e e para se conhecer não lhe cortaram o rabo.

A carne do porco se venderâ a sincoenta reiz o aratel botando cada quarto arroba, e dahi parassima, e não chegando ao dito pezo a coarenta o aratel. (2)

Não se venderâ carne de porca por porco sob penna de quinhentos reiz pagos da Cadea, ametade para o denunciante a outra para o Conceilho, a qual nam se venderâ por mayor preço de trinta reis o aratel.

A carne de chibarro e Cabra senam venderâ por mayor preço de vinte reiz o aratel sendo morto a faca. (3)

(1) No *Livro das Vereações* de 1484 (ff. 16 v.°) vê-se que Lançarote Álvares foi condenado por ter nam domingo antes da missa, comprado 2 coelhos por mais de 12 rs. cada um.

(2) Em 1481 e 1482 a carne de porco fôra tabelada a 7 rs. o arrátel, e a de porco da serra a 6 rs. *(Livro das Vereações).*

(3) Em 1481 e 1482 vendia-se a 45 rs. o quarto. *(Idem).*

E toda a pessoa que quizer comprar as sobreditas couzas não darâ mayor presso em tempo nenhum do que fica taxado e sendo cazo que os donos daz sobreditas couzas asima declaradas lhe nam queyram vender pello presso taxado lhe poderam tomar dando o dinheyro na forma dos ditos pressos e sendo [cazo] que as ditas pessoas o nam queyram tomar [por quererem] mayor vallor o depositarâ na mam do seu vezinho e nam emcorrerâ porisso em pena alguma nem os donos das sobreditas couzas por esse respeito se poderam aggravar a Justiça e fazendo ha veram a penna de douz mil reiz pagos da Cadea por quererem levar mayor preço do que aquelle que lhe he taxado e se fica evitando o roubo que geralmente costumam fazer nos pressos que podem sam deferentes hunz aos outroz.

A carne de vaca se nam venderâ por mayor presso de trez Libraz por cem reiz, e sendo cazo que por alguns mezes do anno haja falta daz ditas carnes em tal cazo poderam os veriadorez despençar no preço della comforme lhe paresser a pena emposta pella Ley.

TAXA DOS SAPATEIROS

Hunz Sapatos de homem de outo pontos para sima feitos de Cordavam com palmilha e solla de fora bemfeitos nam levaram mais de setenta rz.

E sendo feitos de bezerro de fora na mesma forma asima declarada nam levaram maiz de outocentos rz.

E sendo feitos hunz e outros com duas sollaz fora a palmilha levaram novecentos rz.

Por hunz sapatos de menino athe outo annos que nam chegue a pontos sendo feitos de Cordavam com palmilha e solla de fora bemfeitos nam levaram mais que trezentos reiz e de hum ponto athe trez [treze]ntos e cincoenta e sendo de Coatro athe [.....] pontos quinhentos e seiscentos rz.

Tabeliãis e notários das Comarcas do Funchal

Relação da qual consta, quaes forão os Tabaliains que servirão no Cartorio que hoje se acha exercendo por mim Tab.ªm Simão Ant. Alex. de Macedo.

1 Jorge de Alvarenga
2 Manoel da S.ª Freire
3 Pero de quintal
4 Sebastião de Jesuz
5 Francisco Reis de Araujo
6 Manoel da Sylva Pereira
7 Alexandre Moreira
8 André Gonsalves
9 Manoel Teixeira Pereira
10 Luiz Gonsalves Brandão
11 Manoel Alfedrique
12 Antonio de Torrez
13 Francisco Cardoso da Cunha

14 Manoel Rois quarezma
15 João Bapt.ª Machado
16 Pedro Nogueira
17 Francisco Correa
18 Fran.co da Mota Burio
19 Antonio Lopez Rocha
20 Manoel de Faria Caldeira
21 Antonio Gonsalves Boim
22 Antonio Ferreira
23 João da S.ª
24 Ironimo Cordeiro
25 Domingoz da Costa
26 Manoel Escorcio de Mendonça
27 Domingoz de Abreu Florença
28 Manoel Roiz Pedreira
29 Pedro Gonsalves Correa
30 Francizco Cotrim Mis
31 Domingoz da Corte, e Abreu
32 Bartholomeu Fernandes

Não se compoi de mais Tabaliains o referido Cartorio, de que tão sómente, os que constão da presente rellação, a qual dei a pedido do Secretario da Santa Caza da Mizericordia desta Cidade, e por Ordem que me deu da parte do Excellentissimo S.r G.al F.al 27 de Abril de 1786.»

O Tab. de Notas Simão Antonio Alex.r de Macedo»

Posteriormente acrescentaram:

«33 Simão Antonio Alex.r de Macedo
34 Fran.co de Paula Medina entrou em Junho de 1801
35 José Fran.co de Andrade 1823
36 Mathias gomes de Sousa 1827»

»

«Lista que dá o Notario Manoel Ant.º de Olivr.ª dos Nottarios que

servirão no cartorio que ocupa:

1	Manoel de Tavira	1571 the
2	João de Tavira	1591 the 1599
3	João luis boteilho	1599 the 1602
4	Pedro Gonsalves Nogueira	1600 the 1604
5	Alexandre de Amorim	1625 e 1679 the 1684
6	Sebastião de Teves	
7	Jorge de Andrade	1604 the
8	Thomas Ferreyra Escorcio	1702 the 1703
9	Manoel Soares Sandre (?)	1628 the 1629
10	Manoel de Morais	
11	Francisco Jordão de Morais	1637 the
12	Manoel de Faria Caldr.ª	1627 the
13	Jorge Pinto da Costa	1600 the 1616
14	Manoel da S.ª Ferr.ª	1657 the
15	Antonio Frr.ª	1679 the 1681
16	Pedro de quintal	1616 the
17	Bras Roiz da S.ª	1639 the 1643
18	Felippe Roiz Cunha	1703 the 1724
19	Antonio Lopes Rocha	1678 the
20	Amaro Per.ª Tavares	
21	Manoel Marques de Lima	1698 the 1671 (sic)
22	Antonio Rodrigues quaresma	1659 the 1673
23	Antonio Dias Barr.to	1728 the 1755
24	José Joaq.m da S.ª	1761 the 1779
25	Fran.co João Rabelo	1771 the 1779
26	Henrique José dos S.tos	1779 the 1785

M.el Ant.º de Olivr.ª »

Acrescentamentos posteriores:

27	M.el Antonio de Olivr.ª	the 1787
28	Manoel Joze Telles	1787 the 1792

29	Jacinto Henrique Telles	1792 the
30	Ant.º Hq.ºs Telles	1828
31	Joze Joaquim de Matos	1832 »

»

«Rellação, ou mapa dos Tabaleães que escreverão nos livros das notas q hoje existem no Cartorio de que he hoje Tabalião Fran.co Ignacio X.er

1 Francisco Correa
2 Ant.º Gliz Boim
3 Domingos da Costa
4 Gonsalo de Brito
5 Manoel Henriques da S.ª
6 Ironimo Cordeiro de S. Payo
7 Jorge de Alvarenga
8 Antonio Ferreira
9 Manoel Ribeiro
10 Salvador Gliz
11 Fran.co da Mota Burio
12 Fran.co Cordozo
13 João da Silva
14 Fran.co Frz Barros
15 Fran.co Roiz do Canto
16 An.to Luis Burio
17 João Baptista Machado
18 Bartholomeu d'Affonceca
19 An.to Glz Cidrão
20 João Tavira
21 Salvador dos Santos
22 Fran.co Miz Cam
23 Manoel Roiz Pereira
24 Thome Roiz Silva
25 Andre de Sousa

26 Domingos Joze de Freitas
27 Florencio Fran.co Max.do Correa
28 Fran.co Ignacio Xavier •

Em adiantamento:
• Florindo de Metrio
Joze da Costa Leal •

•

• Lista dos Tabaliains q̇ tem servido na Nota que actoalm.te serve Antonio Rz do Carmo e Costa

L.os q̇ escreveo

1 Francisco da Motta Burio desde o anno de 1557 the
4 Antonio Lopes desde 1561 the 1579
21 Salvador de Araujo desde 1590 the 98
1 Antonio Carvalho desde 1599 the
1 Pedro Nogueira desde 1600 the
7 João da Sylva de 1601 the 1606
Gonçallo de Britto d.º tp.º
10 João Luis Botelho desde 1607 the 609 e tornou desde 1618 the 1624 - e desde 628 the 630
3 Luis Goncavez (sic) Brandão desde 1628 the 1636
1 Manoel Teixr.a Pr.a de 1629 the 630
João Velho escrev. no m.º L.º
Francisco de Ar.º escreveu no m.º L.º
24 Luis Gonçalves 1635-36-38-59-64 (à margem: adiante outro do mesmo nome)
17 Fran.co Roiz (sobreposta, a abreviatura Glz) 1621-24-25-27 the 29 e 1632 the 1635
7 Francisco Mendes Pinto
Bras Roiz da Sylva
de 1636 the 39
1 Diogo Lopes 1698
1 Manoel de Morais de 1637
4 Gonçallo de Britto de 1611 the 1612

1 { Sebastião de Teivez de 1604 the 1606
Luis Gonsalves no d.º tp.º retro outro do mesmo nome
17 Manoel Fernandes S.ª desde 1664 the 671
4 Antonio Roiz Quaresma de 1662 the 673
4 Manoel Rois Quaresma de 1674 the 677
7 Antonio Lopes Rocha 1677-682 e 689 the 690
14 { Felippe Roiz Cunha / Valentim Serrão } 1691 the 1703
5 Manoel Barros e Olivr.ª 1682 the 689
3 Henrique Teixeira de 1728 the 736
5 João Soares de Faria Severim de 1703 the 1709 (à margem: the 31 de Julho)
19 Luis Soares de Faria Severim desde 1709 the 3 de 7bro de 1728
1 Thome Gons.es de Andr.ª 1633
1 Manoel da S.a Ferr.a desde 1612 the 613
M.el da S.a Ferr.a (sic)
Manoel Rz Pereira
Ignacio das Neves S.ª e Mello
Antonio Rz do Carmo e Costa
Januario Fran.co da Costa f.º do asima.»

(Arquivo Distrital do Funchal. Documentos avulsos da Santa Casa da Misericórdia.)

Foto de Perestrelos

Grav. de Marques Abreu

Desposórios de S. José

(Quadro da igreja paroquial da Madalena)

O nosso património artístico

São, por assim dizer, desconhecidas do público, as obras de arte dispersas e ocultas nas igrejas e capelas da diocese do Funchal.

Aparte a cruz processional da Sé, a de prata da igreja de Gaula, a "Adoração dos Reis" atribuída a Grão Vasco, da paroquial de Machico, o políptico da sacristia de S. Pedro, estudado pelo sr. Teixeira Gomes nas *Cartas sem moral nenhuma* e um ou outro quadro citado pelo sr. Marquês de Jácome Correa, como o da sacristia de Santo Iago Menor,—bem podemos dizer que o resto, e muito é ainda, nunca mereceu as honras dum rápido exame, nem duma simples referência nas gazetas.

Revelamos hoje, em fotogravura *hors-texte,* um belíssimo quadro da igreja da Madalena do Mar, tábua dos fins do século XV, com 50 cm. de altura por 40 de largo. Representa, segundo a tradição, o casamento de S. José, mas as duas figuras parecem antes retratos, podendo presumir-se que se trata de Henrique Alemão, príncipe polaco, conhecido pelo *Cavaleiro de Santa Catarina,* e sua mulher Senhorinha Anes. Henrique Alemão teve vastas terras de sesmaria na Madalena, em tempo de Zarco, e a sua origem nórdica condiz com a fisionomia do retratado.

Desta pintura, que se aproxima da escola neerlandesa, não se conhece ainda o autor. Ao saber e perícia dos entendidos deixamos a solução do assunto.

DE REBUS PLURIBUS

ARQUIVO DISTRITAL DO FUNCHAL

O *Diário do Govêrno*, 1.ª série, de 30 de Julho, publicou, rectificado, o decreto 19952, cujo art.º 9.º, alínea *i*, cria o Arquivo Distrital do Funchal, com a categoria de arquivo geral, técnica e administrativamente dependente da Inspecção das Bibliotecas e Arquivos Nacionais.

Segundo o art.º 12, o Arquivo Distrital do Funchal é constituído nos termos dos artigos 26 e 27 e seus parágrafos, que passamos a transcrever.

«Art.º 26—A Inspecção das Bibliotecas e Arquivos promoverá a criação de um arquivo distrital em cada sede de distrito do continente e ilhas adjacentes, com excepção das que já os possuem, destinado a recolher, instalar, inventariar e facultar à consulta dos estudiosos, os núcleos documentais dispersos no respectivo distrito.

§ 1.º Em cada um dêstes arquivos serão encorporados:

a) Os cartórios paroquiais;

b) Os cartórios notariais;

c) Os cartórios das Sés, colegiadas e cabidos;

d) Os processos cíveis, crimes e orfanológicos findos;

e) Os papéis dos extintos mosteiros, existentes nas inspecções e repartições de finanças;

f) Os papéis das repartições extintas e serviços cessantes;

g) Os documentos das congregações religiosas extintas em 1911, ainda em poder das comissões locais de administração dos bens das igrejas.

h) Todos os documentos que, nos termos da lei geral do País, devem recolher aos arquivos do Estado.

§ 2.º As câmaras municipais, confrarias, Misericórdias, hospitais, ou outras entidades poderão depositar, no todo ou em parte, os documentos dos seus cartórios no arquivo distrital da sede do distrito ou nos arquivos gegerais do Estado.

Art.º 27— A menos que o Estado disponha de edifício próprio que destine para êsse fim, a instalação dos arquivos distritais a criar nos termos dêste decreto far-se-á em edifícios ou dependências convenientes para tal fim, cedidos ao Ministério de Instrução Pública pelas Juntas Gerais dos distritos ou pelas comissões executivas dos municípios locais, a cujo cargo ficarão a respectiva adaptação e as despesas a fazer com a aquisição e conservação

do mobiliário e a acomodação das colecções encorporadas.

§ 1.º Os directores dos arquivos distritais serão nomeados pelo govêrno, e os seus vencimentos, como os do restante pessoal, ficam a cargo das corporações administrativas, sempre que a lei não determine o contrário.

§ 2.º As Juntas Gerais, ou, quando estas não o possam fazer, as comissões executivas dos municípios locais, inscreverão no seu orçamento, de acôrdo com a Inspecção das Bibliotecas e Arquivos, uma verba anual destinada a despesas de material e expediente do respectivo arquivo distrital, bem como a vencimentos do pessoal, quando estes estiverem a seu cargo.»

Desnecessário se torna salientar a importância dêste notável diploma, que reformou profundamente o serviço das bibliotecas e arquivos portugueses. E no que respeita à criação do Arquivo Distrital do Funchal, com a amplitude que a lei lhe atribue, cremos não exagerar dizendo que êste instituto de cultura regional veio satisfazer uma das maiores necessidades do distrito, já porque a sua existência impedirá de futuro a deterioração e perda das espécies documentais valiosas, já porque, como organismo vivo, facilitará aos estudiosos a consulta delas, promovendo a sua publicação, interpretação e comentários.

O Arquivo Distrital foi regulamentado pelo Dec. 20690, publicado no *Diário do Govêrno*, 1.ª série, de 30 de Dezembro de 1931.

ARQUIVO DA SANTA CASA

A Santa Casa da Misericórdia do Funchal ofereceu já para o Arquivo Distrital, todo o seu valioso tombo, que se guardava no edifício do Hospital de Santa Isabel.

Esta importante resolução foi comunicada à Junta Geral pelo presidente da Confraria da Santa Casa, em ofício lido na sessão de 15 de Outubro, tendo logo aquêle corpo administrativo nomeado, para os respectivos trabalhos de inventário e catalogação, o director e o secretário desta revista.

Entre os documentos manuscritos daquêle arquivo, encontraram-se os processos dos Resíduos e Capelas, que se julgavam perdidos. Sôbre êste assunto se pronunciou a imprensa, salientado-se a importância do achado. Além de dois telegramas, publicou o *Diário de Notícias* de Lisboa uma entrevista com o director dêste boletim, escrita pelo sr. Alfredo Camacho, e o *Diário da Madeira* um excelente artigo firmado com a inicial *C.* (1)

(1) O sr. dr. Rui da Câmara.

A CAPELA DE SANTO ANTÓNIO DA MOURARIA, SITA NA ALFÂNDEGA

Entre os processos do Juízo dos Resíduos e Provedoria das Capelas, agora encontrados no arquivo da Santa Casa da Misericórdia do Funchal, figura o que respeita à capela de missas e sutrágios instituída em 1714 pelo Desembargador João de Aguiar, os quais deveriam realizar-se na ermida de Santo António da Mouraria, que fica dentro da alfândega desta cidade.

O testamento do Dr. João de Aguiar, transcrito no mesmo processo, fornece portanto apreciáveis esclarecimentos acêrca daquela ermida, embora da sua leitura se não conclua que tenha sido êle o fundador, mas sim a pessoa que promoveu ali o início do culto religioso. Reproduzimos, a seguir, uma parte do referido instrumento, que a êste assunto traz novidade:

«... hé minha vontade que o meu Corpo seja enterrado na Ermida de Santo Antonio da Mouraria, sendo o Illustrissimo Senhor Bispo servido conceder licença para se sagrar, e diser Missa, digo e diser nela Missa, a qual está sita dentro da Alfandega, e quanto á Confraria, que nella se erigir, não hé minha intençam intrometerme e ser sugeita ao Eclesiastico, ou Secular, e assim se seguirá o que o ditto Senhor Ordenar, ou Sua Magestade, que Deos Guarde, e se porá sobre a minha Sepultura huma Campa grande e se porá o Letreiro Aqui Jaze o miseravel Pecador João de Aguiar Desembargador Provedor, que foi nesta Ilha...» (fl. 6)

O Provedor e mais oficiais da alfândega, *de Feitores para cima*, seriam os administradores do legado de 50$000 para uma missa cotidiana nessa capela de Santo António, *a hora que lhe assignar o Provedor*. Êste encargo pio não foi sempre cumprido, pelo que cento e oito anos depois, os administradores das Misericórdias de Lisboa e desta Ilha fizeram a denúncia ao Corregedor e Provedor dos Resíduos e Capelas, sendo depois os bens encorporados na Fazenda Nacional.

Quanto à sepultura do Desembargador, é de crer que ela ainda exista, o que se não pode fàcilmente verificar, porque o chão da antiga capela, hoje dependência dos serviços fiscais, está oculto inteiramente por um estrado de madeira.

ARQUIVO HISTÓRICO DA MADEIRA

O 1.º número do 2.º volume desta revista publicar-se-á no proximo mês de Março. Será órgão do Arquivo Distrital do Funchal, e editado pela Junta Geral do Distrito.

BIOGRAFIA DUM MADEIRENSE

Subordinado à epígrafe *Ensaio Biographico do Padre António João de Lessa*, publicou-se na cidade do Rio de Janeiro (Paiva, Henriques & C.ª Rua Riachuelo, 24), no ano próximo passado de 1929, um elegante volume de 162 páginas, que encerra uma desenvolvida biografia do sacerdote madeirense, cujo nome dá o título ao livro, natural da freguesia da Madalena do Mar, onde nasceu a 1 de Junho de 1774, tendo falecido na cidade de Cantagalo, Brasil, a 12 de Abril de 1858. António João de Leça saíu da Madeira, já presbítero, por 1808, época em que várias famílias madeirenses se foram estabelecer na povoação da pequena vila de Cantagalo, que em breve se transformou numa cidade de relativa importância, tornando-se o centro duma próspera região comercial e agrícola. O padre Leça passou uma parte considerável da existência em Cantagalo, onde exerceu as suas funções eclesiásticas e onde adquiriu uma avultada fortuna, mas passou largas temporadas na cidade do Rio de Janeiro e em outros pontos do Brasil, dedicando-se com ardor à política interna do país, em que alcançou um grande prestígio, especialmente nas lutas que precederam e prepararam a independência brasileira, que muito ficou devendo à sua influência, à sua actividade e ainda à sua fortuna pessoal. Foi eleito deputado às cortes constituintes, em que tomou uma parte muito activa, sendo depois também eleito para várias sessões legislativas das côrtes gerais. Representou a cidade do Rio de Janeiro no parlamento, na sessão legislativa de 1834 a 1837, o que prova o prestígio e consideração de que gozou na capital do império brasileiro.

O «Ensaio Biographico» do padre Leça é escrito por um seu sobrinho-neto Carlos Ribeiro Leça, que em linguagem correcta, fluente e elegante traça os episódios mais salientes da vida agitada e operosa dêste membro ilustre da sua família. *F.*

UM CARREGAMENTO DE ESCRAVOS DA GUINÉ

Ao tombo da Câmara Municipal do Funchal pertencem vários mss. subordinados ao título de *Livros para os despachos da Casa da Saude*, todos do século XVIII. São preciosos para o estudo da nomenclatura geográfica em língua portuguesa e para uma estatística das mercadorias importadas, como esta, por exemplo, que não era das menos valiosas:

«Em 28 de Ag.to de 1752 chegou ao Porto desta Ilha a Balandra nomeada duas Irmans vinda de Biçao com escala p.le de Santa digo p.le Ilha de Santa Maria de q he Capp.am Antonio Hendel e tras 19 pessoas de obrigação; com carga de escravos p.a Patrício Ignis aprezetou carta de saude, e debaxo de juram.to dos Santos Evangelhos, declarou vindos d.os Portos donde havia boa saude, e não sabe haja doensa em p.te alguma; e não se achou coiza q impidisse a intrada, neste Porto, e como asim o declarou o fis este termo q assinou. João Caetano de Oliveyra Escrivão do despacho da saude o fis.»

(À margem): «Em 29 de Ag.to de 1752 pelo Guarda mor da Saude abaxo asignado, e Medico partidista se fizerão as delig.as costumadas aos Escravos desta Imbarcação q. herão cento e tres; e p.a constar fis esta declaração. Oliv.a ff. 99.»

O TESTAMENTO DO INFANTE

Publicando o interessante artigo do nosso colaborador sr. António Ferreira de Serpa, *O Arquipélago da Madeira nos mapas e portulanos do século XIV*, tão cheio de curiosas sugestões, cumpre-nos todavia ressalvar a nossa opinião quanto à frase *novamente achei* do testamento do Infante, a qual julgamos não ter a significação moderna de *outra vez*. Salvo melhor parecer, o sentido daquela expressão é o corrente na época, quando ainda se não

dera a evolução semântica que lhe contrariou o significado.

O BRASÃO DA CIDADE

A Câmara Municipal do Funchal oficiou recentemente à Associação dos Arqueólogos Portugueses, no sentido de esta douta corporação estudar e reformar o brasão do seu concelho, no qual se notam, em documentos de diferentes épocas, divergências quanto às peças que o compõem, e às suas côres e esmaltes. Ao mesmo tempo facultou, como elementos de estudo, cópias de alguns desenhos e decalques de pesos e sinetes O sr. Afonso de Dornelas, presidente da secção de Genealogia e Heráldica daquela Associação, prometeu não só interessar-se por êste assunto, como também conseguir um brasão para a Ilha da Madeira, que até hoje nunca teve, ao contrário do que sucede com o Arquipélago dos Açôres.

*

O sr. Afonso de Dornelas já leu, na Associação dos Arqueólogos, o seu parecer acêrca do brasão da vila de Santa Cruz, da Ilha da Madeira.

ACADEMIA NACIONAL DE HERÁLDICA E GENEALOGIA

Com esta designação foi há pouco tempo fundado no Pôrto um organismo destinado a valorizar devidamente a heráldica e a genealogia perante a História.

A direcção compõe-se dos seguintes senhores: Presidente, dr. Vasco Valente; Vice-Presidente, dr. Armando de Matos; 1.º secretário D. Fernando de Tavares e Távora; 2.º secretário, Conde de Campo Belo; tesoureiro, Matias Lima; bibliotecário, Manoel de Sampaio Pimentel.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Miscelânea. Oeiras (Rua João Teixeira Simões, 31). Revista editora. Director: Rogério de Figueiroa Rêgo.

Ilustração Moderna. Pôrto (Avenida Rodrigues de Freitas, 310). Publicação bimestral. Director-Editor: Marques Abreu.

Gil Vicente. Guimarãis (Rua Egas Moniz, 87) Revista literária de cultura nacionalista. Directores: D. José Ferrão e Manoel Alves de Oliveira.

Revista de Guimarãis. Guimarãis (Sociedade Martins Sarmento). Trimestral.

Presença. Coimbra (Olivais). Fôlha de Arte e Crítica. Directores: José Gaspar Simões e José Régio.

História. Lisboa (Rua das Flores, 13). 2 séries. Director: Henrique de Campos Ferreira Lima. Publicação trimestral.

Labor. Aveiro (Liceu de José Estêvão). Revista mensal de educação e ensino e extensão cultural. Directores: José Tavares e Álvaro Sampaio.

Arquitectura. Lisboa (R. Maestro Taborda, 22-3.º). Revista de Construção, Decoração, Belas Artes e Arqueologia. Director: Francisco Costa.

Revista del Centro de Estudios Extremeños. Badajoz (Palacio de La Diputation Provincial). Publicação trimestral.

Estudos. Coimbra (Couraça de Lisboa, 28). Revista mensal de cultura e formação católica. Editor: Herménio Cardoso Inácio.

Ilustração Madeirense. Funchal (Rua do Phelps). Publicação trimestral. Director: Visconde do Pôrto da Cruz.

Anais das Bibliotecas e Arquivos. Lisboa (Biblioteca Nacional). Revista trimestral de bibliografia, biblioLogia, biblioteconomia, bibliotecografia, arquiviologia, etc. Director: Dr. Júlio Dantas.

A Língua Portuguesa. Lisboa (Rua das Flores, 11) Revista de Filologia. Director: Rodrigo de Sá Nogueira.

Feira da Ladra. Lisboa (Rua de Santana à Lapa, 77). Revista mensal ilustrada. Director: Cardoso Marta.

A Nosa Terra. Idearium das Irmandades da Fala. Director: Victor Casas. Corunha (Galiza). Fermin Galán, 36-1.º

Índices

Documentos e artigos

António de Abreu, o descobridor das Ilhas de Maluco, não é António de Abreu, natural da Madeira e Capitão duma nau da Índia em 1523 . . . 21

Arquipélago (O) da Madeira nos mapas e portulanos do século XIV (por António Ferreira de Serpa) 125

Arquivo Histórico do Município do Funchal 1, 49 e 97

Aula (A-propósito-da) de Desenho e Pintura . . { As catorze figuras duma tela (pelo P.e Fernando da Silva) / Três Cartas (Dr. Rocha Madail, Dr. Carlos de Carvalho e Cap. Jorge de Sampaio) } 67

Aula (Creação e funcionamento da) de Desenho e Pintura do Funchal 36

Capelas de Santa Cruz (pelo C.º Meneses Vaz) 92

Cousas de ontem e de todos os tempos 12, 64 e 142

Danças madeirenses (pelo V.de do Pôrto da Cruz) 158

De Rebus Pluribus . . . . . 48, 96 e 178

Estudantes da Ilha da Madeira na Universidade de Coimbra, nos anos de 1573 a 1730 (com uma introdução pelo P.e Fernando da Silva) 145

Ex-Libris relacionados com a Madeira . . . 88
Famílias da Madeira e Pôrto Santo: Franças (pelo C.º Meneses Vaz) 129
Gafaria (A) de S. Lázaro e a sua confraria . . 107
Imposto (O) de S. Tiago e a procissão do voto segundo os manuscritos do tombo municipal . . . 4
João Nepomuceno de Oliveira ou o poeta J. N. O. 100
Manuscrito (Um) quinhentista italiano, que trata do Arquipélago da Madeira (com uma introdução pelo Dr. J. L. de Brito Gomes) 117
N.ª S.ª do Monte (O verdadeiro retrato de) . . 63
Nosso (O) património artístico 177
Poeta (Um) madeirense na "Fénis Renascida" Francisco de Vasconcelos Coutinho. 54
Posturaz feitaz na forma da Ley este anno de 1738 164
Posturas q fizeram os officiaes do anno de oiteta e sete . . . . . 15 e 73
Relação dos Capitãis de Infantaria conforme o Livro 1.º dos "Juramentos e Menagens" 1627-1684 78
Sucessão da Casa da Calheta 151
Tabeliãis e notários das comarcas do Funchal 171
Testamento de D. Francisco Soares de Cisneiros 29

Os artigos, notas e comentários não assinados são da autoria do director.

Gravuras

António Rodrigues Garcez (Retrato do Dr.) Fotograv. de M. Abreu. Quadro de Nascimento . . 42

Armas do Funchal no séc. XVII (Xilogr. de Malho) . . . . . *Frontispício*

Armas da Vila de Santa Cruz (Des. e xilogr. de Pereira) . . . . . *Fecho*

Bonecos de massa das romarias (Des. de A. Migueis. Zincograv. de Fernando Clairouin) . . 159

Brasão dos Morais na capela do Santíssimo da igreja paroquial (Santa Cruz) Des. de M. Römer Xilograv. de Malho 92

Brigadeiro Jorge Frederico Lecor (Retrato do) Fotograv. de M. Abreu. Quadro de Rocha . . 46

Carta de João Gonçalves da Câmara. Fotograv. de Bertrand, Irmãos 96-97

Conde do Carvalhal (Retrato do 1.°) Fotograv. de M. Abreu. Quadro de Rocha 36

Desposórios de S. José. Foto. de M. Abreu 176-177

Ex-libris de H. S. Wilbraham. Fotograv. de M. Abreu 88

Fôlha 1.° do 1.° tomo do Registo Geral. Fotograv. de M. Abreu 1

Francisco de Vasconcelos (Assinatura de) Xilogr. do Cap. A. A. Câmara 55

Instinto (O) magnetiza Almas Ilustres. Fotograv. de M. Abreu. Quadro de Nascimento 34

Jacinto Feliciano de Oliveira (Retrato do Capitão) Fotograv. de M. Abreu. Quadro de Rocha . . . 44

João Nepomuceno de Oliveira (assinatura de) Xilograv. de Pereira 104

João Nepomuceno de Oliveira (miniatura) Fotograv. de M. Abreu 101

Mapa da Ilha da Madeira num ms. italiano Fotograv. de M. Abreu 120-121

Matilde Augusta de Medina e Costa (Retrato de D.) Fotograv. de M. Abreu. Quadro de Rocha . . . 39

Ruínas da Capela de S.ta Catarina (Santa Cruz) Des. de M. Römer, Xilograv. de Malho . . . 94

Selvagens (Desenho das Ilhas) Xilogr. de Pereira . . . . . 122 e 123

Verdadeiro (O) retrato de N.ª S.ª do Monte Fotograv. de M. Abreu. Quadro de Nicolau João 63

Vilão da Madeira. Des. de A. Migueis. Zincograv. de Fernando Clairouin 162

ERRATA

Página	Linha	Êrro	Emenda
4	nota 2.ª	*os outros Santos*	*os Santos*
13	14	*toi*	*foi*
48	23	*plebèismo*	*plebeísmo*
71	5	*1795*	*1785*
98	7	*Labão*	*Lobão*
99	27	*regisrarão*	*registarão*
102	10	*consutara*	*consultara*
103	2	*Matília*	*Marília*
107	10	*com se*	*com que se*
117	9	*cóvice*	*códice*
117	15	*intressava*	*interessava*
118	13	*encontrei:*	*encontrei*
118	14	*Tarriani*	*Torriani*
141	última	*Maria*	*12 Maria*
156	13	*dispençassem*	*dispençassam*
160	1	*elegâncio*	*elegância*
162	9	*hora*	*ora*
163	7	*sem par*	*seu par*
165	27	*cidede*	*cidade*
166	5	*reiz*	*reis*

E mais alguns que não nos ocorrem agora, mas que o leitor poderá fàcilmente corrigir.

Des. e grav. de Pereira

Armas da Vila de Santa Cruz